

# Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento em 40 Anos de CBCE

Volume 2

## Memórias da educação física e esporte

Anderson da Cunha Baía  
Pedro Athayde  
Larissa Lara  
Organizadores

SÉRIE  
**CBCE**  
40 ANOS

  
edufnrn

Ciências do Esporte, Educação Física  
e Produção do Conhecimento  
em 40 Anos de CBCE

**Reitor**

José Daniel Diniz Melo

**Vice-Reitor**

Henio Ferreira de Miranda

**Diretoria Administrativa da EDUFERN**

Graco Aurélio Câmara de Melo Viana (Diretor)

Helton Rubiano de Macedo (Diretor Adjunto)

Bruno Francisco Xavier (Secretário)

---

**Conselho Editorial**

Graco Aurélio Câmara de Melo Viana (Presidente)

Judithe da Costa Leite Albuquerque (Secretária)

Adriana Rosa Carvalho

Anna Cecília Queiroz de Medeiros

Cândida de Souza

Fabrcio Germano Alves

Francisco Dutra de Macedo Filho

Gilberto Corso

Grinaura Medeiros de Moraes

José Flávio Vidal Coutinho

Josenildo Soares Bezerra

Kamyla Álvares Pinto

Leandro Ibiapina Bevilaqua

Lucélio Dantas de Aquino

Luciene da Silva Santos

Marcelo da Silva Amorim

Marcelo de Sousa da Silva

Márcia Maria de Cruz Castro

Marta Maria de Araújo

Roberval Edson Pinheiro de Lima

Sibele Berenice Castella Pergher

Tercia Maria Souza de Moura Marques

Tiago de Quadros Maia Carvalho

---

**Editoração**

Helton Rubiano de Macedo

**Revisão**

Caule de Papiro

(Ricardo Alexandre de Andrade Macedo -

Joyce Urbano Rodrigues)

**Diagramação**

Caule de Papiro

(Rejane Andréa Matias Alvares Bay)

**Capa**

Unijui (Alexandre Sadi Dallepiane) e

Caule de Papiro

Anderson da Cunha Baía  
Pedro Athayde  
Larissa Lara  
*Organizadores*

Ciências do Esporte, Educação Física  
e Produção do Conhecimento  
em 40 Anos de CBCE

Volume 2

Memórias da educação física e esporte



Natal, 2020

## Projeto da Direção Nacional do CBCE

*Gestões 2017 a 2019 e 2019 a 2021*

Vicente Molina Neto – Presidente  
Pedro Fernando Avalone Athayde – Diretor de GTTs/Vice-Presidente  
Larissa Lara – Diretora Científica  
Romilson Augusto dos Santos – Diretor das Secretarias Regionais  
Elisandro Schultz Wittizorecki – Diretor Administrativo  
Victor Julierme da Conceição – Diretor Financeiro

*Gestão 2017 a 2019*

Mauro Myskiw – Vice-Presidente  
Allyson Carvalho de Araújo – Diretor de Comunicação

*Gestão 2019 a 2021*

Christiane Garcia Macedo – Diretora de GTTs  
Silvan Menezes dos Santos – Diretor de Comunicação

*Editores da Coleção*

Larissa Lara  
Pedro Fernando Avalone Athayde

Coordenadoria de Processos Técnicos  
Catalogação da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

Memórias da educação física e esporte [recurso eletrônico] / organizadores  
Anderson da Cunha Baía, Pedro Athayde, Larissa Lara. – Natal, RN : EDUFRN, 2020.  
148 p. : il., PDF ; 820 Kb. – (Ciências do esporte, educação física e produção do  
conhecimento em 40 anos de CBCE ; 2)

Modo de acesso: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/1/6222>  
ISBN 978-65-5569-033-0

1. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. 2. Educação física – Brasil. 2.  
Esportes – Brasil. I. Baía, Anderson da Cunha. II. Athayde, Pedro. III. Lara, Larissa

RN/UF/BCZM

2020/07

CDD 796.0981

CDU 796(81)

Elaborado por Gersonide de Souza Venceslau – CRB-15/311

Todos os direitos desta edição reservados à EDUFRN – Editora da UFRN  
Av. Senador Salgado Filho, 3000 | Campus Universitário  
Lagoa Nova | 59.078-970 | Natal/RN | Brasil  
e-mail: [contato@editora.ufrn.br](mailto:contato@editora.ufrn.br) | [www.editora.ufrn.br](http://www.editora.ufrn.br)  
Telefone: 84 3342 2221

# Sumário

Apresentação.....	7
<i>Anderson da Cunha Baía</i>	
Capítulo 1	
Conversa com a professora Eustáquia Salvadora de Sousa: formação, atuação e experiências no CBCE.....	15
<i>Andrea Moreno</i>	
<i>Maria Cristina Rosa</i>	
Capítulo 2	
A produção do conhecimento em circulação no GTT Memórias da Educação Física e Esporte: análises a partir dos CONBRACEs/CONICEs (2009-2017).....	29
<i>Elisângela Chaves</i>	
<i>Gustavo da Silva Freitas</i>	
<i>Joelcio Fernandes Pinto</i>	
<i>Mateus Camargo Pereira</i>	
<i>Priscilla Kelly Figueiredo</i>	
<i>Sergio Roberto Chaves Junior</i>	
Capítulo 3	
História e historiografia da educação física: práticas científicas em circulação nos CONBRACEs (2005-2017).....	49
<i>Juliana Martins Cassani</i>	
<i>Wagner dos Santos</i>	
<i>Lucas Oliveira Rodrigues de Carvalho</i>	
<i>Felipe Ferreira Barros Carneiro</i>	
<i>Amarílio Ferreira Neto</i>	
Capítulo 4	
O CBCE, as políticas, as ciências: trajetórias de uma história institucional.....	75
<i>Vinícius Demarchi Silva Terra</i>	
<i>Edivaldo Góis Júnior</i>	
<i>Carmen Lucia Soares</i>	

## Capítulo 5

O movimento de constituição dos centros de memória da educação física das universidades federais brasileiras e sua interlocução com o CBCE.....91

*Christiane Garcia Macedo*

*Silvana Vilodre Goellner*

*André Luiz dos Santos Silva*

## Capítulo 6

El GTT “Memórias da Educação Física e do Esporte” como espacio para el establecimiento de diálogos internacionales y recepción de investigadores en el CBCE/Brasil.....107

*Evelise Amgarten Quitzau*

*Paola Dogliotti Moro*

*Pablo Ariel Scharagrodsky*

## Capítulo 7

Educação dos sentidos e das sensibilidades: mais uma moda acadêmica ou possibilidade de renovação no âmbito das pesquisas em história da educação física?.....119

*Marcus Aurelio Taborda de Oliveira*

Sobre os Autores.....137

Sobre os Organizadores.....145

# Apresentação

A obra *Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE* é uma produção acadêmica comemorativa dos 40 anos do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, cujo objetivo é ser referência a pesquisadores no âmbito das Ciências do Esporte e da Educação Física no Brasil em relação a temas representativos do campo acadêmico e que compõem os Grupos de Trabalho Temático (GTTs) da instituição. Conta com a contribuição de renomados pesquisadores que contribuíram/contribuem com os grupos de trabalho temático junto ao CBCE, bem como retoma e registra parte da história/memória do CBCE ao longo de 40 anos a partir de atores sociais que integraram o processo de surgimento da instituição, de seu desenvolvimento e/ou consolidação.

O CBCE, criado em 1978, vem ao longo do tempo contribuindo com a constituição do campo da Educação Física. Sua estrutura em formato de GTT, enquanto instância organizativa das ações do Colégio foi instituída em 1997 e, em 1998, era criado o GTT Memória, Corpo e Cultura, que seria, em 2004, desmembrado, dando origem aos GTTs Corpo e Cultura; e Memórias da Educação Física e Esporte. O GTT *Memórias...* foi implementado em 2005 no XIV CONBRACE, em Porto Alegre (DAOLIO; GOELLNER; MELO, 1999; MORENO; ROSA; SEGANTTINI, 2007).

A criação do GTT *Memórias...* não foi um processo tranquilo dentro do CBCE. Debates marcaram esse movimento. De um lado encontrava-se um grupo que defendia o desmembramento do GTT Memória, Corpo e Cultura, justificando a existência de diferentes grupos dentro do próprio GTT, o que limitava o aprofundamento das discussões. Ainda, na avaliação do grupo, observava-se: o aumento do número de participantes e a criação de grupos de pesquisa e centros de memória; a dificuldade de elaboração de critérios de seleção dos trabalhos, em função da amplitude e imprecisão temática; o esvaziamento conceitual nos debates no GTT; e, por fim, a dificuldade de manutenção de um grupo permanente de pesquisadores participantes (GRUPO..., 2004 apud MORENO; ROSA; SEGANTTINI, 2007). Por outro lado, um grupo que estava na gestão do Colégio defendia a manutenção do estatuto da entidade, o qual definia a natureza dos GTTs, impossibilitando a criação de um grupo de trabalho “disciplinar”. Para Moreno, Rosa e Segantini (2007), o surgimento do GTT *Memórias...* se deu “dentro para fora”, marcado por um grupo de pesquisadores que con-



solidavam seus estudos no campo da História da Educação Física e História da Educação, com publicações frequentes e consistentes, caracterizando certa estabilidade, legitimando, portanto, a solicitação de desmembramento.

Nasce, portanto, o GTT *Memórias da Educação Física e Esporte*, implementado no XIV CONBRACE de Porto Alegre, em 2005, com a seguinte ementa que se mantém: “Estudos das diferentes manifestações dos campos da Educação Física e do Esporte voltados para a preservação da memória e que tenham por base suportes teórico-metodológicos de diferentes campos disciplinares e suas relações com a história como processo” (MORENO; ROSA; SEGANTTINI, 2007; CBCE, 2019).

Ao longo de sua trajetória, o GTT *Memórias...* contou com as contribuições dos seguintes pesquisadores em sua coordenação: Kleber do Sacramento Adão (2004-2005); Andrea Moreno (2005-2007); Maria Cristina Rosa (2007-2009); Meily Assbú Linhales (2009-2011); Edivaldo Góes Júnior (2011-2013); Elisângela Chaves (2013-2015); Evelise Amgarten Quitzau (2015-2017) e Anderson da Cunha Baía (2017-2019).

Os principais estudos sobre a trajetória do GTT, são: Ferreira Neto (2005); Tabora de Oliveira (2006); Moreno, Rosa, Segantini (2007); Chaves *et al.* (2015). No conjunto, essas pesquisas contribuíram com a construção da história do GTT *Memórias...*, seja reunindo e divulgando informações sobre sua constituição, seja realizando levantamentos de estudos que circularam em diferentes edições do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, no que se refere a objetos de pesquisa, fontes, periodizações, referenciais teórico-metodológicos e outros temas recorrentes na constituição do campo da História da Educação Física no Brasil.

Não obstante as diferentes questões levantadas e perseguidas nos estudos acima, ainda podemos elencar temas que, vez ou outra, têm sido levantados por diferentes pesquisadores que marcaram trajetória no GTT. Silvana Goellner, quando coordenadora geral dos GTTs, anunciava que a efetivação dos grupos temáticos visava superar o espaço apenas de apresentação de trabalho para se consolidar como espaço de discussões, que fossem diárias, não apenas no momento do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) (GOELLNER, 1999). Como tem se configurado o GTT *Memórias...* frente ao desafio de constituir-lo como espaço de discussão?

Marcus Aurelio Tabora de Oliveira (2007), no texto *Renovação historiográfica na Educação Física brasileira*, apresenta um levantamento de pontos que julga “problemático” na produção historiográfica dessa educação física brasileira, elencando os seguintes: 1) temas, objetos e problemas; 2) recortes temporais; 3) suportes teóricos; 4) fontes; 5) a circulação dessa produção. Passada mais de uma década do questionamento do pesquisador,

como podemos perceber o campo da Educação Física segundo os temas elencados nas pesquisas que têm circulado no GTT *Memórias da Educação Física e esporte*, no período de 2007 a 2017?

Tema ainda recorrente nas reuniões do GTT *Memórias...* tem sido o esvaziamento de pesquisadores de referência no campo da História da Educação Física e dos esportes. O Relatório de atividades do GTT, quando coordenado pela professora Meily Assbu Linhales (2009-2011), sinalizava a “baixa presença de pesquisadores de referência nas sessões do GTT no CONBRACE”. Questão colocada há quase uma década, parece que é uma demanda o investimento do GTT em procurar compreender os fatores que têm levado a esse afastamento.

Em que pese os esforços a serem empreendidos para garantir uma atuação mais efetiva dos pesquisadores no âmbito do GTT, nos últimos anos temos conseguido aglutinar pesquisadores estrangeiros, os quais têm contribuído com a circulação nesse espaço de conhecimentos que tematizam a História da Educação Física de seus países e suas relações com a História da Educação Física brasileira. Além da presença no GTT, esses pesquisadores têm se integrado ao Comitê Científico do GTT, contribuindo de forma mais intensa com a construção do grupo.

O esvaziamento de pesquisadores referência vem acompanhado de um aumento significativo da presença de pesquisadores que têm construído sua trajetória no campo da Educação Física. Muitos deles são vinculados a pesquisadores que marcaram sua trajetória no GTT *Memórias*, encontrando no GTT um lugar de exposição, reflexão e debate de seus estudos de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado. Um exemplo é a pesquisadora Christiane Garcia Macedo que, com uma trajetória de envolvimento no GTT, encontrou nele um lugar de debate e construção da sua tese *O movimento de constituição dos centros de memória da educação física das universidades federais brasileiras (1996-2014)*. Seu trabalho alinha-se a uma demanda do GTT de conhecer e contribuir com os debates que proporcionem investimentos institucionais na preservação de acervos relevantes para a História da Educação Física e Esporte no Brasil.

Essa coletânea de textos conta com a autoria de diferentes pesquisadores que foram marcantes na existência do GTT *Memórias...* No seu conjunto, contribuem com a preservação de sua História, apresentando sujeitos e movimentos que marcaram sua criação e trajetória; com o mapeamento e análise de suas produções; com a evidência das relações internacionais estabelecidas nessa instância; com problematizações sobre temas ainda pouco explorados no campo da Educação Física.

O primeiro capítulo, intitulado ‘Conversa com a professora Eustáquia Salvadora de Sousa: formação, atuação e experiências no CBCE’, de autoria de Andrea Moreno e Maria Cristina Rosa, conta com uma entrevista com a professora Eustáquia Salvadora de Sousa. Tem como propósito registrar memórias sobre sua participação no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, mais especificamente no Grupo de Trabalho Temático Memórias da Educação Física e do Esporte. A sua intensa, rica e pioneira atuação na Educação Física brasileira, no âmbito do CBCE e em outras frentes de trabalho – envolvendo ensino, pesquisa e gestão – revela não somente sua trajetória pessoal e profissional, como também uma trajetória social da Educação Física.

O segundo capítulo, intitulado ‘A produção do conhecimento em circulação no GTT Memórias da Educação Física e Esporte: análises a partir dos CONBRACES/CONICES (2009-2017)’, de autoria de Elisângela Chaves, Gustavo da Silva Freitas, Joelcio Fernandes Pinto, Mateus Camargo Pereira, Priscilla Kelly Figueiredo e Sergio Roberto Chaves Junior, procura identificar, organizar e refletir sobre os trabalhos científicos encaminhados ao GTT Memórias da Educação Física e Esporte nos CONBRACES/CONICES de 2009 a 2017. Rastreamento dos temas e enfoques dos trabalhos aprovados, foram criados quatro eixos de identificação e caracterização para análises, a fim de vislumbrarmos as recorrências e tendências das pesquisas apresentadas. Para além da importância desse olhar interno, o registro em publicação do próprio CBCE proporcionará maior circulação e projeção das análises e percepções do GTT.

O terceiro capítulo – ‘História e historiografia da educação física: práticas científicas em circulação nos CONBRACES (2005-2017)’ – de Juliana Martins Cassani, Wagner dos Santos, Lucas Oliveira Rodrigues de Carvalho, Felipe Ferreira Barros Carneiro e Amarílio Ferreira Neto, analisa a produção científica do GTT Memórias da Educação Física e Esporte (2005-2017), focalizando o modo como os objetos, as periodizações e as fontes foram delineados pelos autores, bem como as suas redes de colaboração.

O quarto capítulo, intitulado ‘O CBCE, as políticas, as ciências: trajetórias de uma história institucional’, de autoria de Vinícius Demarchi Silva Terra, Edivaldo Góis Júnior e Carmen Lucia Soares versa sobre as estratégias de uma entidade científica identificada com as ciências do esporte e a Educação Física, desde sua constituição nos anos de 1970 até sua contemporaneidade, ressaltando um movimento de deslocamento do CBCE em relação à instituição médica, suas ações perante às políticas públicas

nos campos da ciência, saúde e educação, bem como seus vínculos com outras sociedades científicas, em particular com a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

O quinto capítulo, intitulado ‘O movimento de constituição dos centros de memória da educação física das universidades federais brasileiras e sua interlocução com o CBCE’, de autoria de Christiane Garcia Macedo, Silvana Vilodre Goellner e André Luiz dos Santos Silva toma a História Cultural, a História Oral e os procedimentos do Projeto Garimpando Memórias (CEME/UFRGS) como fundamentos teórico e metodológicos. O objetivo é apresentar uma síntese sobre o movimento de constituição dos centros de memória da educação física das universidades federais brasileiras, focando o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) como um espaço que possibilitou diálogos e ações que fortaleceram a criação desses “lugares de memória”.

O sexto capítulo – ‘El GTT “Memórias da Educação Física e do Esporte” como espacio para el establecimiento de diálogos internacionales y recepción de investigadores en el CBCE/Brasil’ –, de autoria de Evelise Amgarten Quitzau, Paola Dogliotti Moro e Pablo Ariel Scharagrodsky tem como objetivo pensar o GTT “Memórias da Educação Física e do Esporte” como espaço de diálogos internacionais e acolhida de investigadores estrangeiros. Para tanto, o texto rastreia a participação dos pesquisadores estrangeiros nas atividades do referido GTT (2005 -2017), cujas fontes analisadas são os anais do congresso. Identifica-se a participação dos pesquisadores estrangeiros nos comitês científicos e ampliados, suas inserções internacionais, os enfoques utilizados para abordar os problemas históricos, as formas de construir as periodizações, as fontes recorrentes e suas diferentes escalas de análises. Com isso, os autores sugerem possíveis formas de incentivar e facilitar a participação de investigadores estrangeiros no GTT e no CONBRACE, em seu conjunto.

O sétimo capítulo, denominado ‘Educação dos sentidos e das sensibilidades: mais uma moda acadêmica ou possibilidade de renovação no âmbito das pesquisas em história da educação física?’, de Marcus Aurelio Tabora de Oliveira, de caráter teórico-histórico, discute a voga atual de estudos sobre a história da educação dos sentidos e das sensibilidades. O texto inicia-se com a apresentação do tema “sensibilidades” e a sua presença em diferentes tradições historiográficas, mostrando como não é nova essa abordagem no campo da História. Em seguida, ainda na sua primeira parte, discute a chegada recente do tema nos debates da História da Educação na América Latina. Na segunda parte, apresenta e situa um conjunto de estudos de caráter monográfico desenvolvidos pelo Núcleo de Estudos sobre

a Educação dos Sentidos e das Sensibilidades – NUPES, da FAE/UFMG, em parceria com pesquisadores do Brasil e de outros países, discutindo alguns dos seus pressupostos básicos. O autor finaliza o texto com a problematização dos limites, dos riscos e do alcance da história da educação dos sentidos e das sensibilidades como uma voga que se equilibra entre o modismo acadêmico e a possibilidade de arejamento das formas consagradas de inquirir o passado e o presente da educação no âmbito latino-americano.

Ao considerar essa coletânea de textos como uma relevante contribuição para o GTT *Memórias...* e para a História da Educação Física e do Esporte, convido o(a) leitor(a) a explorá-lo com as inúmeras possibilidades que ele nos oferece.

Viçosa, março de 2019.

*Anderson da Cunha Baía*

## Referências

CHAVES, E. *et al.* Índicios e análises da produção em circulação no GTT Memórias da educação física e esportes nos CONBRACEs/CONICEs de 2009 a 2013. In: RECHIA, S. *et al.* (org.). *Dilemas e desafios da pós-graduação em educação física*. Ijuí: Unijuí, 2015. p. 347-368.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. *GTT 10: Memórias da Educação Física e Esporte*. Disponível em: <http://www.cbce.org.br/gtt-detalle.php?id=7>. Acesso em: 29 mar. 2019.

DAOLIO, J.; GOELLNER, S. V.; MELO, V. A. Memória, cultura e corpo: intervenção e conhecimento. In: GOELLNER, S. V. (org.). *Educação física/ ciências do esporte, intervenção e conhecimento*. Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999, p. 185-199.

FERREIRA NETO, A. Atualidade da pesquisa histórica na educação física: congressos e campo científico. In: FERREIRA NETO, A. (org.). *Leituras da natureza científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. p. 127-157.

GOELLNER, S. V. (org.). *Educação física/ ciências do esporte, intervenção e conhecimento*. Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999, p. 185-199.

GRUPO DE TRABALHO TEMÁTICO MEMÓRIA, CULTURA E CORPO. *Proposta de criação do GTE 13 Memórias da Educação Física e do Esporte*, [s. 1.], 2004. (Documento enviado eletronicamente, em outubro de 2004, à diretoria do CBCE. Arquivo pessoal dos membros do GTT).

MORENO, A.; ROSA, M. C.; SEGANTINI, V. C. O GTT Memórias da educação física e esporte do CBCE: uma análise a partir das práticas e da produção (1989-2005). *In: CARVALHO, Y. M.; LINHALES, M. A. (org.). Política científica e produção do conhecimento em educação física.* Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007. p. 245-300.

TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. Renovação historiográfica na educação física brasileira. *In: SOARES, C. (org.). Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação.* Campinas: Autores Associados; São Paulo: Fapesp, 2007. p. 117-138.



# Conversa com a professora Eustáquia Salvadora de Sousa: formação, atuação e experiências no CBCE

*Andrea Moreno  
Maria Cristina Rosa*

## Introdução

Esta entrevista, realizada para constar neste livro em comemoração aos 40 anos do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), parte da ideia de que é fundamental guardar a memória de atores sociais que contribuíram para o surgimento e consolidação dessa instituição.

Por que entrevistar a professora Eustáquia Salvadora de Sousa no contexto do Grupo de Trabalho Temático (GTT) Memórias da Educação Física e do Esporte?

Eustáquia Salvadora de Sousa, professora aposentada da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, é normalista, especialista em Educação Física Infantil pela Escola de Educação Física de Minas Gerais (1967) e licenciada em Educação Física pela Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais (1970).

Sua trajetória no âmbito da Educação Física foi marcada por três principais temáticas: ensino, gênero e história na/da Educação Física, presentes em muitos de seus trabalhos, especialmente em sua tese de doutorado intitulada 'Meninos, à Marcha! Meninos à Sombra! História do Ensino de Educação Física em Belo Horizonte' (1994). Suas pesquisas influenciaram e ainda inspiram reflexões e problematizações acerca da Educação Física. É de sua autoria o primeiro trabalho no âmbito do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) a utilizar o termo gênero relacionado à construção social e histórica do masculino e do feminino, intitulado 'A Produção Acadêmica Brasileira sobre Gênero Aplicado à Educação Física' (GOELLNER; MACEDO, 2014).



Sua trajetória como professora, em diferentes níveis de educação e diversas instituições, confunde-se com a própria história da Educação Física. Envolvida com a área desde fins da década de 1960 até meados dos anos 2000, Eustáquia viveu diferentes e importantes períodos que marcaram a área da Educação Física, sua renovação e aproximação com as Ciências Humanas e Sociais.

Na cidade de Belo Horizonte, trabalhou na Escola Polivalente do Horto, no Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio (PREMEM); no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET/MG); na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde no período de 1975 a 2003 trabalhou com a formação de professores de Educação Física; e na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG). Teve também importante atividade na gestão educacional e na formação de professores: foi chefe do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino, vice-diretora da Faculdade de Educação da UFMG e coordenadora dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física da PUC/MG.

Seu envolvimento com o CBCE vem desde 1982, quando se tornou sócia-pesquisadora da instituição. No Colégio, teve, ao longo dos anos, uma efetiva participação em diferentes âmbitos, destacando-se a sua atuação na diretoria científica, tendo como um dos principais legados a criação e efetivação dos GTTs.

A partir da pesquisa sobre a sua trajetória e atuação junto ao CBCE, observamos que houve ampliação de espaços de discussão sobre as temáticas história e memória no Colégio e, especificamente, nos CONBRACES. Esse incremento, junto a outros fatores, contribuiu para a criação do GTT Memórias da Educação Física e do Esporte, em 2005, que se constituiu como um espaço privilegiado de debate, formação, produção e socialização de conhecimento, possibilitando o amadurecimento de questões relativas à História da Educação Física. Eustáquia participou efetivamente deste grupo, desde a sua criação, em que atuou como apresentadora de trabalho e membro do Comitê Científico, enriquecendo e qualificando as discussões.

A entrevista que se segue dá pistas sobre o rico caminho desenhado por Eustáquia, sua trajetória pessoal e profissional, como também uma trajetória social da Educação Física. Escutá-la é um exercício que pode suscitar o desejo de conhecer seus diferentes percursos, de alguma forma registrados no Arquivo Pessoal da professora, abrigado no Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (Cemef/UFMG) e disponível para consulta.

Esta conversa segue um roteiro que parte da sua formação e atuação profissional e direciona-se para sua atuação no CBCE e no GTT Memórias da Educação Física e do Esporte. Assim, se esta introdução dá pistas para respondermos à pergunta inicial posta, as palavras de Eustáquia, na entrevista que se segue, são a melhor resposta.

Boa leitura!

### **Entrevista realizada no dia 08/01/2019, às 15h, no Centro de Memória da Educação Física (Cemef), na UFMG**

*Professora Eustáquia, muito obrigada por estar aqui e ter aceitado nos conceder esta entrevista. Sua longínqua e importante participação no CBCE e na Educação Física brasileira é o motivo desta conversa. Gostaríamos de começar com a apresentação sobre a sua formação e atuação profissional.*

Eu sou Eustáquia Salvadora de Sousa. Sou licenciada em Educação Física pela UFMG, no ano 1970. Atuei em diversos níveis escolares, de Educação Infantil até a Educação de Jovens e Adultos, Ensino Médio – na época ensino de 1º e 2º graus –, e depois na Universidade – na Universidade Federal de Minas Gerais, terminando minha carreira na PUC Minas.

*Gostaríamos que você falasse sobre o seu curso de mestrado. Você o realizou num momento importante de mudanças na Educação Física brasileira e também num local referência à época. Gostaríamos de ouvir sobre essa experiência.*

Eu fiquei bem estimulada a fazer o mestrado quando fiz um curso pela Secretaria de Educação Física do Ministério, na época era SEED-MEC, coordenado pelo Jorge Takahashi. Os professores eram Manuel Gomes Tubino, Haimo Fenstenseifer, Vera Lúcia Costa Ferreira e Alfredo Gomes de Faria Júnior. Foi um convite aos professores de Didática e Práticas de Ensino das universidades públicas do Brasil todo. Ficamos 15 dias em São Paulo estudando taxionomias, planejamento e avaliação do processo de ensino e aprendizagem. Foi em 1977. Lá fiquei sabendo que já havia iniciado na USP o primeiro curso de mestrado em Educação Física do Brasil, com foco no Esporte. Fui informada pelo professor Haimo que se iniciaria um curso em Santa Maria. Então, me candidatei porque fiquei entusiasmada com a ideia de que lá seria possível trabalhar com temas pedagógicos, que eram da minha área, que tivessem mais relação com Educação Física e não só com Esporte. Então fui pra Santa Maria, me aventurando na seleção, na primeira turma. Em final de 1978 fui selecionada e em março de 1979

iniciamos o curso. Éramos 14 alunos, sendo que 8 deles eram de lá mesmo, da região, e os outros 6 de regiões diferentes. Eu era a única da Região Sudeste. Conclui o curso em junho de 1981.

*Então você morou lá 2 anos?*

Eu morei lá 2 anos e 6 meses. Nesse período vim em casa durante as férias. E foi uma experiência muito rica e ao mesmo tempo muito difícil. Muitos professores eram alemães – vinham da Alemanha e davam aulas durante 15 dias ou um mês e retornavam. Ministraram várias matérias. O professor Hans Lenk da Universidade de Karlsruhe ministrou a disciplina Sociologia do Esporte e o professor Jurgem Dickert ensinou Pedagogia do Esporte numa visão humanista. Foram disciplinas interessantes, com conteúdo inovador. Tivemos também Biomecânica, ministrada por professor alemão. Os professores eram vinculados à da Faculdade de Educação e ao Instituto de Ciências Biológicas. Da Faculdade de Educação Física só os professores Haimo e Jeferson Canfield fizeram parte do corpo docente. Naquela época eram poucos os pós-graduados em Educação Física no Brasil. Eu me lembro que foi um momento de muito incentivo à formação de mestres e doutores da nossa área, tanto é que um ano antes havia ido em torno de 80 professores brasileiros, de diferentes universidades, para estudar nos Estados Unidos. Aqui da UFMG, se não me engano, eram 5 ou 6. Existia muito estímulo. Eu levanto a hipótese de que o fato de ter sido criado o curso de mestrado em Santa Maria tem relação com forças políticas daquele momento. O presidente da CAPES era gaúcho, Sr. Darcy Closs, e dava muita força para essa área. Tinha também um movimento da própria SEED-MEC, no sentido de tentar formar mais professores, mais pesquisadores na área, porque, até então, as pesquisas desenvolvidas eram na grande maioria na área biológica em laboratórios implantados, a partir do início dos anos de 1960.

Os futuros professores do curso ainda estavam se formando nos Estados Unidos, ou então na Alemanha, mas principalmente nos Estados Unidos. Direcionaram seus estudos especialmente para as áreas de Biomecânica, Desenvolvimento e Aprendizagem Motora. Foi um curso rico, interessante, mas com limitações porque a biblioteca era muito reduzida. A gente quase não tinha livros para estudar, nosso material didático era composto de apostilas produzidas pelos professores, cópias de textos e capítulos de livros. Então, imaginem, para se fazer uma dissertação, era necessário ir procurando no fichário da biblioteca... Não usávamos computador naquela época. Nós até começamos a aprender computação, só que era com aquelas fichinhas de fazer os buraquinhos, e só existia na universidade um grande computador que quase ocupava uma sala do tamanho dessa que estamos.

As pessoas não tinham computador em casa, era na base da datilografia. Era preciso ir para a biblioteca, pegar as fichinhas, vasculhar uma por uma pra ver se achava alguma bibliografia sobre seu tema ou correlato. Eu, como queria trabalhar com Estágio e Prática de Ensino, que era a área que eu atuava aqui, tive imensa dificuldade. Pra vocês terem noção, eu encontrei uma pequena referência de um texto americano. Por sorte, tinha um professor de lá que estudava nos Estados Unidos e estava em férias. Dei para ele uns dólares pra ele, tirar uma cópia e me enviar pelo correio. Levou mais de 2 meses pra chegar.

*Quem foi sua orientadora e como é que foi a sua dissertação?*

A minha orientadora foi a professora Maria Virgínia dos Santos Silva. Era portuguesa, trabalhava na área de Ensino de Física, morou nos Estados Unidos por 12 anos, depois veio pro Brasil. Trabalhei com ela a relação entre os estilos de ensino dos estagiários e de seus orientadores de estágio. No curso de Graduação em Educação Física existiam estágios muito longos, em torno de 280 horas – os alunos do curso de Educação Física realizavam seus estágios na Educação Física ministrada para os alunos e alunas dos demais cursos da Universidade. Esses estágios eram regulamentados pelo Decreto 69.450 de 1971 (BRASIL, 1971), que implantou Educação Física em todos os níveis de ensino e determinou que nas universidades onde houvesse escola de Educação Física, o professor de Educação Física do Ensino Superior seria assessorado pelos alunos do curso, em caráter de prática de ensino, valendo créditos. Então existia um supervisor para 15 estagiários, o que dificultava a supervisão dos trabalhos. Fiz um estudo quantitativo, utilizando como instrumento de coleta um Teste de Caracterização de Atitudes, elaborado com base nas características de um estilo diretivo de ensino. Os dados foram tratados estatisticamente. Seria um trabalho bem mais rico se fosse analisado também qualitativamente. Naquela época não se cogitava essa possibilidade.

*Já existia um debate entre a área biológica e pedagógica? Você conseguia perceber isso?*

Não. Esse debate iniciou algum tempo depois, ainda nos anos 80. Ele ganhou força com a redemocratização, com as discussões acadêmicas daquela época... Foi fruto do que ocorria no contexto social e político, na formação dos professores, especialmente nos cursos de pós-graduação em diferentes áreas do conhecimento, tais como Educação, Sociologia, Filosofia, Ciências Políticas, Fisiologia e Biomecânica. As diferentes visões de sociedade, de ser humano e de Educação Física refletiram no ensino, na pesquisa em Educação Física e também em organizações dos profissionais e pesquisadores da área. Muitas questões vieram à tona: o que é Educação Física: ciência, arte ou área do conhecimento? O que deve ensinar, para

quê? Cursos de Licenciatura ou Bacharelado? Ciências Humanas Ciências Biológicas... Também as discussões sobre a Constituição de 1988 (BRASIL, 1988) e a LDB de 1996 (BRASIL, 1996) trouxeram à tona as questões de ordem política, do ensino e pesquisa em Educação Física.

*A sua tese, intitulada “Meninos à marcha! Meninas à Sombra: História do Ensino da Educação Física em Belo Horizonte”, defendida em 1994, foi um marco, não só para os estudos de gênero, mas também para os estudos no campo da História da Educação Física. Você poderia falar sobre a abordagem histórica no seu trabalho? Como foi isso na sua tese e na sua formação de doutorado?*

Eu tinha sempre a preocupação com a separação de meninos e de meninas nas aulas de Educação Física. Isso acontecia também no curso de Educação Física. Quando vim lecionar aqui na universidade, em 1975, eu tinha uma turma de Prática de Ensino masculina e uma feminina. Nas escolas, as professoras davam aula para as meninas e o professor para os meninos. Então, eu tinha uma preocupação: entendia que essa formação separada por sexo poderia dificultar e empobrecer as experiências educacionais na escola. Mas não conhecia uma fundamentação teórica que me ajudasse a compreender os motivos dessa separação por sexo, que inclusive era definida por legislação federal. Li no livro do Lino Castellani, ‘Educação Física no Brasil, a História que não se Conta’ (1991) que até 1979 a legislação brasileira impedia as mulheres de participar de campeonatos de futebol. Essa leitura despertou meu interesse pelo estudo das mulheres no esporte e também por uma abordagem histórica, por se tratar de questões culturais difíceis de desenraizar. Mas quando eu comecei a estudar mulheres na Educação Física, vi que a partir do final dos anos 80 postulava-se a primazia dos estudos de gênero sobre os estudos da mulher por entender que gênero, como uma categoria relacional, superaria a ideia de esferas separadas para um e outro sexo postas no estudo das mulheres. Naquela época, aqui na Faculdade de Educação da UFMG, o Grupo de História de Educação das Mulheres, coordenado pela professora Eliane Marta Teixeira Lopes, estudava gênero e mantinha intercâmbio com diversos grupos do Brasil e do exterior. Comecei a estudar com esse grupo e tive muito apoio da Eliane Marta. Gênero, enquanto categoria analítica da história, tem o sexo como tema e analisa a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres. Metodologicamente me apoiei em Joan Scott, que recomenda aos historiadores examinarem as maneiras pelas quais as identidades de gênero são construídas e relacionar com as representações sociais historicamente situadas.

*A sua orientadora lá foi a professora Lúcia Avelar?*

Sim. Ela é socióloga, professora da Unicamp, autora de vários livros sobre mulher. Tudo o que eu escrevia sobre Educação Física ela achava maravilhoso [risos], porque era novidade pra ela. A professora Lúcia tem amplo conhecimento sobre mulher sociedade e política e contribuiu significativamente nos meus estudos.

*E como foi se aproximar da metodologia histórica?*

Foi fascinante e ao mesmo tempo difícil. Eu não era historiadora, eu não tinha a formação em História. Então, tive que estudar muito, li uma vasta bibliografia da História Nova, História das Mentalidades, História Oral, História da Educação Física no mundo e no Brasil... E muito mais. O estudo exigiu a busca, seleção e análise de fontes escritas, orais e iconográficas espalhadas em diferentes instituições públicas e privadas. Foi um grande aprendizado, difícil e prazeroso. Encontrei um número enorme de documentos, ainda não explorados. Apesar de estar ciente de que a extensão do período estudado, 1987 a 1994, poderia inviabilizar o aprofundamento das questões suscitadas, entendia que as relações de gênero poderiam ser mais bem compreendidas num estudo de longa duração, uma vez que as mentalidades não se processam em curto espaço de tempo. Pensava também que as fontes apresentadas poderiam abrir caminhos para novas pesquisas históricas. Estudar História nos dá outro sentido de vida, outra forma de compreender o mundo e a nossa passagem por essa Terra [risos].

*Eustáquia, ainda sobre a sua atuação profissional, gostaríamos de te ouvir sobre sua participação no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFMG. De alguma maneira sua presença nele sempre esteve marcada pelos debates da história, do gênero e da escola, também. Como é que foi essa experiência?*

Na realidade, a primeira experiência que eu tive na Pós, eu não tinha terminado meu doutorado ainda. Tanto é que convidamos a professora Dra. Gláucia Costa Brandão pra trabalhar comigo. Tarcísio Mauro Vago e a Cecília Borges eram alunos do Programa, foram os primeiros professores de Educação Física a ingressarem no mestrado em Educação. Então, os coordenadores da época me chamaram: “Eustáquia, nós estamos precisando oferecer uma disciplina para os alunos da Educação Física, para promover discussões mais específicas da Educação Física”. Eu tinha feito um semestre sabático na Unicamp e participei do grupo de Estudos de História da Educação Física e Esportes do professor Ademir Gebara. Lá eu li e adquiri material bibliográfico muito rico. Com base nesse material, elaboramos um programa de ensino contemplando as concepções de Educação Física escolar em diferentes momentos históricos. Como abrimos vagas para alu-

nos que queriam cursar como disciplina isolada, a turma passou de 2 para 16 alunos. Muitos desses se dedicam até hoje aos estudos históricos. Nessa época, contribuí na orientação de dissertações de professores de Educação Física do Programa, como coorientadora.

*E você se credenciou oficialmente no Programa?*

Inicialmente eu resisti ao credenciamento, porque já estava sobrecarregada de trabalho na Faculdade. Fui sempre de me envolver muito com os alunos, com os projetos que eles participavam e sabia que o peso seria ainda maior. O que me motivou foi dar um pouco de força para a Educação Física, porque os professores da Faculdade de Educação se consideravam incapacitados para orientar pesquisas em Educação Física. A maioria não compreendia o que era Educação Física, achava que era só ensinar exercícios físicos e esporte, desprovidos de teoria. Mas a entrada do Tarcísio Mauro Vago e da Cecília Borges no Programa alterou essa visão. Depois foram aparecendo alunos ótimos, tanto é que num semestre 6 professores de Educação Física ingressaram no mestrado e doutorado. Mas no início foi difícil. Eu às vezes tinha um pouco esse papel dentro da Faculdade, de apresentar concepções e avanços da nossa área e sua importância na escola. Fizemos isso durante a elaboração da LDB de 1996, porque o relator do projeto, professor Roberto Jamil Cury, pertencia ao Programa. Quando concluí o doutorado, passei a orientar dissertações e teses de professores de Educação Física, pedagogos, professores de Artes, entre outros. Na época firmamos um convênio com a Universidade Federal de Goiás, para formação de mestres de diferentes áreas do conhecimento. Também, no Programa, mantínhamos intercâmbio com a ANPED e outras associações científicas nacionais e internacionais relacionadas à pesquisa em Educação e à formação de professores. Participei do Programa até me aposentar em 2003. Mas foi uma experiência extremamente rica, aprendi muito, com colegas e alunos.

*Entraremos agora no tema do CBCE. Você se tornou sócia-pesquisadora do CBCE em 1982, após a finalização do seu mestrado. Ou seja, logo nos primeiros anos de existência do Colégio, que foi criado em 78. Gostaríamos de te ouvir sobre a sua atuação no Colégio.*

O meu primeiro contato com o CBCE foi em 1982, no CONBRACE de Volta Redonda. Lembro-me que foi lá que eu conheci o professor Apolônio Abadio do Carmo. Participamos de uma mesma mesa sobre conteúdos de ensino da Educação Física, coordenada pelo professor Manoel Gomes Tubino. Os professores Alfredo Faria Junior, Lamartine Pereira da Costa e Vitor Matsudo faziam parte da organização do evento e, se não me engano, da diretoria do CBCE. Foi nesse primeiro contato que eu me filiei ao Colégio e continuei participando como membro pesquisador. As

pesquisas e as discussões, em sua maioria, tinham enfoques na dimensão biológica e da saúde. Praticamente não existiam pesquisas em outras áreas. Os próprios cursos de Educação Física não desenvolviam muitos estudos sobre outros temas.

*Você se filiou e continuou sempre participando, apresentando trabalhos, indo a Congressos, até que em 1995 passou a fazer parte da diretoria, ocupando o cargo de Diretora Científica – um cargo importante, não é? Você assumiu logo depois de ter defendido seu doutorado?*

Sim. Tinha concluído doutorado em 1994. Nós estávamos em Vitória, no CONBRACE de 1995, quando os professores Elenor Kunz e Giovani Pires da UFSC me disseram: “Eustáquia, nós estamos querendo aceitar essa diretoria do próximo biênio, mas precisávamos da participação de Minas Gerais”. Então, eu conversei com Leila Mirtes, Meily Linhales, Tarcísio Mauro Vago, Vania de Fatima Noronha, Marilita Arantes e outros participantes do nosso grupo de estudos. Perguntei: “Vamos topa essa experiência?”, e eles: “Sim, estamos juntos”. Então assumi a Diretoria Científica representando um grupo, porque eu sabia que trabalhar sozinha era impossível.

*Eustáquia, quando fizemos o levantamento de dados para essa entrevista, percebemos que você sempre esteve envolvida nos CONBRACES, seja apresentando trabalho, coordenando mesa, em comissões, compondo a diretoria... Uma relação bem orgânica com o CBCE. Você pode falar um pouco dessa experiência?*

Participei de vários deles apresentando e avaliando trabalhos, coordenando mesas e a Comissão de Avaliação do evento. Considero que o CONBRACE sempre foi o evento científico de maior importância na nossa área. O lugar de as pesquisas serem apresentadas e debatidas, as pessoas se conhecerem, os avanços e as lacunas serem apontadas. Sempre foi também o lugar de discussões sobre políticas da Educação Física e de pesquisa, informações sobre fomento etc. Em 1993, em Belém, eu apresentei um trabalho que analisava a produção acadêmica sobre gênero. Eu havia até me esquecido desse texto [risos]. As discussões de gênero ainda eram embrionárias. Esse trabalho era resultado de uma pesquisa bibliográfica da produção científica sobre mulher e gênero na Educação Física e esporte no Brasil, no século XX. Não encontrei estudos sobre gênero, mas sobre mulher havia uma produção razoável, com enfoque principal nas Ciências Biológicas e na moral “própria da mulher”. Por exemplo, as justificativas para a mulher não jogar futebol eram do tipo: é um esporte muito bruto, ela é fraca e vai se acidentiar muito; vai ter problemas nos seios, vai se masculinizar. Nos eventos posteriores, apresentamos trabalhos, quase sempre resultados de pesquisas desenvolvidas



por grupos de estudos históricos, currículo e ensino da Educação Física. Participei das comissões avaliadoras dos GTTs de História, Educação Física Escolar e Formação profissional.

*E você ministrou um seminário sobre o tema nesse CONBRACE de 1995.*

Quando a gente fala de gênero tem a ver com a nossa vida, né? As pessoas falavam, “Gente, eu nunca tinha pensado nisso!” Era o iníciozinho dessa discussão no CONBRACE e também no Brasil. Discutimos gênero como uma categoria relacional e histórica e sua inter-relação com os símbolos culturais, conceitos normativos, as organizações e instituições sociais que o constitui, com destaque para a escola. Discutimos também a relação de gênero com outras categorias, tais como idade, classe social, cor da pele, peso e altura e exclusão social. Foi muito concorrido e as pessoas gostaram porque era um tema do cotidiano da escola e da sociedade como um todo.

*Sobre o CONBRACE de 89. Esse congresso ficou marcado na História da Educação Física. Marcado pela disputa entre uma abordagem ancorada mais nas humanidades e uma abordagem mais ancorada no biológico. Foi quando a professora Celi Taffarel foi reeleita... Pesquisando nos anais desse congresso, a gente percebeu que ali a História teve um espaço muito importante, não é? O professor Mário Cantarino Filho apresentando vários trabalhos... um curso que ele ministrou sobre o professor Inezil Penna Marinho. Você tem lembrança desse Congresso?*

Não pude participar do evento até o final, por isso não me inscrevi no curso ministrado pelo professor Cantarino e nem participei do momento da eleição.

*Pode nos contar sobre a sua participação na criação dos GTTs?*

Como é que surgiu essa ideia? [risos]. Aconteceu o seguinte: nós fomos para a PUC de São Paulo no encontro da SPBC. Foi a primeira reunião da diretoria eleita em Vitória. Iniciamos a reunião avaliando, com o professor Valter Bracht, o último CONBRACE e definindo ações que pudessem aperfeiçoar o funcionamento do CBCE e a organização do próximo evento, que aconteceria no ano seguinte, em Goiânia. Uma das questões destacadas foi o grande número de reclamações dos participantes quanto ao sistema de seleção e alocação dos trabalhos nos diferentes painéis. Falou-se das dificuldades de apenas a comissão organizadora fazer seleção criteriosa de todos os trabalhos enviados.

Tendo como referência a organização da ANPED, da qual alguns de nos participávamos, sugerimos a criação dos GTTs no Colégio, a partir do próximo CONBRACE. Esperava-se que os GTTs fortalecessem grupos

de pesquisadores com interesses afins, com intercâmbios e atividades permanentes, não se limitando ao momento do Congresso. Cada GTT teria um coordenador e um sub, eleitos por seus pares, sendo que os primeiros seriam indicados pela diretoria. Cada coordenação comporia uma comissão de avaliação e seleção dos trabalhos a serem apresentados no Congresso. A Diretoria apoiou a ideia e partimos para a definição dos GTTs e as formas de implantação dos mesmos. Só teríamos um ano para implantar e organizar. A definição do número de GTTs considerou a disponibilidade de espaços no Centro de Convenções de Goiânia. Foram 12 ou 13, se não me engano. Outro desafio foi selecionar as áreas a serem contempladas nos GTTs. Decidiu-se que deveriam abranger as diferentes áreas do conhecimento relacionadas à Educação Física e ao esporte ancoradas tanto nas humanidades quanto dimensões biológicas. Era um exercício para participação e valorização de diferentes grupos de pesquisadores do CBCE. Alguns participantes defenderam a ideia de se criar um GTT de História, destaco os argumentos do professor Victor Melo. Mas a maioria do grupo entendeu que se tratava de disciplina e não de área de estudo, por isso não foi contemplada. O passo seguinte foi elaborar ementa detalhada de cada GTTs, para que os pesquisadores selecionassem o grupo que mais se aproximasse do seu estudo para se inscrever no Congresso. Os trabalhos mais qualificados seriam organizados em painéis e apresentados oralmente. Os demais seriam apresentados na forma de pôsteres. Ficou decidido também que se fosse viável, cada GTT teria espaço para convidar um palestrante que pudesse contribuir com as discussões do Grupo.

Bem, eu até vou me estender um pouquinho, mas eu acho que vale a pena registrar as dificuldades que tivemos pra organizar um GTT. Não havia internet, por isso os trabalhos foram enviados para Goiânia, via correios em CD e uma cópia impressa. Toda a comunicação era feita por telefone fixo. Fui eu, de avião, para Goiânia, levando duas malas vazias [risos] para trazer e distribuir para os coordenadores de GTT. Aqui em BH, com a imensa ajuda da professora Leila dos Santos Magalhães Pinto, organizamos os anais que seriam impressos em Goiânia. Na minha avaliação, o primeiro encontro dos GTTs teve como vantagem a possibilidade de trocas de experiência entre os participantes, mas em termos de organização deu problema, porque as pessoas não estavam acostumadas a participar de um só grupo, entravam e saíam das salas o todo momento. Mas eu acho que demos um primeiro passo naquilo que a gente tinha pensado.

*Nesse CONBRACE de Goiânia, quando começaram os GTTs, não existia nenhum GTT ligado à Memória e à História, mas teve um espaço importante que foi uma homenagem ao professor Cantarino. Como é que foi a ideia da homenagem ao Cantarino?*

Foi uma homenagem merecida e inédita no CBCE. O professor Mário Cantarino era um apaixonado pela História. Eu não sei se vocês chegaram a conhecer a biblioteca dele em Brasília. Ele alugou um apartamento só pra alocar sua biblioteca. Mas naquela época não se dava muito valor para a História. Os cursos de Educação Física, em sua maioria, não incluíam História em seus currículos. Quando ministravam era uma carga horária de 20 horas. Aliás, até hoje isso acontece em alguns cursos. Desde jovem Cantarino foi um grande pesquisador na área, produzia, buscava e selecionava fontes preciosas. Ele estudou a fundo a coleção do Inezil Penna Marinho. Além disso, deixou um acervo riquíssimo para estudos na área, sob a guarda da UFES, em Vitória.

*Então, Eustáquia, indo para 1998, na SBPC, em Natal, quando então houve a proposta de criação do GTT Memória, Cultura e Corpo. Havia um grande debate se esse GTT deveria ser criado ou não, que ele não deveria ser criado como um de História porque a História era uma disciplina. Foi um grande debate em Natal – e o GTT Memória acabou sendo criado. Você se lembra desse debate, dessa SBPC, você estava lá?*

Eu acho que eu não fui a esse CONBRACE. Acompanhei de longe as discussões e resistências também. Mas, com o tempo, eu acho que elas foram se modificando porque o volume e a qualidade das pesquisas ampliaram bastante. O grupo de pesquisadores em História foi crescendo e criando uma força política para obter mais espaço. A História, na realidade, não é uma só disciplina, é uma área muito ampla. E eu acho que essa ideia de juntar Cultura e Corpo foi uma saída para se conseguir espaço nos GTTs, no momento inicial.

*A proposta foi aceita pela SBPC de Natal e, em 1999, em Florianópolis, pela primeira vez esse GTT estava presente. Você já estava inclusive fazendo parte do Comitê, junto com Victor Andrade de Melo, Carmen Lucia Soares, Andrea Moreno.*

Eu me lembro que os trabalhos apresentados oralmente e em forma de pôsteres eram de qualidade e mostravam que o GTT já tinha fôlego e justificativas para existir. E que as discussões de um grupo de pesquisadores foram bem fundamentadas. Eu teria que ler os Anais para me lembrar de detalhes.

*Como você diz, o volume de trabalhos em História era muito grande, o que acabou desembocando num outro pedido que era o desmembramento do GTT Memória, Corpo e Cultura em dois. Isso também foi um grande debate porque a direção do CBCE na época entendia que o GTT Memória seria um grupo muito específico de História. Mas acabou concordando e tornando o que é hoje o GTT Memórias da Educação Física e do Esporte, que iniciou no CONBRACE de Porto Alegre, em 2005. Você estava em Porto Alegre?*

Estava! Não participei o tempo todo porque estava coordenando a Comissão de Avaliação. Eu me lembro de que nos surpreendemos com o número e a qualidade dos trabalhos e a profundidade dos debates. Eu acho que naquele momento já mostramos que éramos um grande grupo, com células em diferentes universidades: UFRGS, UFMG, UFRJ, Unicamp, Unesp e muitas outras. Os centros de Memória da Educação Física e Esportes já estavam sendo implantados.

*Eustáquia, você sempre participou do GTT como parecerista, recebendo trabalhos, avaliando. Fale um pouco dessa experiência. Considera que temos qualificado nossos trabalhos, nosso GTT?*

Já têm uns quatro anos que eu não participo. Mas eu fico encantada de ver as abordagens, como foram ampliando as possibilidades, o olhar sobre a metodologia, o referencial teórico, os objetos. Nossa, é tanto trabalho bom que eu fico assim... ah, não tem espaço pra todos. Nos últimos que eu participei, fiquei realmente encantada de ver. Quanto avanço em apenas uma década, apesar de todas as dificuldades que os pesquisadores precisam enfrentar. Daqui pra frente vou acompanhar mais, nem que seja pela internet.

*Vai ser ótimo tê-la de volta. [...] Já estamos chegando ao fim. Queríamos agradecer sua participação e te deixar à vontade para alguma reflexão final.*

Agradeço a gentileza e o carinho de vocês. Obrigada por me instigarem a lembrar fatos, momentos e pessoas que marcaram a minha trajetória de vida. Tudo só foi possível porque encontrei pessoas maravilhosas com as quais partilhei conhecimentos, ideias e lutas cotidianas. Espero que o GTT de História continue problematizando a Educação Física em diferentes tempos históricos, em espaços escolares ou não, baseando-se em diferentes sujeitos e abordagens teórico-culturais, contribuindo, cada vez mais, para a qualidade da educação brasileira.

*Mais uma vez, muito obrigada. Você terminou dizendo de como a História te enriqueceu, mas na verdade você também ajudou a enriquecer o campo da História. Quando fizemos esse levantamento para a entrevista, per-*

*cebemos como é rica a sua participação, como ela é importante, como ela é pioneira. Se o campo da História e da Memória tem uma importância no CBCE, tem a ver, com certeza, com a sua participação, com a sua luta. Muito obrigada.*

## Referências

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1988. Estabelece as diretrizes e bases da educação. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996. Seção 1. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-norma-pl.html>. Acesso em: 10 fev. 2019.

BRASIL. Constituição de 1988. Educação Infantil e Ensino Fundamental. 4ª Versão. Ministério da Educação. Abril, 2017. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, p. 1, 5 out. 1988. Seção 1. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 10 fev. 2019.

BRASIL. Decreto no 69.450, de 1 de novembro de 1971. Regulamenta o artigo 22 da Lei número 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e alínea c do artigo 40 da Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968 e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, p. 8826, 3 nov. 1971. Seção 1. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-69450-1-novembro-1971-418208-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15 fev. 2019.

CASTELLANI FILHO, L. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1991.

GOELLNER, S. V.; MACEDO, C. G. Gênero e Educação Física: inclusão da temática nos CONBRACEs. In: VII CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2014, Matinhos, Paraná. *Anais [...]*. Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, Curitiba: CBCE, 2014. v. 1. p. 1-9.

MORENO, A.; ROSA, M. C.; SEGANTINI, V. C. O GTT Memórias da Educação Física e do Esporte do CBCE: uma análise a partir das práticas e da produção (1989-2005). In: CARVALHO, Y.M; LINHALES, M.A. (org.). *Política científica e produção do conhecimento em educação física*. Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007. p. 245-300.

SOUSA, E. S. *Meninos, à marcha! Meninos à sombra!*: a história do ensino de educação física em Belo Horizonte. 288f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

A produção do conhecimento em  
circulação no GTT Memórias  
da Educação Física e Esporte:  
análises a partir dos CONBRACEs/CONICEs<sup>1</sup>  
(2009 a 2017)

*Elisângela Chaves  
Gustavo da Silva Freitas  
Joelcio Fernandes Pinto  
Mateus Camargo Pereira  
Priscilla Kelly Figueiredo  
Sergio Roberto Chaves Junior*

O Grupo de Trabalho Temático (GTT) Memórias da Educação Física e Esporte completou 14 anos de atividades no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) em 2019. Ao longo deste período, empreendimentos investigativos foram realizados apresentando balanços ou mapeamentos da produção deste GTT a partir de determinados recortes temáticos, temporais e outras formas de categorização das pesquisas. Um desses balanços, produzido em 2015 com um olhar voltado para os trabalhos publicados nos anais do CONBRACEs/CONICEs<sup>2</sup>, entre 2009 e 2013, tornou-se significativo por se tratar de uma iniciativa da coordenação geral dos GTTs e da Direção Nacional (DN) do CBCE que convidou os comitês científicos a analisarem

---

<sup>1</sup> Existente desde 1979, um ano após a criação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, CONBRACE é a abreviatura de Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. A partir de 2003, em busca da ampliação do alcance dos debates e do estreitamento de laços que extrapolassem as fronteiras nacionais, o evento incorpora à denominação brasileira o CONICE, que significa Congresso Internacional de Ciências do Esporte, adotando-se esse binômio até os dias atuais.

<sup>2</sup> Esta produção foi intitulada: “Indícios e análises da produção em circulação no GTT memórias da Educação Física e Esportes nos CONBRACEs/CONICEs de 2009 a 2013” e publicada no livro organizado pelo CBCE- “Dilemas e desafios da pós-graduação em Educação Física”, pela Editora Unijui em 2015.

e registrarem suas produções à época, contemplando uma das metas do plano de ação daquela gestão (2013-2015) e compondo uma publicação coletiva do CBCE que reuniu “balanços” dos demais GTTs.

Agora, em mote do lançamento de um livro do GTT em comemoração aos 40 anos do CBCE, é aberta a oportunidade de revisitar tal produção, atualizando os indícios e as análises feitas naquela oportunidade com a ampliação do período em perspectiva (2009-2017). Tal iniciativa responde não só um convite feito pela DN do CBCE, mas às pretensões do próprio GTT através do comitê científico da gestão 2018-2019, o qual estabeleceu como prioridade continuar o levantamento de dados e debate sobre a produção acadêmico-científica acerca das memórias da Educação Física e dos Esportes, com a intenção de apresentá-los no XXI CONBRACE / VIII CONICE, em setembro de 2019.

Esta conjugação de esforços entre a DN e os membros do comitê científico do GTT 2018-2019 – muitos remanescentes da gestão responsável pelo primeiro levantamento de pesquisa –, confere a chance de registrar em publicação do CBCE o que vimos fazendo de nós mesmos nos últimos anos em termos de perspectivas teórico-metodológicas, práticas abordadas, grupos constituídos, formação de sujeitos pesquisadores, presença em programas de pós-graduação, etc. Para além da importância desse olhar interno, o registro em publicação do próprio CBCE proporcionará maior circulação e projeção das análises e percepções dos GTTs.

### **Um pouco da história do GTT Memórias...**

Em 2007 foi publicado pelo CBCE um livro intitulado “Política Científica e Produção do Conhecimento em Educação Física”, organizado por Yara M. Carvalho e Meily Assbú Linhales, no qual alguns membros de GTTs e ex-presidentes do CBCE apresentaram seus textos de análise sobre a produção do conhecimento sob diferentes focos e perspectivas, relativos aos 29 anos de existência da entidade científica.

Em se tratando do GTT Memórias da Educação Física e Esporte, Andrea Moreno, Maria Cristina Rosa e Verona Campos Segantini realizaram detalhada análise a partir das práticas e produções de 1989 a 2005. As autoras apresentam a trajetória de criação do GTT, com informações para a compreensão da constituição, fortalecimento e expansão deste espaço (GTT Memórias...). Importa assinalar que a temática memória foi contemplada no CBCE a partir de agosto de 1998, quando foi criado o GTT Memória, Cultura e Corpo, implementado no XI CONBRACE, realizado em 1999. Vale lembrar que a instância organizativa dos GTTs é criada no Colégio

em 1997 como pólo aglutinador de pesquisadores com interesses comuns em temas específicos. Como bem ressaltam as autoras, a consolidação da produção historiográfica da Educação Física e Esporte no âmbito do CBCE foi nutrida não somente pelo empenho de pesquisadores, mas também por movimentos internos do Colégio, que buscaram no referencial teórico da história caminhos para debates e discussão sobre a Educação Física e os Esportes.

Dentro do GTT Memória, Cultura e Corpo os trabalhos com enfoque na memória e a participação de pesquisadores interessados no debate de estudos e pesquisas com abordagem histórica e historiográfica cresceram quanti e qualitativamente. Tal situação culminou na decisão de desmembramento dos GTTs em 2003, escolha essa que enfrentou muitos tensionamentos dentro do CBCE. Perante análise dos trabalhos do comitê científico e da direção do CBCE à época, em 2004 foi realizado o desmembramento em dois GTTs, sendo um nomeado Corpo e Cultura e outro Memórias da Educação Física e Esporte. Desde o XIV CONBRACE/II CONICE, realizado em 2005 em Porto Alegre-RS, os dois GTTs se organizam e realizam suas atividades separadamente em seus fóruns de discussão<sup>3</sup>.

Passando da análise dos trabalhos às práticas, constatou-se ao fim do congresso de 2005, na reunião de avaliação do grupo, que esse processo de desmembramento do GTT Memória, Cultura e Corpo e a consequente implementação do GTT Memórias ajudou a qualificar o espaço do grupo de trabalho, que agora se constitui, sem sombra de dúvida, como pólo aglutinador de pesquisadores em torno de interesses comuns. É possível reconhecer, com isso, instituições e pesquisadores mais afinados com as reflexões em torno da memória/história e, de fato, reconhecer um grupo de trabalho envolvido no processo de produção do conhecimento histórico. O GTT está definitivamente consolidado (MORENO; ROSA; SEGANTINI, 2007, p. 271-272).

Na trajetória de 2005 até a presente data, o GTT Memórias da Educação Física e Esporte tem acolhido uma diversidade de temáticas, que revela o dinamismo em que se encontram os estudos e pesquisas históricas sobre a Educação Física/Esporte. Segundo Tarcísio Mauro Vago (2013), essa produção acadêmica que vem aparecendo ao longo do séc. XXI está marca-

---

<sup>3</sup> Na ocasião, o GTT era coordenado por Andrea Moreno e os seguintes nomes constituíam o comitê científico: Carmen Lucia Soares, Silvana Goellner, Marcus Aurelio Tabora de Oliveira, Carlos Fernando Cunha Junior, Ricardo Lucena e Maria Cristina Rosa.



da por uma renovação historiográfica, fazendo emergir novas proposições teóricas, ousados procedimentos de investigação e alargados entendimentos sobre tipos documentais.

Diante disso, várias questões nos instigam a análises mais detalhadas em relação à produção no campo da História da Educação Física, tais como: o anúncio diversificado de fontes, os recortes temporais privilegiados, a recorrência temática vinculada a Grupos de Pesquisa, a interdisciplinaridade dos estudos, os marcos teóricos flutuantes entre a história cultural e os estudos com tendências memorialistas ou de abordagem generalista em relação à história. Questões que têm trazido inquietações aos comitês científicos na busca da qualidade acadêmica dos trabalhos que são selecionados para apresentação e publicação nos Congressos.

Importante sublinhar que o texto que segue é uma versão revisitada da aproximação destas e de outras questões que permeiam a consolidação deste espaço no CBCE como um (se não o mais!) importante fórum de discussão sobre a produção de conhecimento com abordagem histórica na Educação Física e Esportes. Assim, foram levantadas informações acerca das características da produção do GTT Memórias da Educação Física e Esporte, baseada nos anais dos CONBRACEs/CONICEs no período de 2009 a 2017<sup>4</sup>. Trata-se de uma análise documental que apresenta subsídios para nossas reflexões atuais e investigações futuras e que põem em evidência as temáticas mais recorrentes, além de dados que elucidam as instituições, os pesquisadores, a regionalização, entre outras questões. A prática de mapear e avaliar a produção do conhecimento, conforme Valter Bracht *et al.* (2011), se apresenta como uma necessidade para pensar e nortear o próprio desenvolvimento do campo, nesse caso, recortado para os estudos históricos vinculados à Educação Física e Esporte; ou ainda, oferecer aos que dele se aproximam, uma possibilidade de contextualizar suas produções.

O movimento coletivo do comitê científico da gestão 2013-2015, bem como da gestão posterior foi permeado de entraves, desde as adversidades e desafios de se configurar como uma produção realizada “a muitas

---

<sup>4</sup> O XVI CONBRACE/III CONICE aconteceu em 2009 na cidade de Salvador/BA sob o título *Formação em Educação Física e Ciências do Esporte: políticas e cotidianos*; em 2011, na cidade de Porto Alegre/RS, o XVII CONBRACE/IV CONICE tematizou a *Ciência e Compromisso Social: Implicação na/da Educação Física e Ciências do Esporte*; já em 2013, o XVIII CONBRACE/V CONICE trouxe como tema a *Identidade da Educação Física e Ciências do Esporte em Tempos de Megaeventos*, ocorrendo em Brasília/DF. Já em 2015, Vitória/ES ocorreu o XIX CONBRACE/VI CONICE com a temática: *Territorialidade e Diversidade Regional no Brasil e na América Latina: suas conexões com a Educação Física e as Ciências do Esporte*. Por fim, em 2017, em Goiânia/GO, foi realizado o XX CONBRACE/VII CONICE tendo como temática *Democracia e Emancipação: desafios para a Educação Física e Ciências do Esporte na América Latina*.

mãos”, por pessoas residentes em diferentes localidades, ao desafio de estabelecer critérios de análise, localizar dados e redigir os textos. No entanto, a intenção de fazer uma atualização no mapa das produções do GTT motivou e impulsionou os autores a produzir o presente texto, que almejamos ser uma contribuição para a temática e para os pesquisadores interessados no campo.

### **Identificando temas e enfoques: percepções acerca da produção do GTT**

Neste momento, procuramos identificar, organizar e refletir sobre os trabalhos científicos encaminhados ao GTT Memórias da Educação Física e Esporte nos CONBRACEs/CONICEs de 2009 a 2017. Rastreado os temas e enfoques dos trabalhos aprovados, foram criados quatro eixos de identificação e caracterização para análises, a fim de vislumbrarmos as recorrências e tendências das pesquisas apresentadas.

Acreditamos ser importante destacar que o trabalho de classificação e ou tipificação é sempre complexo e perigoso, pois o cotidiano das investigações promove encaminhamentos que, muitas vezes, fogem a qualquer tipo de esquematizações e classificações. Todavia, assumimos o risco desta estruturação por entendermos que, apesar das lacunas, ele contribui para o entendimento mais global da produção do campo e de possíveis encaminhamentos a partir dele. Sendo assim, não poderíamos deixar de destacar que vários trabalhos foram identificados e analisados à luz de duas ou mais categorias, tendo em vista seus objetivos específicos e gerais. Essa situação não invalida o trabalho; ao contrário, reforça sua importância na medida em que demonstra a complexidade e variedade de possibilidades de investigação e a interdisciplinaridade dos estudos.

A partir dos objetos e objetivos de pesquisa identificados nos trabalhos analisados, e em continuidade à organização metodológica que realizamos nas análises de 2009 a 2013, os eixos elencados foram: as PRÁTICAS CORPORAIS, problematizações sobre modalidades esportivas, práticas culturais e educacionais que incidam sobre o corpo, manifestações, metodologias de ensino, etc; os PROJETOS E PRESCRIÇÕES PEDAGÓGICAS como políticas públicas, legislação, currículos, programas e projetos de ensino, eventos, etc; os estudos sobre INSTITUIÇÕES, que abarca escolas, cursos superiores, clubes, academias, grupos sociais e associações do gênero, etc; e SUJEITOS focando as trajetórias e biografias de professores, educadores, atletas, etc. Apresentamos abaixo dados extraídos dos congressos realizados no período de 2009 a 2017 com a distribuição dos trabalhos por eixos.

Quadro 1 – Eixos de identificação e caracterização de temáticas de pesquisa no GTT Memórias da Educação Física e Esporte

	<b>Práticas Corporais</b>	<b>Projetos e prescrições</b>	<b>Instituições</b>	<b>Sujeitos</b>	<b>Total de trabalhos</b>
2009 (Salvador-BA)	14	07	05	04	30
2011 (Porto Alegre-RS)	14	08	09	06	37
2013 (Brasília-DF)	09	09	11	06	35
2015 (Vitória-ES)	28	15	07	02	52
2017 (Goiânia-GO)	17	17	07	01	42
Total (por eixo)	82	56	39	19	196

Fonte: Anais dos CONBRACEs/CONICEs (2009-2017).

As PRÁTICAS CORPORAIS compõem a temática mais pesquisada no GTT. Foram 82 trabalhos apresentados e é notório o predomínio do interesse na investigação de práticas corporais esportivas, tanto como conteúdo de ensino da Educação Física, como prática cultural inserida, desenvolvida e vivenciada no meio social, ou seja, fora do ambiente escolar e acadêmico. Alguns trabalhos se dedicaram a investigar a *Gymnastica* no século XIX e início do XX, outros fazem recortes de gênero em relação às práticas e ainda há enfoques sobre o treinamento esportivo e as práticas corporais de lazer. Há um repertório variável de modalidades pesquisadas transitando entre o futebol, pólo aquático, capoeira, dança, folclore, peteca, skate, automobilismo, basquetebol. As abordagens da investigação destas práticas são diversas, tais como: identificação de representações acerca das sensações, dos significados, sentidos e valores atribuídos a tais práticas, bem como as trajetórias de desenvolvimento, os acordos e conflitos oriundos delas e os modos de prática.

O segundo eixo de análise mais recorrente foram os PROJETOS E PRESCRIÇÕES PEDAGÓGICAS, tendo sido identificados 56 trabalhos que se interessaram por estudar esses temas no âmbito da Educação Física e do Esporte, relacionados à intervenção estatal (política pública) e

de instituições de ensino (principalmente de ensino superior). Neste caso, a abordagem principal de investigação foram representações produzidas por tais programas e seus impactos nas intervenções decorrentes.

Já em relação às INSTITUIÇÕES, há uma variação entre estudos que se ocupam com a memória destes espaços e estudos que analisam seus impactos sobre determinado grupo, cidade ou sociedade. Dos 39 trabalhos identificados dessa temática, são recorrentes as pesquisas sobre: a) instituições de ensino sejam as escolas básicas, escolas normais (formação de professores), universidades ou cursos superiores; b) espaços de treinamento, aprendizagem e lazer, tais como clubes esportivos, escolas de dança, espaços públicos das cidades e grupos sociais (práticas de capoeira e skate); c) instâncias sociais de veiculação de informação como jornais e revistas ou impressos em circulação que davam visibilidade social às práticas corporais. Salientamos a riqueza de fontes que os trabalhos apresentam, o que representa um movimento de ampliação fundamental para a expansão de estudos da memória e história da Educação Física e do Esporte no contexto brasileiro, pois há uma infinidade de possibilidades de investigações sobre as mais distintas instituições, localidades e recortes.

Por último, o quarto eixo denominado SUJEITOS, com 19 trabalhos apresentados nos eventos analisados, é um dos enfoques em que mais localizamos duplicidades em relação à alocação em uma só temática. Alguns estudos apresentam, por exemplo, investigações de práticas corporais com delimitação de sujeitos (em relação ao gênero, a grupos sociais). Optamos então em delimitar neste eixo especificamente propostas que tinham enfoque bibliográfico, de trajetória, de produção docente e/ou intelectual. Assim, foram selecionados os trabalhos que se interessaram em investigar pensadores, agentes e organizadores (professores e gestores) de práticas corporais do passado. A abordagem também foi diversificada, pois, alguns trabalhos se ocuparam por identificar e analisar os direcionamentos apontados por pensadores “renomados”, bem como, protagonistas “anônimos”, “comuns” ou “infames”<sup>5</sup> que vivenciaram o contexto profissional da área e produziram diversas representações de Educação Física, do esporte e demais práticas corporais a partir de suas intervenções profissionais e sociais.

---

<sup>5</sup> No sentido emprestado de Michel Foucault (2006).

## Os trabalhos apresentados no GTT Memórias da Educação Física e Esporte: considerações acerca de periodizações, titulações e instituições

No período de 2009 a 2017 foram acolhidos ao todo 196 trabalhos no GTT Memórias da Educação Física e Esporte, destacando um aumento considerável se olharmos as duas últimas edições dos eventos (2015 e 2017) em comparação aos anteriores<sup>6</sup>. Continuamos a perceber que são distintas abordagens temáticas e categorizações que despertam interesse e atenção para análise da produção, que tem sido veiculada neste espaço. O quantitativo de trabalhos constantes nos anais dos cinco últimos eventos está assim distribuído:

Quadro 2 – Número total de trabalhos apresentados nas cinco últimas edições do CONBRACE/CONICE

<b>2009 (Salvador- BA)</b>	<b>2011 (Porto Alegre- RS)</b>	<b>2013 (Brasília- DF)</b>	<b>2015 (Vitória- ES)</b>	<b>2017 (Goiânia- GO)</b>	<b>Total</b>
30	37	35	52	42	<b>196</b>

Fonte: Anais dos CONBRACES/CONICES (2009-2017).

Consideramos no cômputo geral todos os trabalhos apresentados, independente da modalidade (comunicação oral e pôster). Uma observação que pode ser feita sobre a quantidade de trabalhos é que tem sido desafio constante aos comitês científicos do GTT Memórias da Educação Física e Esporte equacionar o número de trabalhos aprovados com os tempos e espaços destinados à programação científica nos eventos. Contudo, historicamente, esta equação tem sido bem resolvida. Inclusive, dentro das possibilidades, tornou-se parte da dinâmica do GTT oportunizar um espaço, mesmo que reduzido, para que os autores e autoras de pôsteres possam apresentar seus resultados também nos horários reservados ao GTT, para

<sup>6</sup> Temos algumas hipóteses com relação a esse quadro: é provável que o aumento esteja vinculado ao deslocamento da obrigatoriedade do envio do trabalho em determinado formato para avaliação ou publicação. Até 2013, havia a necessidade do envio do trabalho completo; desde então, acompanhando a tendência de grande parte dos eventos acadêmicos e científicos, passa ser adotada a flexibilização (opção) da publicação do trabalho (completo) ou do resumo (simples e/ou expandido) nos anais do evento. Essa tendência se afirma em 2017, quando deixa de ter a necessidade de trabalho completo, passando a ser exigido o envio de trabalhos nos formatos de resumo expandido (comunicação oral) e resumo simples (pôster), tanto para a avaliação, quanto para compor os anais do evento. Outra hipótese que pode ter influenciado - embora carregada de controvérsias entre membros dos GTTs e necessite de mais reflexões - é o fato de que em 2015 e 2017, passa a fazer parte da política da DN, o encaminhamento de que os GTTs escolhessem um artigo destaque para ser publicado em volume especial na RBCE. Isso, aventamos, pode ter instigado autores a disputar o espaço da publicação. Tratamos da consequência dessa política de incentivo e indução mais à frente no texto.

além da programação geral dos pôsteres, potencializando momentos para as apresentações e os debates que tanto contribuem para a formação dos pesquisadores e para o estabelecimento de diálogos e de articulações para pesquisas em parcerias.

Desse total de trabalhos algumas considerações mais aprofundadas podem ser feitas com relação à autoria dos mesmos. Apresentamos a seguir um quadro que dirige a atenção para essa temática:

Quadro 3 – Quantidade de autores dos trabalhos apresentados nas edições do CONBRACE/CONICE (2009-2017)

<b>Autoria dos trabalhos</b>	<b>2009 (Salvador-BA)</b>	<b>2011 (Porto Alegre-RS)</b>	<b>2013 (Brasília-DF)</b>	<b>2015 (Vitória-ES)</b>	<b>2017 (Goiânia-GO)</b>	<b>Somatória</b>
<b>Autor único</b>	11	13	10	18	16	34
<b>2 autores</b>	09	14	13	16	18	36
<b>3 ou mais autores</b>	10	10	12	18	8	32
<b>Total</b>	30	37	35	52	42	196

Fonte: Anais dos CONBRACEs/CONICEs (2009-2017).

O que podemos inferir dos dados do quadro anterior, cotejados com os detalhamentos presentes nos anais dos últimos eventos é que, mesmo diante de um visível pareamento, há um pequeno destaque para os trabalhos individuais<sup>7</sup> e os produzidos em coautoria de, no máximo, dois autores.

<sup>7</sup> Não foi possível, para o momento, realizar levantamento sobre as origens e motivações dos trabalhos individuais apresentados. Tal levantamento nos apresentaria um panorama mais detalhado dos trabalhos, sendo possível identificar se são oriundos de produções monográficas finais de etapas formativas (graduação ou pós-graduação), se são trabalhos realizados por meio de projetos e grupos de pesquisas ou se são trabalhos investigativos de outras naturezas. Os trabalhos com 3 ou mais autores também merecem ser melhor explorados, investigando as origens e motivações de suas escritas, majoritariamente relacionadas aos grupos e projetos de pesquisas institucionalizados.

Uma questão que optamos por não aprofundar nesse momento refere-se ao sexo dos autores e autoras que circulam no GTT Memórias da Educação Física e Esporte. Para o evento de 2009, dos 70 autores nominados, 28 eram homens e 42 mulheres; em 2011, dos 87 autores, 31 homens e 56 mulheres; em 2013, dos 84 autores, 40 homens e 44 mulheres; em 2015, dos 102 autores, 68 mulheres e 34 homens; e, por fim, em 2017, dos 79 autores, 49 homens e 30 mulheres compõem o rol de autoria. Como pode-se apreender, afóra o ano de 2017, há um movimento de prevalência das mulheres com pesquisas no GTT. Apenas para registro, em relação à prevalência de mulheres pesquisadoras, os dados parecem acompanhar o que o mostra o Censo da Educação Superior publicado pelo INEP em 2017, em que o número de mulheres concluintes em cursos de graduação é maior do que os

Destes últimos, grande parte é fruto de orientação de trabalhos de conclusão de curso (14), uma parcela menor frutos de orientações na pós-graduação (8), nos quais orientadores e orientadoras são coautores. Os demais trabalhos de dupla autoria (14), de acordo com os dados disponíveis nos anais, são de pesquisadores de diferentes níveis de formação que escreveram em coautoria sem as relações imediatas de orientação e/ou apresentação de um trabalho monográfico ao final de uma etapa formativa, seja da graduação ou da pós-graduação.

Em termos de periodização, o século XX, com recortes temporais variados, continua sendo majoritário nos trabalhos: 121 dos 196 apresentados ao longo dos cinco últimos eventos, e apenas 12 trabalhos apresentados com temporalidade no século XIX. Cabe a observação de que, assim como observado anteriormente no estabelecimento de eixos de identificação e caracterização das temáticas de pesquisa, o exercício de alocar os trabalhos em períodos históricos mais ou menos comuns, para nossa análise nesse balanço, tende a enfrentar problemas quanto a adequações dos recortes temporais dos trabalhos em uma tabulação como algo arbitrário. Muitos dos recortes históricos dos trabalhos atravessam os limites propostos no quadro a seguir. Metodologicamente, foi privilegiado o maior tempo pertencente a uma categoria analítica<sup>8</sup>. O quadro a seguir auxilia na visualização da distribuição das periodizações dos trabalhos:

Quadro 4 – Distribuição dos trabalhos em relação ao recorte temporal investigado

Recortes temporais	2009 (Salvador-BA)	2011 (Porto Alegre-RS)	2013 (Brasília-DF)	2015 (Vitória-ES)	2017 (Goiânia-GO)	Soma-tória
Último quartel do século XIX	03	01	03	03	02	12
1º quartel do século XX (1900-1925)	09	07	05	05	08	34

homens, numa proporção de 60% x 40%. De acordo com Vanderlan Bolzani (2017), a partir do relatório divulgado pela editora Elsevier também em 2017, a proporção de mulheres cientistas e inventores cresceu em 12 países analisados, entre eles, o Brasil. A autora localiza que, entre 2011 e 2015, o Brasil já apresenta pareamento em relação ao gênero entre pesquisadores, sendo que as mulheres representavam 49% e que vem ganhando volume entre bolsistas de produtividade CNPq, passando de 22,3% de PQ nível 1A em 2011 para 24,6% em 2015.

<sup>8</sup> Por exemplo, um trabalho que se propôs a investigar um objeto entre os anos de 1924 e 1937 foi alocado no segundo quartel do século XX.

<b>2º quartel do século XX (1925-1950)</b>	04	08	09	04	08	33
<b>3º quartel do século XX (1950-1975)</b>	07	10	07	06	03	33
<b>Último quartel do século XX (1975-2000)</b>	01	07	03	04	06	21
<b>Recortes diferenciados<sup>9</sup></b>	02	01	05	17	13	38
<b>Recortes não identificados<sup>10</sup></b>	04	03	03	13	02	25
<b>Total</b>	30	37	35	52	42	196

Fonte: Anais dos CONBRACEs/CONICEs (2009-2017).

Algumas considerações podem ser feitas com base nos dados apresentados e cotejando os resumos dos trabalhos. Uma tendência que tem se mantido, dado o estágio de crescimento e consolidação das pesquisas históricas e seus desdobramentos, é o estabelecimento dos recortes temporais tendo em vista as particularidades dos objetos de investigação e das fontes acessadas para construir as interpretações históricas. Se em um passado próximo muitas das produções históricas foram marcadas pelas definições de seus recortes pelos marcos da chamada história política, o quadro atual tem contribuído para ampliar o conhecimento histórico, atravessando aqueles recortes ditos “tradicionais”. Contudo, essa observação não visa invalidar as contribuições passadas; pelo contrário, elas são basilares na construção de

<sup>9</sup> A partir das periodizações aqui definidas, alguns dos recortes temporais dos trabalhos ou extrapolaram os limites ou são anteriores aos mesmos. Os recortes diferenciados são os seguintes: no evento de 2009, um trabalho delimita o período de 1915 a 1987; outro diz investigar um largo período subdividido em: década de 1920 a 1940, década de 1940 e 1950 e meados da década de 1950 a 1980. Para o ano de 2011, o trabalho com peculiaridades temporais estuda o período de 1896 a 1940. Por fim, no XVIII CONBRACE/V CONICE de 2013, cinco são os trabalhos que apresentam questões específicas e que não entraram na classificação aqui proposta: um investiga século XVIII e XIX; outro indica reflexões entre 2005 e 2011; um indica o período de 1889 a 1937; outro privilegia o século XVIII e, para finalizar, um que aborda seu objeto localizado entre 1960 e 1990.

<sup>10</sup> Pela leitura dos títulos e dos resumos não foi possível identificar o recorte temporal proposto de alguns dos trabalhos.



outras pesquisas históricas sobre aqueles períodos já investigados. Exemplo disso são os trabalhos que, ao priorizar os “recortes tradicionais” (Império, República, Estado Novo, Ditadura Civil-Militar, etc), apresentam movimentos de problematização das interpretações históricas já realizadas na área, o que contribui sobremaneira para melhor conhecermos o passado.

Outro aspecto que pode ser destacado, ao comparar os trabalhos dos cinco últimos CONBRACEs/CONICEs com o balanço anteriormente realizado por Moreno, Rosa e Segantini (2007), refere-se ao que podemos chamar de preenchimento de lacunas historiográficas. O número de trabalhos que tem como recorte histórico diferentes períodos do século XIX diminuiu recentemente, ao passo que os trabalhos que procuram investigar períodos até então pouco pesquisados – especialmente os que, como dissemos, partem de recortes distintos dos grandes marcos políticos - tem aparecido com mais intensidade. São trabalhos que analisam períodos anteriores ao Estado Novo e ao período compreendido entre este e a Ditadura Civil-Militar. Tais recortes, até então pouco investigados verticalmente, vêm sendo desvelados por meio de investigações que têm circulado no GTT sistematicamente.

Em geral, o número total de autores atinentes ao GTT permaneceu estável entre as edições de 2009 a 2017. No entanto, esse quadro passa a ser variável quando decompomos os números absolutos em termos das respectivas titulações dos autores. Como já mostrado anteriormente, a maior parte dos trabalhos apresentados são produzidos em coautoria de dois autores remetendo a relações de orientador/orientando de estudos realizados na graduação ou pós-graduação. Essa situação já supõe uma distribuição autoral pelos diferentes níveis de formação. Além disso, há uma significativa parcela de trabalhos que conta com mais de três autores, o que indica o envolvimento de grupos de pesquisa que, comumente, são compostos desde graduandos, de acadêmicos da iniciação científica a professores doutores e/ou pós-doutores.

Para melhor compreensão e posterior análise, vejamos a seguir o quadro comparativo das titulações dos autores participantes em cada edição do CONBRACE/CONICE constante nesse levantamento:

Quadro 5 – Titulação dos autores de trabalho nas edições do CONBRACE/ CONICE de 2009 a 2017

<b>Ano</b> <b>Titulação</b>	<b>2009</b> <b>(Salvador- BA)</b>	<b>2011</b> <b>(Porto Alegre- RS)</b>	<b>2013</b> <b>(Brasília- DF)</b>	<b>2015</b> <b>(Vitória- ES)</b>	<b>2017</b> <b>(Goiânia- GO)</b>
Graduando(a)	17	28	10	16	6
Graduado(a)	5	7	12	3	2
Especialista	3	0	1	2	0
Mestrando(a)	7	9	6	16	8
Mestre	12	9	7	9	6
Doutorando(a)	7	7	6	19	12
Doutor(a)	13	12	20	31	19
Pós-Doutor(a)	1	1	3	2	3
Não Identificado(a) <sup>11</sup>	5	14	19	4	23
<b>Total:</b>	<b>70</b>	<b>7887</b>	<b>6784</b>	<b>102</b>	<b>79</b>

Fonte: Anais dos CONBRACEs/CONICEs (2009-2017) e metadados dos autores no SOAC.

Os números demonstram alguns movimentos que merecem destaque tanto na perspectiva horizontal quanto na vertical, a começar pela expressiva soma de doutorandos, doutores e pós-doutores a partir de 2013. Depreendemos, pelo menos, três questões que podem estar implicadas nesse processo: a primeira está calcada na permanência de alguns doutores nas atividades do GTT, mormente líderes de grupo e integrantes de linhas de pesquisa vinculadas à pós-graduação dedicadas a estudos historiográficos no âmbito da Educação Física ou da Educação.

A segunda implicação está relacionada ao encerramento, no interstício de um evento para outro, dos ciclos de formação em nível de doutorado e pós-doutorado de uma porção considerável de pesquisadores frequentes ao

<sup>11</sup> Cabe o destaque e a reflexão acerca de uma questão percebida quando da realização desse levantamento: a incompletude dos metadados na plataforma do SOAC dificulta o acesso a algumas informações elementares. A inserção e atualização desses dados é responsabilidade dos autores dos trabalhos, quando do cadastramento e submissão das produções. A não identificação de algumas informações na plataforma específica do evento (que até poderiam ser mobilizadas recorrendo a outras fontes, como a plataforma Lattes) torna o trabalho de pesquisa mais demorado. Optamos, nesse trabalho, mesmo sob risco de ter a imprecisão de alguns dados, de recorrer apenas aos anais dos eventos e à plataforma SOAC.

GTT. Isso não é exatamente algo novo, pois tal como já haviam percebido Moreno, Rosa e Segantini (2007) é recorrente a formação de pesquisadores no campo da história desde 1991, “na chamada fase embrionária” (p. 252).

Por fim, a terceira questão que ajuda a entender o significativo número de doutores e pós-doutores no evento de 2015 pode estar arrolada ao anúncio da editoração de um suplemento da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) com publicação de comunicações orais selecionadas por cada GTT, em modo de proporcionalidade ao total de trabalhos submetidos. Tal medida, vislumbrada a partir do debate promovido pelo CBCE durante a Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) em julho de 2012, argumentava em favor de uma política que pudesse atrair pesquisadores que porventura vieram a se afastar da entidade científica nos últimos anos. Assim, participar do evento significaria disputar mais um espaço de publicação na área, algo caro para o alcance dos critérios que determinam a manutenção dos vínculos de doutores e pós-doutores com programas de pós-graduação, por exemplo. Chama a atenção, também, que o aumento no número de doutores foi acompanhado proporcionalmente, por efeito, pelo aparecimento de mestrands, mestres e doutorandos, especialmente no evento de 2015.

Também merece destaque a oscilação no total de autores graduandos nesses eventos. Pressupõe-se, neste caso, uma justificativa que mescla elementos de ordem acadêmica com outros de caráter geográfico. Pois, se por um lado, há que se ressaltar a oportunidade de participação desses alunos em grupos de pesquisa através de projetos de iniciação científica, por outro lado, não se pode descartar que a aderência ou não desses graduandos ao CONBRACE/CONICE é potencializada justamente quando o mesmo ocorre em uma região em que esses grupos de pesquisa estão consolidados. Não se pode descartar igualmente as condições geradas para as participações destes graduandos nos eventos em termos de valores de associação e inscrição à entidade científica, somado aos fatores de acesso à hospedagem e alimentação na cidade sede.

Para tratar disso, reproduzimos um quadro que alimenta as informações quanto ao número de instituições participantes e regiões em que estão localizadas:

Quadro 6 – Instituições e regiões com maior participação nos eventos de 2009 a 2017

<b>Ano</b>	<b>Nº Instituições Participantes</b>	<b>Destques<sup>12</sup></b>	<b>Regiões<sup>13</sup></b>
<b>2009 (Salvador-BA)</b>	21	UFMG UFRGS UFPR UGF UNIMONTES	Sudeste Sul Nordeste  Internacional (ARG)
<b>2011 (Porto Alegre-RS)</b>	18	UFMG UFRGS UFES UFRJ	Sudeste Sul  Internacional (ARG)
<b>2013 (Brasília-DF)</b>	23	UFES UFRJ UNICAMP UFRGS UFMG UNB UFG	Sudeste Sul Centro-Oeste Nordeste
<b>2015 (Vitória-ES)</b>	26	UNICAMP UFMG UFRJ UFRGS UFPR	Sudeste Sul Norte Nordeste Centro Oeste Internacional (ARG-URU)
<b>2017 (Goiânia-GO)</b>	22	UNICAMP UFES UFRGS UFMG	Sudeste Sul Centro Oeste Nordeste Internacional (ARG)

Fonte: Anais dos CONBRACEs/CONICEs (2009-2017).

<sup>12</sup> Instituições que participaram do evento com mais de um trabalho apresentado.

<sup>13</sup> Regiões citadas em ordem decrescente pelo número de trabalhos totais.

Numa relação entre grupos de pesquisa e regiões do país, não há como descartar que os vinte e oito graduandos que aparecem em 2011 não estejam relacionado à realização do evento em Porto Alegre, uma vez que encontramos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) o Centro de Memória do Esporte (CEME), um dos grupos expoentes no tema coordenado pela professora Silvana Vilodre Goellner, desde janeiro de 1997. De outra forma, o baixo número de graduandos no evento realizado em Brasília vem no sentido inverso, demonstrando que a região Centro-oeste assim como Norte e Nordeste carecem de um fortalecimento de grupos associados a pesquisas de abordagem histórica na Educação Física.

Enquanto isso há uma visível concentração desses pesquisadores em universidades públicas localizadas nas regiões Sudeste e Sul com destaque para UFMG, UNICAMP, UFRJ, além da já citada UFRGS e, mais recentemente, a UFES. Tal conjuntura é resultante de um processo de identificação e pertencimento de pesquisadores à área, que tem ganho força desde 1999, quando da criação do GTT de Memória, Corpo e Cultura dentro do CBCE, pois é possível encontrar nomes como de Victor Mello, Carmen Soares, Andrea Moreno e a supramencionada Silvana Goellner, na condição dos pesquisadores que formavam o comitê científico do GTT (MORENO, ROSA, SEGANTINI, 2007).

Por fim, enfatizamos que mesmo o evento tendo abrangência internacional reforçado pela implementação do CONICE, que em 2017 fechou sua sétima edição, ainda é pequena a adesão de pesquisadores pertencentes a instituições estrangeiras no GTT. Nas últimas cinco edições, tivemos uma participação em 2009, outra em 2011, ambas de um mesmo autor oriundo da Universidad Nacional de Quilmes e da Universidad Nacional de La Plata, ambas da Argentina. Após um 2013 lacunar de trabalhos estrangeiros, identificamos tanto em 2015 quanto em 2017 a participação de dois trabalhos em cada edição, chamando atenção para um de origem argentino e outro uruguaio em 2015. Apesar do pequeno crescimento na submissão dos trabalhos estrangeiros ainda permanece a necessidade de fortalecer uma política de internacionalização do GTT e do CBCE não só pela possibilidade de intercâmbios e parcerias acadêmico-científicas, mas também pela ampliação dos debates na realização dos eventos nacionais.

Por fim, uma dimensão que merece destaque, ainda se tratando das questões das instituições: é possível identificar que muito da presença e do envolvimento dos pesquisadores – acadêmicos e professores – é marcada pelos grupos de estudo e/ou pesquisa vinculados às temáticas da História

e Memória existentes nessas Universidades. Identificamos alguns destes Grupos referenciados pelos autores nos Anais dos eventos, conforme exemplificado no quadro a seguir.

Quadro 7 – Grupos de pesquisa identificados no GTT

<b>Grupos de pesquisa</b>	<b>Instituições</b>
Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física –PROTEORIA	UFES
Programa de investigación “Escuela, diferencia e inclusión”	UNQ
Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo (GRECCO)	UFRGS
Centro de Memória do Esporte (CEME)	UFRGS
Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF)	UFMG
Centro de Pesquisa em História da Educação (GEPHE)	UFMG
Núcleo de Estudos Sócio corporais e Pedagógicos em Educação Física e Esportes (NESPEFE - EEFD)	UFRJ
Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais)	UFRJ

Fonte: Anais dos CONBRACEs/CONICEs (2009-2017).

Alguns destes grupos se organizam a partir de Centros de Memória, tais como o Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF), da UFMG e o CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE (CEME), da UFRGS, instâncias que para além da recepção e organização de fontes, potencializam projetos de pesquisa em todos os níveis: da iniciação científica ao pós-doutorado. Tanto os grupos de pesquisa quanto os Centros de Memória se configuram como espaços de difusão e ampliação de pesquisas e pesquisadores no campo, diretamente ligadas à produção e circulação do conhecimento da área. Os grupos de pesquisa têm, a partir da História e Memória, diferentes objetivos de investigação a partir das seguintes temáticas: escola, educação, esporte, corpo, cultura, educação física, lazer. A

diversidade dos temas à luz da História e Memória cria também maiores possibilidades desse fazer historiográfico dos programas de pós-graduação<sup>14</sup>. Mas essa é uma dimensão a ser explorada em outra oportunidade.

## Considerações finais

Apesar dos inúmeros desafios que os dados nos apresentam, faz-se necessário enfatizar que de forma geral eles trazem algumas boas notícias. Destacando a temática de submissão de trabalhos sobressai-se o aumento considerável daqueles encaminhados ao GTT nos dois últimos eventos analisados (2015-2017), principalmente no ano de 2015. Acredita-se que estes números foram alcançados em virtude de algumas variáveis, tais como, o cenário nacional, as políticas internas do CONBRACE/CONICE de valorização dos trabalhos (possível publicação) e um movimento interno do GTT em incentivar a participação de seus pares. Também houve um pequeno aumento no número de trabalhos estrangeiros com ampliação de países participantes. Contudo, como apontado anteriormente, a dimensão da internacionalização, não só do GTT Memórias, mas do CBCE como um todo, carece de ações específicas.

A continuidade deste tipo de levantamento de dados, realizado pelo comitê científico do GTT Memórias da Educação Física e Esportes, e a elaboração deste texto é um importante exercício para os que estão há alguns anos trabalhando com o desenvolvimento de pesquisas na área. Enquanto membros desta importante entidade científica estudos como estes possibilitam o acompanhamento avaliativo dos rumos e perspectivas que a produção do conhecimento vem delineando através daquilo que circula no campo, das avaliações de trabalhos para congressos, periódicos e bancas nos diferentes segmentos de formação. Um levantamento como este tende sempre a um panorama, a uma perspectiva de abrangência, um exercício que provoca novos olhares. Como membros do comitê científico, tem sido parte de nossa dedicação a esta entidade o investimento no registro e participação das ações que permitem ao CBCE a garantia da preservação da memória e da projeção de análises e temas pertinentes ao futuro da área. O que nos instiga às reflexões acerca do que e como produzimos conhecimento em nossa esfera de atuação.

---

<sup>14</sup> A relação da produção do GTT Memórias da Educação Física e Esporte com a pós-graduação é um tema que merece ser aprofundado. Algumas questões foram debatidas em texto anterior de Elisângela Chaves *et al.* (2015).

## Referências

- BOLZANI, V. da S. Mulheres na ciência: por que ainda somos tão poucas?. *Cienc. Cult.*, v. 69, n. 4, out. 2017, p. 56-59, Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602017000400017>. Acesso em: 16 mar. 2019.
- BRACHT, V. *et al.* A educação física escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010). *Movimento*, v. 17, n. 2, abr./jun. 2011, p. 11-34.
- CARVALHO, Y. M.; LINHALES, M. A. (org.). *Política científica e produção do conhecimento em educação física*. Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007.
- CHAVES, E.; FREITAS, G. S.; CHAVES JUNIOR, S. R.; FIGUEIREDO, P. K.; PINTO, J. F. Índícios e análises da produção em circulação no GTT Memórias da Educação Física e Esportes nos CONBRACEs/CONICEs de 2009 a 2013. *In: RECHIA, S. et al. (org.). Dilemas e desafios da pós-graduação em educação física*. Ijuí: Unijui, 2015, v.1.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16., e CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE 3., 2009. Salvador. *Anais [...]*. Salvador: CBCE, 2009.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17., e CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE 4., 2011. Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: CBCE, 2011.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 18., e CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE 5., 2013. Brasília. *Anais [...]*. Brasília: CBCE, 2013.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 19., e CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE 6., 2015. Vitória. *Anais [...]*. Vitória: CBCE, 2015.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 20., e CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE 7., 2017. Goiânia. *Anais [...]*. Goiânia: CBCE, 2017.
- FOUCAULT, M. A vida de homens infames. *In: FOUCAULT, M. Estratégia, poder-saber*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- MORENO, A.; ROSA, M. C.; SEGANTINI, V. C. O GTT. Memórias da Educação Física e Esporte do CBCE: uma análise a partir das práticas e da produção (1989-2005). *In: CARVALHO, Y. M.; LINHALES, M. A. (org.). Política científica e produção do conhecimento em educação física*. Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007. p. 245-300.
- TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. Renovação historiográfica na educação física brasileira. *In: SOARES, C. (org.). Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação*. Campinas: Autores Associados; São Paulo: FAPESP, 2007.



VAGO, T. M. Escrevendo histórias de educação física, de esportes e de lazer: uma apreciação da produção a partir do CEMEF/UFMG. *In*: LINHALES, M. A.; NASCIMENTO, A. (org.). *Organizando arquivos, produzindo nexos: a experiência de um Centro de Memória*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

# História e historiografia da Educação Física: práticas científicas em circulação nos CONBRACEs (2005-2017)

*Juliana Martins Cassani*

*Wagner dos Santos*

*Lucas Oliveira Rodrigues de Carvalho*

*Felipe Ferreira Barros Carneiro*

*Amarílio Ferreira Neto*

## Introdução

Este capítulo analisa a produção científica do Grupo de Trabalho Temático (GTT) Memórias da Educação Física e Esporte (2005-2017),<sup>1</sup> publicada nos Anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), evento científico organizado pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Interessa-nos investigar *as maneiras e artes de fazer* (CERTEAU, 2002) dos pesquisadores que circulam no *GTT Memórias...* focalizando o modo como os objetos, as periodizações e as fontes foram delineados pelos autores, bem como as redes de colaboração constituídas por eles, a fim de se consolidarem no campo científico (BOURDIEU, 1983) e formarem novos quadros de pesquisadores.<sup>2</sup>

O *GTT Memórias...* faz parte de um conjunto de 13 GTTs, instâncias organizativas caracterizadas por reunir investigadores que problematizam objetos de estudos com especificidades semelhantes. Eles se constituem em núcleos de análise e de circulação de conhecimento, cuja finalidade é ofere-

---

<sup>1</sup> A partir deste momento, assumiremos a expressão *GTT Memórias...*

<sup>2</sup> Este capítulo de livro se desdobrou em um estudo mais amplo, em que analisamos: as redes de colaboração dos autores que publicam no *GTT Memórias...*; as referências e o acoplamento bibliográfico da literatura que forma a base epistemológica dos autores e seus grupos de pesquisa; e os principais temas que compõem o debate veiculado no *GTT Memórias...* (2005-2017) (CASSANI et al., 2020).

cer as bases para as ações da entidade a que pertencem, qual seja, o CBCE.<sup>3</sup> Em especial, o GTT *Memórias...* tem como objetivo compreender “[...] as diferentes manifestações dos campos da Educação Física e do Esporte voltados para a preservação da memória e que tenham por base suportes teórico-metodológicos de diferentes campos disciplinares e suas relações com a história como processo” (CBCE, [s. d.]).

Dentre as iniciativas de pesquisas que têm se debruçado ao *GTT Memórias...*, sinalizamos Ferreira Neto (2005b),<sup>4</sup> cuja periodização se refere a 1997-2003; Moreno, Rosa e Segantini (2007), 1989-2005; e Chaves *et al.* (2015), 2009-2013. Esses estudos foram publicados com o objetivo de oferecer, para o leitor, mapeamentos sobre a constituição autoral dos artigos, a trajetória de formação dos pesquisadores, os objetos de pesquisa, o uso de fontes, as periodizações, os referenciais teórico-metodológicos, o vínculo dessas publicações com grupos de pesquisa e com Programas de Pós-Graduação. Fundamentados em teorias distintas, esses capítulos de livro também articulam os trabalhos em circulação no *GTT Memórias...* com as práticas acadêmicas daqueles que ocuparam *lugares* (CERTEAU, 2002) institucionalizados no Comitê Científico do GTT, ao longo dos anos.<sup>5</sup>

Do mesmo modo, acenamos para uma produção científica dedicada à investigação dos Anais de outros GTTs, veiculados nos CONBRACES. É o caso de Carneiro, Ferreira Neto e Santos (2015), que tomam como referência o *GTT Escola* (1997-2009), a fim de analisar a constituição epistemológica do campo da Educação Física escolar, com foco nos alicerces teóricos que lhes oferecem sustentação, bem como nas práticas de apropriação dos autores a essas teorias.

---

<sup>3</sup> O CBCE foi o responsável por editar o primeiro periódico vinculado a uma sociedade científica, isto é, a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), impresso compreendido como “Publicação periódica científica em Educação Física e esporte de sociedades científicas e associações de categoria profissional” (FERREIRA NETO, 2005a, p. 780).

<sup>4</sup> Neste capítulo de livro, o autor também analisa as práticas de produção da história e historiografia da Educação Física em circulação no Congresso de História de Educação Física e Esporte (1993-1997) (FERREIRA NETO, 2005b).

<sup>5</sup> Esses autores também circularam em instâncias relacionadas com a gestão, em diferentes níveis do CBCE. Conforme informações contidas nos Currículos *Lattes* dos autores, bem como nos seus capítulos de livros aqui citados, indicamos: Amarílio Ferreira Neto, editor da RBCE (1999-2003); Andrea Moreno, coordenadora (2005) e membro do Comitê Científico do GTT (CC – GTT) (2009-2011); Maria Cristina Rosa, coordenadora (2007-2009) e membro do CC-GTT (2005-2007); Elisângela Chaves, coordenadora (2013-2015) e membro do CC-GTT (2011-2013, 2015-2017, 2017-2019); Gustavo de Silva Freitas, membro do CC-GTT (2011-); Joelcio Fernandes Pinto, membro do CC-GTT (2013-2015); Priscilla Kelly Figueiredo, membro do CC-GTT (2009-2011, 2013-2015); Sérgio Roberto Chaves Júnior, membro do CC-GTT (2011-2013, 2013-2015). Nos anos de 2015-2017, Evelise Amgarten Quitzeu foi Coordenadora Científica do GTT; e no período de 2017-2019, o GTT foi coordenado por Anderson da Cunha Baía e Bergson Oliveira.

Assim, sob diferentes referenciais teóricos, o conhecimento em circulação em diferentes GTTs tem configurado um profícuo campo de investigações. Trata-se, nesse caso, de considerar os Anais de eventos científicos como uma literatura que possui especificidades diferentes daquelas materializadas em suportes como livros, capítulos de livros e artigos publicados em periódicos – conforme os estudos das Ciências da Informação.

Referimo-nos ao conceito de bibliografia cinzenta (POBLACIÓN; NORONHA, 2001), que compreende um tipo de *corpus* documental produzido por instituições de ensino e pesquisa, sociedades acadêmicas e centros de documentação e pesquisa, com restrições quanto à sua acessibilidade, aquisição e controle específico. Os conteúdos desses trabalhos se caracterizam pelo ineditismo, pela apresentação minuciosa dos dados e pelo seu caráter altamente atualizado – em virtude da imediata divulgação de pesquisas realizadas de modo recente –. No entanto, paradoxalmente, os conhecimentos veiculados nesses suportes materiais carregam um “estigma” de menor reconhecimento nos processos de avaliação acadêmica e, por isso, normalmente são secundarizados pelos próprios autores, na elaboração dos seus *Currículos Lattes* ou no registro de sua produção científica (POBLACIÓN; NORONHA, 2001; FUNARO; NORONHA, 2006; BOTELHO; OLIVEIRA, 2015).

Desse modo, ao nos referenciar nas pesquisas das Ciências da Informação, sinalizamos a potencialidade de trabalhos veiculados em Anais para discutir sobre os objetos, as periodizações, as fontes, bem como as composições autorais e as redes de colaboração produzidas pelos pesquisadores. Com base nesses dados, é possível analisar como o conhecimento em circulação no *GTT Memórias...* tem contribuído para a constituição da história e da historiografia da Educação Física.

## Teoria e método

A pesquisa possui abordagem quanti-qualitativa e assume como perspectiva a análise crítico-documental de Bloch (2001). Ao escrever sobre a observação histórica, o autor afirma que, “[...] como primeira característica, o conhecimento de todos os fatos humanos no passado, da maior parte deles no presente, deve ser um conhecimento através dos vestígios” (BLOCH, 2001, p. 73). De acordo com o autor, “Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca, pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 2001, p. 79).

Assim, retornamos às fontes com perguntas que nos possibilitassem ler o que está presente ou ausente nos trabalhos, pois “[...] os textos ou os documentos, mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los” (BLOCH, 2001, p. 79). Nesse processo, as fontes foram compreendidas como artefatos dotados de intencionalidades, criados por indivíduos ou redes que, em determinado momento, produziram suas marcas no *GTT Memórias...* (2005-2017).

Os Anais do CONBRACE constituem-se como fontes privilegiadas desta pesquisa, a partir das quais analisamos as “[...] predominâncias ou recorrências temáticas e informações sobre produtores [...]” (CATANI; SOUSA, 1999, p. 11). Ao nos referenciar nos estudos sobre impressos, compreendemos esses documentos como fonte de informações, de ideias e de imagens, mas, acima de tudo, como destaca Davis (1990, p. 159), como um mensageiro de relações, o qual possui como “[...] característica mais marcante [...] [o] papel de formador de opinião”. Mais do que veicular informações sobre fatos ocorridos, a imprensa ajuda a dar forma ao que por ela é registrado (DARNTON, 1996).

No processo de análise das fontes, apropriamo-nos das noções de maneiras e artes de fazer por meio das estratégias, táticas, usos e apropriações de Michel de Certeau (2002), a fim de compreendermos como os autores consolidam a sua produção científica e visam a se constituir como autoridades (BOURDIEU, 1989) na história e na historiografia da Educação Física em circulação no Congresso.<sup>6</sup>

A periodização da pesquisa (2005-2017) dá continuidade ao estudo desenvolvido por Ferreira Neto (2005b), vinculado ao Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (PROTEORIA/UFES). Propomo-nos analisar todos os Anais dos CONBRACEs publicados em período posterior àquele discutido pelo autor, qual seja, 1999-2003. Além disso, a justificativa para a periodização encontra-se no fato de que o Congresso sempre ocorre a cada dois anos, por isso, o final do período analisado (2017) refere-se ao último congresso, realizado na cidade de Goiânia.

---

<sup>6</sup> As estratégias de conservação e as táticas de subversão coexistem em um campo científico. De acordo com Certeau (2002), as estratégias são manipulações das relações de força que sustentam e conquistam lugares de produção. As táticas de subversão são ações geradas pela ausência de lugares próprios, como um último recurso daqueles que, com mobilidade, se submetem aos que detêm o poder, a fim de que suas ações influenciem no espaço. Já os *usos e as apropriações* (CERTEAU, 2002) constituem formas diferentes de interpretações que dialogam, todo o tempo, com as práticas produtoras de ordenamento.

Para procedermos ao mapeamento das fontes, selecionamos os artigos em formato de trabalhos completos, apresentados como comunicações orais. Nesse processo, foi necessário assumir diferentes caminhos metodológicos, a fim de identificar e acessar os trabalhos, sobretudo pelas mudanças ocorridas no modo de organização e circulação dos Anais ao longo dos anos. No Quadro 1, indicamos os procedimentos adotados para selecionar as fontes:

**Quadro 1** – Metodologia para mapeamento do corpus documental do GTT *Memórias...*

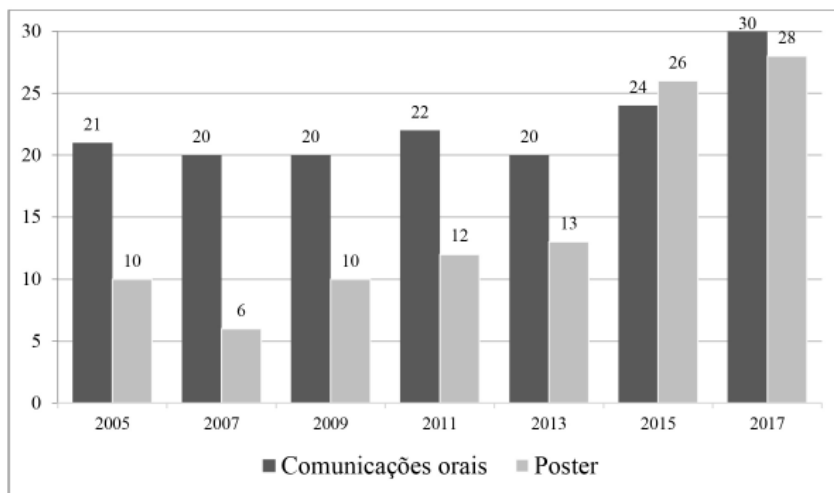
Ano	Informações do CONBRACE		Forma dos Anais	Modo de Acesso na Internet
	Local	Coordenador		
2005	Porto Alegre/RS	Kleber do Sacramento Adão	Documento único, publicado em PDF. Os trabalhos completos foram mapeados pela indicação “Comunicação Oral”, feita no início do texto e pelo manuseio do documento físico do Caderno de Resumos	<i>Link</i> disponível no <i>site</i> do CBCE
2007	Recife/PE	Andréa Moreno (2005-2007)	Os <i>links</i> para os trabalhos estão disponíveis na página do Congresso, ao lado dos nomes dos autores. Todos são identificados quanto ao modo de apresentação	Página específica do Congresso, com <i>link</i> disponível no <i>site</i> do CBCE
2009	Salvador/BA	Não consta no <i>link</i> “Políticas dos GTTs”, no SOAC, o que também ocorre com o GTT Políticas Públicas	Identificação do formato dos trabalhos, de acordo com a programação geral do Congresso, disponível na plataforma SOAC	O <i>site</i> do CBCE direciona para a página da RBCE, no entanto os trabalhos não foram disponibilizados. Posteriormente, pesquisamos na Plataforma SOAC

2011	Porto Alegre/RS	Meily Assbú Linhales (2009-2011)	Alguns trabalhos identificaram, ao seu final, o recurso tecnológico para a sua apresentação e/ou o seu formato (pôster ou comunicação oral). Diante da ausência dessas informações, em alguns textos, referenciamos-nos na programação geral do evento	Plataforma SOAC. A programação geral foi encontrada no repositório digital da UFRGS
2013	Brasília/DF	Edivaldo Góes Junior (2011-2013)	A natureza do trabalho encontra-se disponível na programação geral do evento	Plataforma SOAC
2015	Vitória/ES	Apresentam-se os nomes dos coordenadores no Comitê Organizador, sem indicar o GTT.  Sugere-se o nome de Elizângela Chaves (2013-2015)	Identificação da natureza do trabalho apenas pela conferência com as normas de submissão	Plataforma SOAC
2017	Goiânia/GO	Evelise Amgarten Quittau (2015-2017)	Após o mapeamento dos trabalhos em arquivo PDF, disponível no <i>site</i> do CBCE e na Plataforma SOAC, a natureza do trabalho foi identificada pela programação geral do GTT	Anais disponíveis em PDF no <i>site</i> do CBCE e na Plataforma SOAC

Fonte: Anais do CONBRACE (2005-2017). Elaboração dos autores.

Com base nos procedimentos apresentados no Quadro 1, mapeamos os artigos que, em sua tipologia, são caracterizados como pôster e comunicação oral, em um total de 262 trabalhos. Posteriormente, organizamos esses dados no Gráfico 1, abaixo, a fim de delinear o *corpus* documental objeto de análise deste capítulo, qual seja, os trabalhos apresentados no formato de comunicação oral:

**Gráfico 1** – Distribuição anual dos trabalhos



Fonte: Anais do CONBRACE (2005-2017). Elaboração dos autores.

Conforme o Gráfico 1, os anos em que há picos de produção são 2015 (50) e 2017 (58). Em relação àqueles apresentados como comunicação oral (157),<sup>7</sup> identificamos regularidade em sua distribuição anual, com maior expressividade quantitativa em 2015 (24) e 2017 (30). Já os dados referentes aos trabalhos em formato pôster (105) indicam redução numérica em 2007 (6) e, posteriormente, um acréscimo gradativo. Entre 2013 e 2015, o número de textos aumenta de 13 para 26. Os dados sugerem uma tendência ao aumento do quantitativo de pôsteres, já que, em 2017, o número de textos com essa tipologia é próximo ao de 2015, atingindo o seu pico de produção.

Com base na tipologia e distribuição anual dos trabalhos, organizamos um banco de dados no *Microsoft Office Excel* com as informações dos autores, contendo: nome, titulação, vínculos institucionais e nome dos professores orientadores (iniciação científica, mestrado e doutorado), conforme indicado nos Anais. Consultamos, também, o Currículo *Lattes* dos autores, quando não identificávamos esses elementos na leitura dos textos. Nesses casos, tivemos o cuidado de observar o ano da publicação, relacionando-o

<sup>7</sup> Quando não estiverem associadas a citações a obras, os números apresentados entre parênteses, no capítulo, referem-se aos quantitativos analisados.



com os anos de formação acadêmica e com os orientadores presentes no currículo. Ou seja, associamos a titulação e a orientação ao ano de publicação do trabalho.

Elaboramos outro banco de dados no mesmo *software*, com as seguintes informações: ano de publicação, título, autoria, uso de fontes primárias ou secundárias, objetos da pesquisa, periodização e autores referenciados. Com o objetivo de aprofundarmos o debate sobre os objetos postos em circulação pelos autores, utilizamos o *software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (Iramuteq)*. Para isso, elaboramos um banco de dados no bloco de notas com todos os títulos das 157 comunicações orais. Ao seguirmos as orientações do tutorial do *Iramuteq* (CAMARGO; JUSTO, 2013), selecionamos a opção nuvem de palavras, pois, diante do volume de dados, ela nos permitiu apresentar as palavras com, no mínimo, três recorrências em grau de proporção de tamanho, de acordo com seu quantitativo no banco de dados. Isso significa que, quanto maior fosse o uso da palavra nas comunicações orais, maior seria a sua representação gráfica na nuvem de palavras (Figura 1).

Posteriormente, com o intuito de procedermos à análise dos 226 autores, utilizamos as informações mapeadas no banco de dados do *Excel*. Essas informações foram normalizadas utilizando o último sobrenome do autor em caixa alta com os demais nomes abreviados. A partir desse procedimento, foram calculados os pesos dos “nós” e “arestas” formados pelo emparelhamento dos autores para seu posterior tratamento no *software Gephi* versão 0.9.2, em um processo que permitiu a identificação das redes de colaboração do *GTT Memórias...* (Figura 2). Para a geração do grafo, foi utilizado o algoritmo de dispersão *Force Atlas 2*.<sup>8</sup> Por fim, para contemplarmos o objetivo deste capítulo, organizamos o texto em três eixos de análise: a) distribuição anual dos objetos de estudos; b) articulação entre periodizações e fontes; c) autores e projeções para redes de autoria.

---

<sup>8</sup> De acordo com Bastian, Heymann e Jacomy (2009), o *Force Atlas 2* é um algoritmo especial dirigido por força que permite a modulação das informações em tempo real a partir dos parâmetros de velocidade, gravidade, repulsão, autoestabilização e inércia. Neste estudo, as configurações utilizadas foram: dissuadir *hubs* modo *Ling Long*; evitar sobreposição; influência do peso nas arestas =1.0; afinação com dimensionamento =1.5; gravidade =1.5; desempenho de tolerância =1.0; opção de aproximar repulsão marcada, aproximação =0.8; na sequência, foi utilizada a opção não sobrepor com *ratio 5.5* e *margin 6.0*.

## Da distribuição anual dos objetos de estudos

Apropriamo-nos dos estudos de Ginzburg (1989) para analisar os fios que compõem os Anais do *GTT Memórias...*, pois, como tramas que produzem um tapete, eles aumentam em densidade à medida que são tecidos. Assim, a fim de compreendermos os fios que têm sido utilizados para elaborar um saber histórico e historiográfico para a Educação Física brasileira, perguntamos às fontes sobre as práticas dos pesquisadores em suas ausências, presenças, continuidades e descontinuidades, em relação aos temas discutidos em seus trabalhos.

Os dados referentes à distribuição anual dos 157 artigos publicados nos Anais do *GTT Memórias...* permitem-nos captar os objetos de estudos aos quais os pesquisadores têm se dedicado. Com o objetivo de mapear as temáticas abordadas, lemos todos os trabalhos na íntegra e inserimos seus títulos no bloco de notas para gerar no *Iramuteq* uma nuvem de palavras, conforme Figura 1.

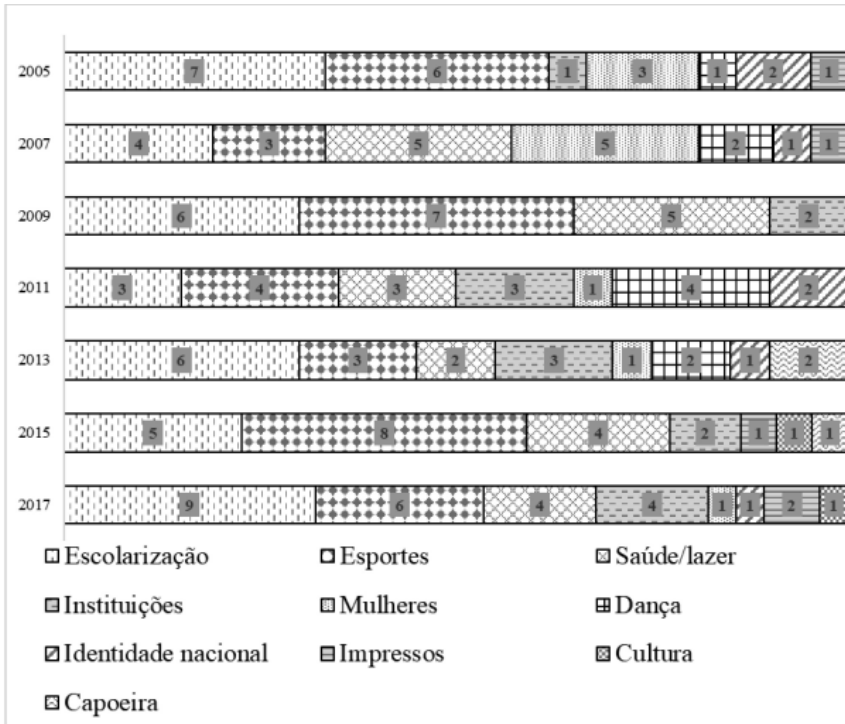
Nela, unificamos as terminologias que estão associadas, com hífen, a fim de não oferecerem duplicidade dos termos. É o caso da “Educação\_Física”. Se as mantivéssemos separadas, não daríamos visibilidade à expressão completa e aumentaríamos a quantidade de recorrências nas palavras “educação” e “física”. Unificamos também as terminologias com sentido complementar, para que permanecesse o modo como foram empregadas nos textos, como “história\_cultural”, “educação\_integral”, “práticas\_corporais”, “educação\_pública”, de acordo com a Figura 1<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Eliminamos, no *Iramuteq*, preposições, advérbios e artigos, pois eles poluem a nuvem de palavras e não oferecem elementos para análise.



**Gráfico 2** – Distribuição anual dos objetos de estudo



Fonte: Anais do CONBRACE (2005-2017). Elaboração dos autores.

Dos objetos abordados no Gráfico 2, sinalizamos a escolarização da Educação Física (40), os esportes (37) e os assuntos relacionados com a saúde e o lazer (23) como aqueles que permanecem, em termos quantitativos e longitudinais, no centro do interesse dos pesquisadores. Os trabalhos sobre os esportes dedicam-se à análise de biografias, centros esportivos e trajetória de modalidades específicas, como o *skate*, basquetebol, *karatê*, polo aquático e futebol. Já os processos de inserção e consolidação da Educação Física nos currículos escolares são compreendidos especialmente pelas práticas produzidas nas escolas primárias e secundárias. Dois desses trabalhos referem-se à realidade argentina. As discussões sobre saúde e o lazer foram articuladas no Gráfico 2, pois, por vezes, as práticas corporais foram assumidas como divertimentos em prol da saúde da população, conformando espaços públicos de lazer. Nesses artigos, são analisados os discursos sobre a necessidade de desenvolvimento da saúde do brasileiro, associando a Educação Física a políticas voltadas para a eugenia, higienismo e sanitarismo.

De modo regular, os autores passam a debater, a partir de 2009, o processo de consolidação do campo de atuação profissional da Educação Física. Os trabalhos estão focalizados nas instituições formadoras (15), como as escolas normais e os cursos de formação de professores. As pesquisas que assumem como temática principal a intervenção das mulheres no desenvolvimento histórico da Educação Física (11) apresentam-se com oscilações em seu ritmo de produção, publicadas em 2005, 2007, 2011, 2013 e 2017.

A análise das fontes permite-nos captar especificidades em relação às práticas dos pesquisadores no que se refere ao papel das mulheres na constituição histórica da área. Além de suas práticas serem discutidas como objeto específico, elas também são abordadas de modo articulado com a história dos esportes (7) e da escolarização (1). Nesses estudos, os autores dão visibilidade à atuação feminina em ambos os espaços.

Identificamos, ainda, o modo com o qual a educação dos corpos tem se constituído como um objeto de pesquisa articulado com as temáticas categorizadas no Gráfico 2. Dos artigos referentes à escolarização da Educação Física (40), dez assumem esse tema como eixo principal de suas análises. O mesmo ocorre com aqueles dedicados às mulheres, pois, dos trabalhos mapeados sobre a intervenção das mulheres, dois discutem o assunto relacionando-o com a educação do corpo.

A dança (9) e a capoeira (3) têm se configurado como temas de interesse de pesquisadores, que analisam as representações e o desenvolvimento de práticas associadas à cultura de determinadas regiões brasileiras. Já os trabalhos que assumem os impressos como objetos de estudo (5) foram publicados nos dois primeiros anos (2005 e 2007) e nos dois últimos (2015 e 2017), com foco nas Instituições que chancelam os periódicos, bem como em sua materialidade. De modo semelhante ao que ocorre com o uso de referenciais teóricos que se desdobram em objetos de pesquisa, como a educação dos corpos, os impressos circulam nos Anais do GTT tanto como objetos quanto como fontes de estudos.

## Da periodização e das fontes

Para análise da periodização dos objetos de estudo postos em circulação nos Anais, referenciamos-nos em Le Goff (2014), para o qual não há possibilidade de os recortes temporais serem justificados de modo neutro e isento de disputas. Da mesma forma, apoiados em Bloch (2001), consideramos as fontes assumidas pelos pesquisadores como produtos de relações

entre diferentes autores e como objetos culturais, por meio dos quais saberes, modelos e formas de pensar a história da Educação Física são colocados à leitura.

Fundamentamo-nos em Bloch (2001) para aproximar ambos, periodização e fontes, pois, conforme o autor, não basta ao historiador constatar a duração temporal das ações do homem no tempo. Em nosso caso, não nos bastaria dizer as periodizações selecionadas pelos pesquisadores em suas práticas historiográficas. Cabe-nos articular esses achados, a fim de darmos visibilidade às operações dos autores, que visam a compreender os problemas inscritos em determinados contextos e tempos históricos.

Com o intuito de mapear as periodizações, agrupamos, no banco de dados, todos períodos investigados pelos autores. Identificamos os anos iniciais de acordo com a indicação nos trabalhos. Dos que possuem maior recorrência numérica em relação aos seus marcos iniciais, sinalizamos: década de 1870 (4), 1890 (9), 1900 (8), 1910 (13), 1920 (19), 1930 (18), 1940 (11), 1960 (8) e 1970 (8). Os autores que publicaram no *GTT Memórias...* privilegiam, em termos quantitativos, as fontes cuja periodização se inicia nas décadas de 1910 a 1940.

Quanto aos marcos finais, encontramos com maior frequência: década de 1880 (2), 1900 (6), 1910 (9), 1920 (17), 1930 (19), 1940 (13), 1950 (6), 1960 (7), 1970 (13) e 1980 (6). Os dados demonstram o interesse dos pesquisadores em compreender fontes produzidas em um marco temporal próximo ao período em que produzem seus trabalhos, sugerindo um fazer historiográfico que analisa as práticas do tempo presente. Periodizações entre 1970 e 1980 são indícios desse tipo de pesquisa, o que requer certo distanciamento dos objetos, a fim de que as pesquisas, nos termos de Bloch (2001), compreendam as diferentes problemáticas que os circunscrevem. É preciso, nesse caso, uma trajetória e um amadurecimento nas operações científicas que permitam interpretações que escapem à atribuição de juízos de valor ao objeto e às “ações do homem no tempo” (BLOCH, 2001), esvaziando-os de sua própria constituição histórica e cultural.

Os dados evidenciam que as longas periodizações paulatinamente dão lugar a períodos menores de análise, especialmente pela aproximação dos pesquisadores aos recursos da micro-história. Periodizações longas requerem o uso de um referencial teórico que compreenda os objetos de pesquisa de modo mais amplo, bem como implicam o desenvolvimento de futuros trabalhos que aprofundem as questões pertinentes ao tema. Elas significariam, nesse caso, o fortalecimento da trajetória dos pesquisadores, gerando um acúmulo de produções sobre um mesmo tema, haja vista seus estudos responderem às lacunas e silenciamentos deixados por seus próprios trabalhos.

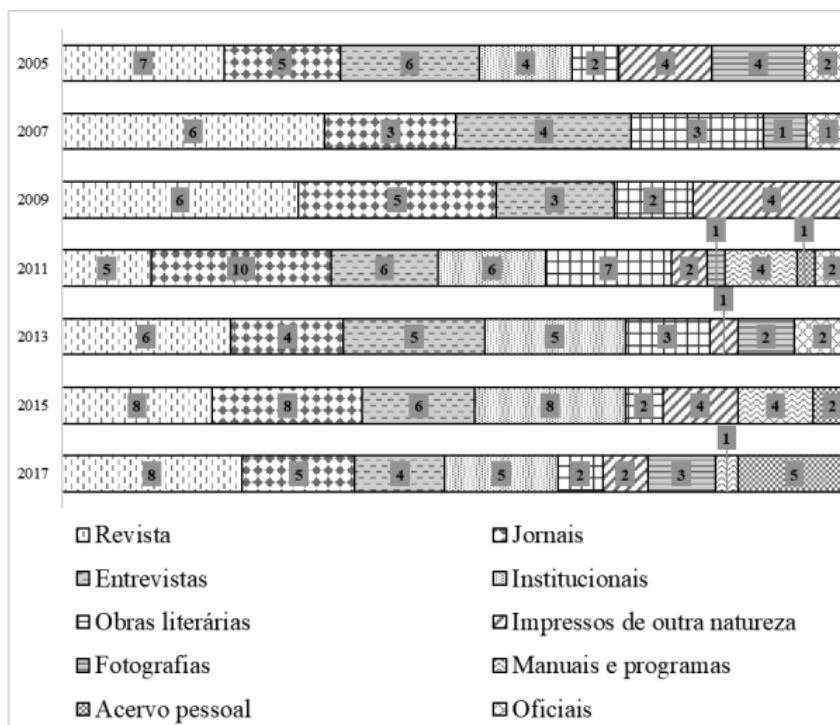
Já as periodizações curtas também se fazem potenciais, pois, sob um olhar micro, o processo de análise privilegia a produção de fontes de diferentes naturezas, com o intuito de compreender, de modo mais aprofundado, as especificidades dos objetos de pesquisa.

Captamos também imprecisões dos pesquisadores em relação à periodização utilizada em 39 trabalhos. Há aqueles que informam longos períodos a serem analisados, como: entre o séc. XVIII e XIX (1), todo o séc. XIX (1), entre os anos finais do séc. XIX e iniciais do séc. XX (10); bem como textos que não indicam a periodização trabalhada (26). Esses dados nos oferecem indícios de um processo analítico que dialoga com determinados referenciais teóricos que privilegiam a análise de longas periodizações, como a história das mentalidades.

O desafio colocado para essas pesquisas é apresentar um conjunto de fontes que permita ao leitor ter a visão das continuidades e discontinuidades dos objetos em análise, no tempo. Por outro lado, é preciso sinalizar que, por vezes, os autores se referem aos séculos como suas periodizações, entretanto, no desenvolvimento dos trabalhos, selecionam um período menor para analisar as suas fontes, o que nem sempre é informado no título ou no resumo.

Com base no mapeamento das periodizações, organizamos as fontes produzidas pelos pesquisadores. Elas foram inseridas no banco de dados do *Microsoft Excel*, de acordo com a identificação dos autores nos trabalhos. Diante das especificidades das fontes utilizadas, sobretudo dos impressos (revistas, jornais, obras literárias, manuais, programas, documentos de instituições), optamos por criar eixos que melhor aproximassem a natureza dessas fontes, em sua forma. Após o mapeamento de todos esses documentos, organizamos um quantitativo final de 10 conjuntos de fontes, conforme o Gráfico 3:

**Gráfico 3** – Distribuição anual das fontes



Fonte: Anais do CONBRACE (2005-2017). Elaboração dos autores.

Conforme o Gráfico 3, as revistas (46) e os jornais (40) possuem maior representatividade numérica em todo o período analisado e foram organizados separadamente pela diversidade de suportes materiais analisados pelos autores. O interesse dos estudiosos por essas fontes é contínuo e permanente, haja vista a sua recorrência em todos os anos de realização dos CONBRACEs, o que também ocorre com os trabalhos que assumem as entrevistas (34) como fontes.

Os documentos institucionais (28) referem-se a atas e aos relatórios de clubes, associações, escolas primárias e secundárias, bem como a instituições de formação de professores. Mesmo que essas fontes estejam, por vezes, vinculadas a instâncias governamentais, elas foram consideradas separadamente dos documentos oficiais, dadas as suas especificidades. Também mapeamos o uso fontes que sugerem outras possibilidades interpretativas e ampliação dos objetos como: fotografias (11); impressos de diferentes naturezas (17), dentre eles, panfletos, filmes, letras de música, almanaques,



guias de viagem, anais de congressos e provas; manuais e programas escolares (9). Esses dados são confirmados, quando observamos uma tendência ao uso de fontes de diferentes naturezas, em um único trabalho, mostrando-se em crescimento gradativo a partir de 2011.

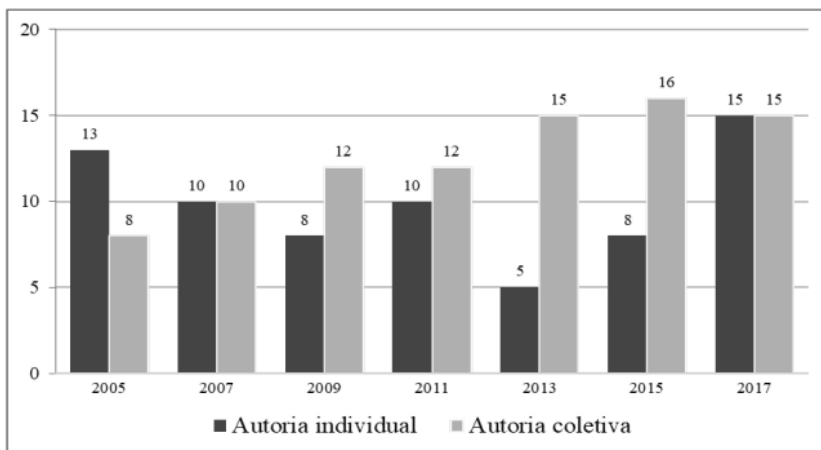
Entre 2007 e 2013, os autores passam a informar com mais precisão as fontes produzidas. No entanto, esse movimento não é contínuo, pois, a partir de 2015, há uma tendência de os autores não indicarem as suas fontes. Em 2017, os dados sobre a ausência de fontes são semelhantes aos de 2005, 4 e 5 respectivamente. Articulado com essas lacunas, encontra-se, ainda, o possível uso de fontes secundárias que, nos trabalhos analisados, são assumidas como primárias. Essa questão foi problematizada por Ferreira Neto (2005b).

Das fontes que possuem maior representatividade quantitativa, os pesquisadores privilegiam: as revistas como fontes únicas e em diálogo com jornais, especialmente analisados no período de 1920-1940; os jornais como fontes únicas e em articulação com revistas e documentos institucionais, produzidos no final do séc. XIX e início do séc. XX (1846-1920); e as entrevistas como fontes únicas, e também em diálogo com fotografias.

## Dos autores: projeções para redes de coautoria

Com o objetivo de compreendermos as redes de coautoria que têm constituído a produção científica em circulação nos Anais do *GTT Memórias...*, foi necessário utilizar, como instrumentos para organização e produção dos dados, os *softwares Microsoft® Office Excel e Gephi* versão 0.9.2. No primeiro *software*, elencamos todos os autores por ano e por trabalho publicado ao longo dos anos. Com esses dados, mapeamos todos os trabalhos produzidos individual e coletivamente. Dos 157 trabalhos selecionados, 69 possuem autoria individual e 88 coletiva, em que mapeamos um total de 226 autores. O Gráfico 4 apresenta os dados da composição autoral, conforme a sua distribuição anual:

**Gráfico 4** – Composição autoral dos artigos



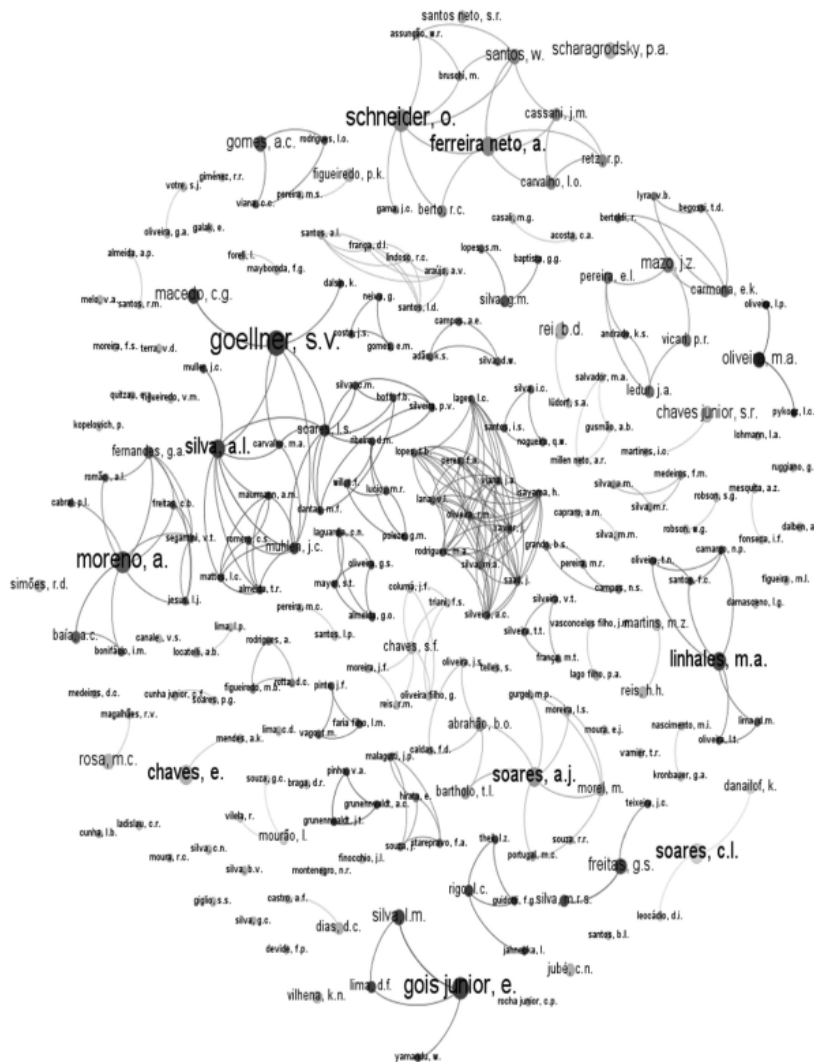
Fonte: Anais do CONBRACE (2005-2017). Elaboração dos autores

Ainda que ocorram oscilações, os trabalhos produzidos por um autor mantiveram-se semelhantes no período de 2005 a 2011. Já os desenvolvidos coletivamente demonstraram acréscimos gradativos até 2015. Nesse ano especificamente, a autoria individual se elevou, até que, em 2017, se tornou igual à autoria coletiva. As práticas dos pesquisadores em relação à composição autoral, até o ano de 2015, apresentam semelhanças com aquelas encontradas por Matos *et al.* (2013), Carneiro *et al.* (2016) e Santos *et al.* (2018) ao analisarem a produção científica em periódicos.

Com foco em objetos distintos, como conteúdos de ensino, publicações da Revista Movimento e avaliação na Educação Física escolar, as pesquisas afirmam que essa mudança na colaboração autoral foi impulsionada pelos critérios estabelecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para avaliar os programas de Pós-Graduação. Para os autores, esse movimento tem favorecido uma maior integração de pesquisadores a grupos de pesquisa, assim como tem contribuído para a produção de trabalhos em conjunto por orientadores e orientandos. Associada a esse fator, encontra-se a necessidade de os professores orientadores elaborarem projetos de pesquisa que articulem orientações de alunos da iniciação científica, mestrado e doutorado com as produções acadêmicas, configurando-se como um dos critérios para a implantação e avaliação dos cursos de pós-graduação.

Os dados referentes à autoria também são visualizados na Figura 2. Nela, distribuímos os 226 autores de acordo com as suas interações em redes de colaboração, o que nos auxiliará a compreender como as relações de coautoria constituem o conhecimento em circulação no *GTT Memórias...*<sup>1</sup>

Figura 2 – Rede de colaboração autoral no *GTT Memórias...*



Fonte: Anais do CONBRACE (2005-2017). Elaboração dos autores.

<sup>1</sup> Originalmente, a Figura 2 foi elaborada para ser visualizada colorida, com medidas de 18x16cm e em folha de formato A4. No entanto, no processo de editoração do livro, esses parâmetros podem ter sido modificados de modo a comprometer a visualização das informações, mas não as análises provenientes da imagem.

Na Figura 2, os círculos correspondem a nós, que identificam todos os nomes dos autores em circulação no *GTT Memórias...* Os nós aumentam de tamanho, na medida em que os autores possuem um número maior de publicações. Eles totalizam 226 nós, ou seja, 226 autores. Já as linhas entre eles significam as arestas, que constituem as conexões estabelecidas entre os pesquisadores, em um total de 279. A conexão entre os nós e as arestas formam as redes. Essa união é estabelecida pela autoria dos trabalhos. Isso significa que, quanto maior a publicação da rede em parceria, maior será a continuidade de nós e arestas.

Os 54 pesquisadores que publicam individualmente são representados na figura por meio de nós que se encontram sozinhos, isto é, eles não possuem arestas que os conectam com outro(s) autor(es). Eles estão assim distribuídos de acordo com o número de textos publicados: 41 autores (1), 11 (2) e 2 (3), em um total de 69. Desses, 15 são doutores, 15 doutorandos, 9 mestres, 11 mestrandos, 1 especialista, 3 alunos de iniciação científica.<sup>2</sup> É preciso considerar que o fato de os pesquisadores publicarem sozinhos não significa que eles não circulem com regularidade no evento. É o que acontece com Scharagrodsky, P. A., que publicou trabalhos em 2007, 2009 e 2011.

A conexão de autores com outro autor por meio de uma única aresta significa que a rede de colaboração foi estabelecida apenas entre eles, como é o caso de Baptista, G. G. e Silva, G. da M.; Reis, H. H. e Martins, M. Z.; e Mesquista, A. Z. e Fonseca, I. F. Mapeamos autores que publicaram individualmente, mas também em parceria com outro autor, como é o caso de Chaves, E., que possui quatro trabalhos, dos quais um foi elaborado em parceria com Mendes, A. K. Isso ocorre também com Rosa, M. C. e com Rei, B. D., ambos com três textos, dos quais um é em parceria com Magalhães, R. V. e Ludorf, S. A., respectivamente.

Identificamos ainda trabalhos realizados em parceria com três autores como: Pinto, J. F.; Vago, T. M. e Faria Filho, L. M.; Santos, I. C, Nogueira, Q. W. e Silva, I. C.; Salvador, M. A., Gusmão, A. B. e Millen Neto, A. R. Nesses casos, a formação geométrica apresentada na Figura 2 se aproxima de um triângulo. Especificamente, verificamos 12 autores que produzem um texto, representado em uma grande rede com 12 nós, localizada no centro da Figura 2.

Dentre os pesquisadores, há os que publicam individualmente, assim como aqueles que desenvolvem trabalhos com outros dois autores, conectando-se pelas arestas, o que ocorre com Gomes, A. C., Rodrigues, L. O.

---

<sup>2</sup> Três autores publicaram dois artigos em momentos distintos de sua formação.

e Viana, C. C. Indicamos ainda nós conectados a outros dois nós. Entre eles, há um nó principal e os outros dois não são ligados por arestas, como ocorre com Mourão, L., Vilela, R. e Souza, G. C.; Silva, G. M., Lopes, S. M. e Batista, G. G.; Soares, C. L., Danailof, K. e Leocádio, D. J.; Oliveira, M. A., Oliveira, L. P. e Pykosz, L. C. Na Figura 2, Mourão, L. L., Silva, G. M., Soares, C. L. e Oliveira, M. A. são representados pelos nós maiores, indicando que compõem a autoria de ambos os trabalhos conectados com eles e que também têm publicações individuais.

Constatamos autores que possuem nós conectados com quatro ou mais nós. Nesses casos, conforme a Figura 2, encontramos: a) redes em que há um autor com maior número de publicações e dele se derivam as arestas que se conectaram a outros nós (autores), como em Góis Junior, E.; Moreno, A.; Linhales, M.; Soares, A. J. e Mazo, J. Z.; b) redes em que há dois autores com maior número de publicações e deles se desdobram as arestas conectadas a outros nós (autores), formando, inclusive, conexões separadas, como na rede de Schneider, O. e Ferreira Neto, A.; c) redes em que há dois autores com maior número de publicações e deles se derivam as arestas que se conectaram a outros nós (autores), originando uma nova rede. É o caso de Goellner, S. V. e Silva, A. L. que publicam com Soares, L. S. que, por sua vez, forma uma nova rede.

O cruzamento das redes constituídas na Figura 2 com a formação dos autores que publicam nela (presente na Tabela 1) evidencia a força dos orientadores na formação de novos pesquisadores. Para produzir a tabela, consideramos a composição autoral presente nos textos e as informações de titulação anunciadas nos trabalhos e, quando necessário, recorremos aos Currículos *Lattes*. Ao consultarmos o currículo, correlacionamos o ano de formação (Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado) com o ano de publicação do trabalho:<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Consideramos apenas os níveis diferentes de formação. Caso o autor tenha publicado mais de um trabalho com a mesma titulação, indicamos apenas um no mapeamento. Em situação de divergência, entre os dados do Currículo *Lattes* e o que foi informado no corpo do texto, no que se refere à titulação dos autores, consideramos aquilo que se encontra no trabalho.

Tabela 1 – Composição autoral dos trabalhos em coautoria

Composição autoral	N.º Trabalhos	Doutor	Doutorandos	Mestres	Mestrandos	IC	Esp.	Grad.
2	48	28	14	14	10	9	1	4
3	28	27	7	7	11	13	2	4
4	7	6	1	1	7	8		
5	4	4	3	2	4	7		
6	1				2		2	2
12	1	2		5	1			2

Fonte: Anais do CONBRACE (2005-2017). Elaboração dos autores

A aproximação dos dados da Figura 2 com a Tabela 1 evidencia o elevado número de trabalhos publicados entre dois e três autores. Nota-se, entre os textos cuja composição autoral varia entre dois e cinco autores, o fortalecimento do processo de orientação pela via da publicação conjunta entre professores orientadores e seus orientandos, expresso pelo quantitativo de colaboradores com diferentes titulações. Esses dados também evidenciam a força das redes estabelecidas entre os orientadores e os grupos de pesquisa.

Na medida em que os professores doutores consolidam o trabalho em coautoria, as arestas vinculadas a eles também aparecem em números maiores, fortalecendo suas redes de pesquisa. Essas redes, conforme Figura 2, são formadas por: a) orientadores que publicam com seus orientandos de IC, Mestrado e Doutorado, como é o caso das redes de Soares, A. J. (orientador), Morel, M. (doutoranda), Moreira, L. S. (mestranda) e Gurgel, M. P. (IC); b) doutores que publicam com pesquisadores que contribuíram com a sua formação (IC, Mestrado e Doutorado) e que orientam outros alunos, mantendo-se nas redes, como Freitas, G. S. (doutor e orientando de Silva, M. R. S. no Doutorado) e Teixeira, J. C. (orientanda de IC de Freitas, G. S.); c) pesquisadores que formam outros pesquisadores e estes, por sua vez, se expandem, contribuindo para a constituição de outras redes. Esse é o caso de Goellner, S. V. (orientadora), Silva, A. L. (doutorando) e Soares, L. S. (mestranda), que passam a publicar com autores que não se conectam com a rede de Goellner, S. V.

Quando as redes de colaboração se fortalecem numericamente, a apresentação das arestas se torna mais complexa, pois os nós conectados a um nó principal, caracterizado pelo quantitativo maior de trabalhos publi-

cados, podem se conectar uns aos outros. Esse movimento oferece-nos pistas para compreendermos o papel dos grupos de pesquisa na consolidação da produção científica no *GTT Memórias...*, especialmente, na formação de novos pesquisadores.

A compreensão das práticas dos pesquisadores que publicam no GTT, pela via dos grupos de pesquisa, mostra-nos, como afirma Bourdieu (1983, 1989), que um campo científico se define como lugar de luta concorrencial pelo monopólio da autoridade científica. No caso dos trabalhos aqui analisados, o monopólio é compartilhado pelos pesquisadores que se configuram como membros de grupos de pesquisa, sobretudo na figura de seus líderes. Do mesmo modo, o fortalecimento da produção científica entre orientadores e orientandos favorece a publicação coletiva, configurando o universo científico da história e historiografia da Educação Física no *GTT Memórias...*, contribuindo para sua qualificação.

### Considerações finais

Neste capítulo, analisamos a produção científica do *GTT Memórias...* publicada nos Anais do CONBRACE (2005-2017). Interessamo-nos em investigar as maneiras e artes de fazer (CERTEAU, 2002) dos pesquisadores que circulam no GTT, focalizando o modo como os objetos, as periodizações e as fontes foram delineados pelos autores, bem como as redes de colaboração constituídas por eles, a fim de se consolidarem no campo científico (BOURDIEU, 1983) e formarem novos quadros de pesquisadores.

A diversidade de caminhos metodológicos utilizados para mapearmos o *corpus* documental deste trabalho evidencia os esforços dos organizadores do CONBRACE em desenvolver instrumentos tecnológicos que centralizem, em uma única plataforma, a produção científica veiculada nos Anais. No entanto, mesmo que tenhamos identificado, ao longo dos anos, a possibilidade de acesso aos trabalhos no SOAC, o sistema ainda apresenta fragilidades, especialmente em relação às informações sobre a tipologia dos trabalhos. Padronizar o acesso aos Anais, tornando suas informações mais aparentes e dinâmicas aos leitores e pesquisadores, contribuiria para o fortalecimento científico desse tipo de literatura, “cinzenta” (FUNARO; NORONHA, 2006), e ampliaria a compreensão de seu papel no campo acadêmico, considerado, por vezes, de menor importância.

O mapeamento dos objetos de ensino assumidos pelas pesquisas indica o interesse dos autores em entender as contribuições das práticas esportivas para a construção de uma identidade nacional brasileira. Também se destacam os objetos de estudos relacionados com a figura da mulher

que, além de se constituírem como objetos próprios de análise, também são investigados por pesquisadores que visam a compreender o seu papel no desenvolvimento das modalidades esportivas, no Brasil, bem como na institucionalização da Educação Física como disciplina escolar.

Além disso, aparecem com relevância numérica os trabalhos dedicados à educação do corpo como objeto de análise. Essas ações de pesquisa buscam, sobretudo, compreender a escolarização da Educação Física no processo de conformação e disciplinamento dos corpos. Notamos a recorrência numérica de trabalhos que, também sob a perspectiva da educação do corpo, buscam analisar a imagem da mulher e as práticas de divertimento que promovem a saúde e o bem-estar do brasileiro.

A análise dos objetos abordados nos trabalhos também evidenciou especificidades em relação à presença dos impressos. Ora eles são objetos de estudo, sinalizando uma perspectiva de análise pela materialidade, ora são fontes, oferecendo as bases para o debate de diferentes assuntos em circulação nas revistas. Quando nos referimos à interpretação dos impressos por sua materialidade, fazemos menção a um tipo específico de periódico, qual seja, as revistas de natureza didático-pedagógica.

De modo geral, a análise pela via dos objetos de pesquisa oferece-nos indícios dos assuntos que têm sido aprofundados e, por vezes, silenciados – seja por opção, seja pelo desconhecimento dos autores. Fato é que uma leitura mais macro das recorrências temáticas não nos mostra como os objetos são abordados e problematizados, o que também poderia evidenciar silenciamentos e redundâncias analíticas, que acabam por constituir monumentos (LE GOFF, 2013) para a Educação Física.

A análise das periodizações sinalizou o modo como os pesquisadores que circulam no *GTT Memórias...* têm variado suas delimitações temporais. Essas escalas de tempo que, no *corpus* documental, estão situadas entre 1762 e 2011, possuem relação com os objetos, com as fontes e com os referenciais teóricos. Com base nesses dados, manifestamos certa preocupação com trabalhos que não anunciam a sua periodização, pois essas imprecisões implicam limitações na prática do historiador (BLOCH, 2001). Nesse caso, se a periodização não estiver bem definida, ela não permitirá que o pesquisador compreenda a temporalidade do objeto de estudo.

Por fim, acenamos para o desafio enfrentado por este capítulo – analisar um número significativo de fontes – compreendendo-o de modo quantitativo e, ao mesmo tempo, qualitativo. Foi necessário, para tanto, o uso de diferentes *softwares* (*Excel*, *Gephi* e *Iramuteq*), como instrumentos para organização e análise dos dados, a fim de entendermos o objeto da pesquisa de modo mais complexo.



O nosso intuito, ao fazê-lo, foi inserir no campo da história, caracterizado por análises qualitativas, possibilidades de interpretação que articulassem dados quanti-qualitativos, em uma análise que também “fizesse falar” os números e as redes de colaboração estabelecidas entre os autores. Esse foi o desafio que enfrentamos na produção deste capítulo, a fim de discutir as disputas, as negociações e as (des)continuidades entre as práticas científicas dos pesquisadores. Entendemos que os usos de diferentes *softwares* de análise quanti-qualitativa nos ajudaram a enfrentar o objeto de estudo e, ao mesmo tempo, anunciar outros caminhos para o desenvolvimento de pesquisas no campo da historiografia da Educação e da Educação Física.

## Referências

- BASTIAN, M.; HEYMANN, S.; JACOMY, M. GEPHI: an open source software for exploring and manipulating networks. *In: INT’L AAAI CONFERENCE ON WEBLOGS AND SOCIAL MEDIA*, 3., 2009, San Jose/California. *Anais [...]*. San Jose/California: ICWSM Conference, 2009.
- BLOCH, M. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BOTELHO, R. G.; OLIVEIRA, C. da C. Literaturas branca e cinzenta: uma revisão conceitual. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 44, n. 3, p. 501-513, set./dez. 2015.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Ática, 1989.
- BOURDIEU, P. *Sociologia*. Rio de Janeiro: Ática, 1983.
- CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um *software* gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.
- CARNEIRO, F. F. B. *et al.* Uma revista em movimento: contribuições para a subárea sociocultural e pedagógica da educação física brasileira (2004-2014). *Movimento*, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 11-34, jan./mar. 2016.
- CARNEIRO, F. F. B.; FERREIRA NETO, A.; SANTOS, W. *Práticas científicas em educação física: tradições e tensões*. Curitiba: Editora CRV, 2015.
- CASSANI, J. M. *et al.* Práticas Científicas em circulação no GTT Memórias da Educação Física e Esporte do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (2005-2017). *Retos*, Murcia/Espanha, n. 38, v. 2, p. 472-480. jul./dez. 2020.
- CATANI, D. B.; SOUSA, C. P. de. O catálogo da imprensa periódica educacional paulista (1890-1996): um instrumento de pesquisa. *In: \_\_\_\_\_*. (org.). *Imprensa periódica educacional paulista (1890-1996): catálogo*. São Paulo: Plêiade, 1999. p. 9-30.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CHAVES, E. *et al.* Índícios e análises da produção em circulação no GTT Memórias da Educação Física e Esportes nos CONBRACEs/CONICEs de 2009 a 2013. In: RECHIA, S. *et al.* (Org.). *Dilemas e desafios da Pós-Graduação em Educação Física*. Ijuí: Editora Unijuí, 2015. p. 347-368.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 1., 2005, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2005.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2., 2007, Recife. *Anais [...]*. Recife: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3., 2009, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2009.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 4., 2011, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2011.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 18.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 5., 2013, Brasília. *Anais [...]*. Brasília: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2013.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 19.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 6., 2015, Brasília. *Anais [...]*. Vitória: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2015.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 20.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 7., 2017, Goiânia. *Anais [...]*. Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2017.

DARNTON, R. Introdução. In: DARNTON, R.; ROCHE, D. (org.). *Revolução impressa: a imprensa na França (1775-1800)*. São Paulo: Edusp, 1996. p. 15-17.

DAVIS, N. Z. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FERREIRA NETO, A. Publicações periódicas científicas em educação física e esporte de sociedades científicas e associações de categoria profissional. In: DACOSTA, L. P. (org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005a. p. 778-779.

FERREIRA NETO, A. Atualidade da pesquisa histórica na educação física: congressos e campo científico. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Leituras da natureza científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005b. p. 127-157.

FUNARO, V. M. B. de O.; NORONHA, D. P. Literatura cinzenta: canais de distribuição e incidência das bases de dados. In: POBLACIÓN, D. A.; WITTER, G. P.; SILVA, J. F. M. da. (org.). *Comunicação e produção científica: contexto, indicadores, avaliação*. São Paulo: Angellara, 2006.

GTT 10 – MEMÓRIAS. *Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*. Disponível em: <http://www.cbce.org.br/gtt-detalle.php?id=7>. Acesso: 10 mar. 2019.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LE GOFF, J. *História e memória*. 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LE GOFF, J. *A história deve ser dividida em pedaços?* São Paulo: Editora da Unesp, 2014.

MATOS, J. M. C. *et al.* A produção acadêmica sobre conteúdos de ensino na educação física escolar. *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 123-148, abr./jun. 2013

MORENO, A.; ROSA, M. C.; SEGANTINI, V. C. O GTT Memórias da educação física e esporte do CBCE: uma análise a partir das práticas e da produção (1989-2005). In: CARVALHO, Y. M.; LINHALES, M. A. (org.). *Política científica e produção do conhecimento em educação física*. Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007. p. 245-300.

POBLACIÓN, D. A.; NORONHA, D. P. produção das literaturas “branca” e “cinzenta” pelos docentes/doutores dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 98-106, maio/ago. 2002.

SANTOS, W. dos. *et al.* Avaliação em educação física escolar: trajetória da produção acadêmica em periódicos (1932-2014). *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 9-22, jan./mar. 2018.

# O CBCE, as políticas, as ciências: trajetórias de uma história institucional

*Vinicius Demarchi Silva Terra*

*Edivaldo Góis Júnior*

*Carmen Lucia Soares*

## Introdução

Ao anunciar a publicação comemorativa da Coleção “Ciências do Esporte e Educação Física: memória, história e produção de conhecimento em 40 anos de CBCE” (1978-2018), com 13 volumes, a entidade erige um projeto documental que merece ser situado. Ou ainda, um projeto monumental, um *monumentum*, que radica de um ato comemorativo, do poder que envolve a sua perpetuação, um esforço histórico para produzir uma escrita ao futuro. Que tipo de imagem escreveremos de nós mesmos? Eis um desafio.

Ao eleger os GTTs e seus membros como protagonistas deste projeto, o CBCE convida a comunidade científica a produzir uma narrativa da entidade sob o ponto de vista da sua própria produção acadêmica. Ainda que haja o risco executivo de uma produção deste volume numa certa economia de tempo, parece-nos uma estratégia acertada. Olhar para o que fizemos, demarcar temas representativos, anunciar questões e/ou problematizar o próprio percurso não é apenas uma tarefa, é um chamado à escrita e ao testemunho.

As condições de produção destes textos estabelecidas pelos organizadores mostram diversos desejos que configuram toda uma política da escrita. O convite para a escrita coletiva, o alinhamento dos autores pelas afinidades, o encontro geracional provocado, a amplitude e a pluralidade das temáticas elencadas, bem como a escolha dos autores legitimados pelos seus diferentes papéis de testemunha destes 40 anos de CBCE são condições editoriais bastante coerentes com a entidade e suas perspectivas futuras.

Neste volume das “Memórias da Educação Física e Esporte” fomos convidados a percorrer a temática da educação do corpo na produção acadêmica do GTT Memórias. Uma provocação bastante pertinente que exigiria maior envergadura temporal e um trabalho em fontes documentais inexploradas pelos autores. Optamos por um percurso metodológico mais amplo, a partir de referências metodológicas da história institucional, ou seja, optamos por tratar do CBCE em sua origem, constituição e ações no campo da política e da ciência, bem como seus diálogos com outras entidades da mesma natureza, como a SBPC. Neste sentido, algumas balizas são importantes no sentido de justificar tal abordagem. A primeira delas é que o CBCE é uma instituição científica, ou seja, é produzida e reproduzida em suas relações com as demais entidades da mesma natureza, com as quais se relaciona tanto de modo sincrônico, em termos de contemporaneidade, frições e/ou vínculos de coexistência; quanto diacrônico, o que nos leva à questão das transformações e rupturas históricas. Neste sentido, a relação do CBCE com outras entidades científicas, tais como a SBPC, ou mesmo seu surgimento como um movimento de deslocamento da entidade CBCE da instituição médica são aspectos importantes. A segunda baliza diz respeito à abordagem. Um olhar histórico pode ter uma abordagem temporal em micro, meso ou macroescala, o que nos leva ora a enfatizar mais a paisagem humana, em suas dinâmicas e atores, ora os movimentos amplos, consolidação e estrutura das representações. A opção pelo olhar em longa duração, tangencia as relações amplas com a sociedade, as estruturas se consolidaram, os aspectos podem ser levados em consideração para o desenvolvimento estratégico da entidade. Uma terceira baliza em relação à escolha pela história das instituições diz respeito ao próprio movimento histórico, cuja escrita se dá a partir do tempo presente, o que nos convoca a tratar do CBCE em meio ao processo político que vivemos recentemente no Brasil, no qual muitas instituições se sentem ameaçadas e precisam ser situadas em seu tempo e percurso como forma de afirmação de seu papel social.

### **Entre hedonismo e repressão: que lugares para exercícios físicos e esportes em uma sociedade autoritária?**

Em meados nos anos 1970, o Brasil vivia um processo contrastante de rigidez política que imbricava-se com a emergência de discursos e políticas de acesso, como a promoção de uma cultura esportiva que trazia o corpo

e sua performatividade para um espaço público, social e visível a todos<sup>1</sup>. Valendo-se de um misto de arte e ciência, o dispositivo publicitário intensifica a atuação biopolítica nas chamadas campanhas de comportamento, que anunciam o combate ao sedentarismo via mobilização social. Criada pela agência DPZ e sintonizada com outras campanhas em nível mundial, como na Alemanha, a campanha “Mexa-se” (1975) é pioneira na utilização do dispositivo publicitário de *merchandising* na TV Globo<sup>2</sup>, promovendo a saúde por ações potencialmente atrativas para anunciantes de produtos afins. A ressonância das campanhas na mídia tinha seu espelho governamental: desde 1968, a AERP, Assessoria Especial de Relações Públicas do governo utilizava dispositivos semelhantes para convocar a população a se engajar em ações cívicas e comemorações festivas movidas por ideias de coesão social, desenvolvimento e enaltecimento da pátria, devidamente potencializadas pelo ufanismo gerado pela Copa do Mundo de 1970 (PAZIN, 2015). A lógica de implementar campanhas de mudança de comportamento aliadas a estratégias de marketing protagonizadas por empresas privadas vinha de programas como o Esporte para Todos, idealizado pelo Conselho Europeu e implementado como movimento na Noruega, por Hauge-Moe, em 1967. Dez anos depois, o Governo Federal apropria-se da ideia e lança o “Esporte para Todos” (EPT), quase ramifica nas secretarias de educação país adentro com a mobilização de mais de dez mil voluntários esportivos pela rede MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) para organização de eventos como ruas de lazer e colônias de férias (DACOSTA, 2006). Na chamada década das campanhas – como lembra Soares (2003) – atividades e materiais como torneios esportivos, jogos de mesa, concursos de beleza, oficinas de artes manuais, carrinhos de rolimã, skates, bicicletas, bolas, traves, redes, materiais alternativos e improvisação faziam parte das ruas de lazer e outras iniciativas de recreação esportiva semelhantes que nesta década tiveram plena difusão em centros metropolitanos, nas quais prefeitura, associações de moradores e lideranças colaboravam na promoção de atividades em praças, parques, salões paroquiais. Intervenções que aos poucos traziam uma série de debates, sobre as condições de descanso, os divertimentos, passeios e a vida associativa, aos poucos encampados pelos estudos do lazer, que se desenvolviam em diferentes âmbitos, públicos e privados, como por exemplo, o SESC em São Paulo (GALANTE, 2006).

---

<sup>1</sup> Obra fundamental para a compreensão deste momento no que se refere a produção de uma nova cultura do corpo e de exaltação do esporte é o livro de autoria da historiadora Denise Bernuzzi de Sant’Anna, *O prazer justificado: história e lazer (São Paulo: 1969-1979)*. São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1994.

A década das campanhas também foi a década dos manifestos de organismos internacionais<sup>3</sup> e dos manuais didáticos, ou seja, um período marcado pela publicização e instrumentação do discurso científico sobre o esporte. Sintonizadas às campanhas de comportamento, que aqui no Brasil têm maior protagonismo por parte dos governos, as instituições acadêmicas intensificavam sua interface social e conduziram ações de difusão e aplicação do exercício físico, o que legitimava as campanhas e ampliava o impacto do discurso científico. Em 1975, o *American College of Sports Medicine* lança um manual que operacionaliza a métrica metabólica e a prescrição de exercícios como a caminhada e a corrida, que por sua vez se tornou sinônimo de “Cooper” no Brasil desse período, graças à forte difusão do método do Dr. Kenneth H. Cooper a partir da década de 1970, com vistas à melhora de condicionamento físico e aumento do bem estar. Braços operacionais desta década das campanhas, os manuais e seus derivados didáticos foram importantes dispositivos para a capacitação de um exército de voluntários e atores sociais que atuaria capilarmente por meio de diversos programas comunitários, trazendo à tona esta vinculação mais orgânica, ou ainda, instrumental, entre os Intelectuais e a sociedade. Distribuído nas escolas, *Documento Básico da Campanha Esporte Para Todos* (1977) é o primeiro material didático do EPT produzido em escala com tais fins (PAZIN; FREITAS; SILVA, 2010). Em sintonia com a Política nacional de educação física e desportos (1975) e o Plano nacional de educação física e desportos (PNED), as ideias de massificação da atividade física e desporto já aparecem esboçadas em suas múltiplas manifestações – lazer, competição e saúde, seguindo princípios semelhantes a outros documentos internacionais, num momento em que foi difundido sem uma crítica muito sistemática, bandeira que foi levantada só nos anos seguintes por pessoas como Maria Isabel Lopes, que criticava a produção de uma nova relação com a rua como forma de despolitização: “passeio a pé pode, passeata não”, conforme lembra o prof. Laércio Pereira (PEREIRA, 2016).

Política, economia, sociedade, comportamento, marketing são campos atravessados pelo esporte e o exercício físico, fenômenos que despertam disputas e debates acadêmicos – que exercício, que esporte? O exercício e esporte como, onde, quanto, para quem? Neste fértil momento de difusão destas práticas no Brasil, os argumentos que legitimam seu desenvolvimento

---

<sup>3</sup> Manifesto do Esporte (1968), do Conseil Internationale d'Education Physique et Sport (CIEPS), Manifesto Mundial da Educação Física, da Fédération Internationale d'Education Physique (FIEP/1970), Carta Européia de Esporte para Todos (1975), Manifesto do Fair Play (1975); Carta de Paris, resultante do “I Encontro de Ministros de Esporte e Responsáveis pela Educação Física” (1976) e Carta Internacional de Educação Física e Esporte (UNESCO/1978). Para mais a respeito, vide Tubino (2010).

seguem razões mais empíricas do que científicas, uma vez que a produção acadêmica em ciências do esporte no Brasil era incipiente e quem “faz ciência é um prático”, conforme atesta o Editorial da RBCE de 1980, segundo Almeida, Bassani e Vaz (2015, p. 137). Envolta neste espírito do tempo, as condições de produção, difusão e consumo do saber científico têm marcante influência governamental no Brasil, o que diretamente nos remete às políticas de desenvolvimento das universidades públicas e os incentivos à ciência e à tecnologia. Como nos lembra Bracht (1993), o desenvolvimento da pesquisa na área tem um marco relevante a partir do Diagnóstico da Educação Física e Desportos realizado pelo MEC em 1969/1970. É neste mesmo período que as universidades públicas passam por uma transição do modelo de cátedras europeu para a “sistemática americana” (BRASIL, 1965)<sup>4</sup>, com estrutura de departamentos, institutos, créditos, ciclos, graus e vestibular, uma aposta de modernização da gestão acadêmica que desemboca no I Plano Nacional de Pós-Graduação (1975-1979), que por sua vez orientará os primeiros passos da pós-graduação no Brasil, com políticas de institucionalização e racionalização da pesquisa, bom investimento na formação/circulação de pesquisadores e aumento dos aportes da CAPES, CNPq e FINEP. O entusiasmo do progresso científico, no entanto, estava muito associado às suas aplicações tecnológicas. Na “Ciência e Cultura” – primeira revista de difusão científica do país – José Reis ataca a “euforia tecnocrática” que tomou conta das políticas de desenvolvimento industrial e exerce “uma espécie de fascinação” sobre o governo, que vincula o progresso à tecnologia e desmerece a ciência básica. No mesmo Editorial de 1972, esta revista editada pela SBPC direciona suas críticas ao aparelhamento do estado, bem como o risco de desvio de recursos com atividades burocráticas e representativas, quando conduzidas por pessoas leigas “quanto à ciência e seus métodos”, chamando a necessidade de criação e desenvolvimento de órgãos que, tais como CNPq e Fapesp, são liderados por “cientistas autênticos”, pesquisadores que, além da “técnica da descoberta, possuam larga cultura e conhecimento dos problemas globais da ciência e suas implicações” (REIS, 1972). O contudente posicionamento político e a reivindicação de garantias pela autonomia acadêmica são temas que atravessam diversos âmbitos do fazer científico, aspecto muitas vezes associado a fatores de sustentabilidade financeira, sobretudo em relação à ciência básica. É nesta década, por exemplo, que as ciências sociais e humanidades passam a ser introduzidas na Sociedade Brasileira para Progreso da Ciência, o que produziu pluralidade e alargou sua ação social. O CBCE, como voltaremos adiante,

<sup>4</sup> BRASIL. Conselho de Ensino Superior. Parecer nº 977/65, aprovado em 3 dez. 1965.



tem a sua história enredada na SBPC, inclusive com uma origem comum, na qual grande parte dos seus fundadores eram médicos, mas também se manteve plural na sua composição, com a presença de diversos humanistas ainda na década de 1950, como o próprio educador Anísio Teixeira na presidência da entidade, e o arquiteto Oscar Niemeyer como conferencista da sua primeira reunião no Museu Nacional/RJ.

### Entre ideias, noções, conceitos e embates... a ciência avança

Até o final dos anos 1960, termos como “Atividade Física” ou “Educação Física” eram tão raros em revistas de difusão científica em geral, quanto “educação **em** física”, ou “atividades **da** física” (grifo nosso), rementando-nos à consolidada ciência exata. Este cenário sofre uma sensível mudança na década de 1970 no Brasil, quando artigos acadêmicos que circundam este objeto passam a ser periodicamente publicados na revista “Ciência e Cultura”, sobretudo em pesquisas interdisciplinares, ora vinculadas à saúde e ciências médicas, ora à educação, com a psicologia. Protagonizados pela Escola de Educação Física da USP, que criou o primeiro programa de pós-graduação no país em 1977, os estudos sobre o desenvolvimento motor, o sistema vascular e efeitos metabólicos da prática da atividade física estavam em evidência, trazendo à tona questões polêmicas como o exame médico e demais aproximações profiláticas. De fato, a ciência e a pesquisa neste momento ainda eram sinônimos de medicina esportiva no Brasil, conforme afirmava o vasto Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil (1971) que, a partir de uma aproximação técnica, denuncia a precariedade da estrutura da Educação Física em setores como indústria, urbanização, clubes, educação, defendendo o estabelecimento de políticas mais punjantes de organização da Educação Física / Desportos no país, incluindo os incentivos à qualificação das escolas superiores: “As Escolas Superiores de Educação Física / Desportos ainda não se adequaram efetivamente para as imposições da Medicina Desportiva, não realizam pesquisa e não possuem formas rotineiras de intercâmbio” (DACOSTA, 1971, p. 356).

Ainda que sob o norte da medicina esportiva, múltiplos discursos e saberes sobre o corpo nos remetem a um amplo campo de disputas acadêmicas por objetos de estudos como o esporte e o movimento humano neste momento, um jogo que fricciona fronteiras disciplinares e leva a cabo múltiplas estratégias para tornar possível a pluralidade de abordagens e a coexistência de diferentes campos epistemológicos. Assim como outras entidades científicas, as origens do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte são saturadas de tensões, perfazendo uma trajetória complexa (PAIVA et al., 1998) com bifurcações, cisões e convergências, que precisam ser entendidas

como elementos de sua própria constituição. Ora homologado por médicos, o conhecimento acadêmico sobre o corpo, o movimento e o esporte passa a ser reivindicado por não médicos, que se mobilizam para construir um outro espaço possível. Conforme Pereira (2007), em meados dos anos 1970 já era notável a maioria de “não médicos” nos congressos que tratava do tema, mas a Federação Brasileira de Medicina do Esporte mantinha o posicionamento corporativista, o que provocou o desejo de saída para uma sociedade mais ampla. Ainda que o modelo seguido fosse o mesmo do *American College of Sports Medicine* (ACSM) nos Estados Unidos, abriu-se um espaço de permeabilidade no qual tangenciavam-se outras linhas, outros atravessamentos, enfim, um potencial de transformação dos estudos sobre as ciências do esporte. Frente a um outro que não se pode afrontar, foge-se. E ainda que esta fuga estivesse grávida de uma traição, pois “Sempre há traição em uma linha de fuga” (DELEUZE; PARNET, 1998), o grupo apartado manteve a fidelidade prometida e empenhada, ao menos num primeiro arranco. Enfim, é neste ambiente de contradições e distensões que a entidade marca as suas origens:

O CBCE nasce num Brasil endurecido e profundamente marcado pela ditadura militar dos anos 70 [...] período que promove uma cultura esportiva, um modo esportivo de ser e cultua também um certo tipo de descontração e um certo tipo de corpo, saudável e produtivo (SOARES, 2003, p. 128).

Se as fissuras que moveram o nascimento do CBCE vieram dos conflitos acadêmico-corporativistas com os médicos, não foi com a mesma velocidade que estas produziram deslocamentos epistemológicos. Ao se fundar sob a categoria de “não médicos”, a entidade passa a agregar pela negatividade, mas a força histórica e a ausência de referências disruptivas carregam um marcante vetor de permanência, manifesta nas primeiras produções do Colégio, notadamente nos CONBRACEs. Como nos lembra Soares (2003), os primeiros seis anos do evento revelam permanências de uma educação do corpo que remonta aos meados do século XIX e seguem em consonância com a bases epistemológicas legitimadas pelas ciências experimentais que sustentam as políticas públicas hegemônicas, a saber: a pedagogia tecnicista, a psicologia do desenvolvimento e a medicina sanitarista, que regia a prática esportiva e escolar. Segundo a autora, nos primeiros CONBRACEs – a “criança brasileira e a atividade física”, o “esporte no Brasil”, o “treinamento esportivo”, a maior parte das pesquisas segue estas matrizes que circunscrevem temas e abordagens que tratam do corpo em sua dimensão natural, abstrata, idealizada, individual e

quantificável, enfim, do corpo como objeto, típico das chamadas Ciências Naturais. Enfim, temas, problemas, movimentos, abordagens e instituições que encarnavam o corpo em sua condição de sujeito ou sujeitado tornaram-se prementes no início dos anos 1980: o corpo dos loucos (nos manicômios), o corpo dos desnutridos (das crianças nas periferias), o corpo domesticado (das mulheres), o corpo dos grupos de risco (gay/aids), o corpo rebelde (dos *punks*), o corpo autodeterminado a se empoderar (dos *black powers*) etc., temas de vários movimentos socioculturais que mobilizavam políticas importantes no Brasil e no mundo eram invisíveis para a ciência do esporte e a educação física neste momento, que seguia circunscrevendo o corpo nos padrões ainda pouco problematizados das ciências da vida. De fato, nesta década que seguia sob a aura do milagre econômico, as ciências do esporte pareciam imunes às contradições que começavam a ser anunciadas na própria medicina social, com respeito à saúde pública. Portanto, não se tratava apenas da permanência de uma concepção médica ou psicológica de corpo, mas de uma certa medicina – a biomedicina, e também de uma certa forma de abordar as temporalidades do físico, dos afetos e dos processos cognitivos, estruturada sob o paradigma da psicomotricidade.

Se nos anos 70, as ciências humanas passam a compor a SBPC, seu impacto no CBCE é mais notável na década seguinte. Apesar da primeira chapa da Diretoria do colégio já ser composta por pessoas que tinham interesses bastante diversos, vindos de referenciais das ciências naturais e humanas, ainda predominava a primeira, assim como certa personalização do Colégio na figura do seu primeiro presidente – o dr. Victor Matsudo, ou seja, a medicina do esporte e a raiz americana norteavam o desenvolvimento do CBCE. A partir de 1985, percebe-se uma mudança significativa, com uma nova diretoria encabeçada pelo prof. Laércio Pereira. Com o tema “As ciências do esporte na Nova República”, o espaço de discussão começa a se pluralizar. Além da abordagem de variáveis metabólicas e biodinâmicas do exercício físico protagonizadas pela fisiologia do exercício e pelo instrumental de medidas e avaliações sobre a aptidão física, agregam-se abordagens qualitativas sobre o mesmo objeto como, por exemplo, os estudos socioeconômicos sobre a aptidão motora. As ciências sociais e humanas tornavam-se mais presentes na educação, que recebe um tratamento crítico e político, não só conceitual, mas também na avaliação de políticas, programas e projetos pedagógicos. Neste Congresso, portanto, fica mais nítida a pluralidade epistemológica e metodológica dos temas clássicos, como a dança, a ginástica, o esporte e o exercício físico, além da demarcação de uma dimensão social e política da Educação Física e a emergência de novos temas como o corpo, consumo, lazer. Em sincronia com o nascimento da pós-graduação da área, bem como o retorno de vários pesquisadores que circularam pelo

exterior ou fora da Educação Física, os congressos já começavam a ocupar espaço significativo frente aos cursos e capacitações técnicas típicos dos anos 60-70, até então modelos mais disseminados de formação continuada na área, levados a cabo sobretudo pela APEF, Associação dos Profissionais de Educação Física. Assim a FIEP – *Fédération Internationale d'Education Physique*, reconhecida pela circulação das jornadas e cursos que reuniam centenas de pessoas Brasil afora, também passa a sedimentar uma estrutura menos nômade com os Congressos Internacionais de Foz do Iguaçu (PR) a partir de 1986.

A pluralidade de estudos e procedimentos que tem impulso em meados dos anos 1980 no CBCE não reflete necessariamente uma política científica amadurecida, qualificada ou rigorosa. Trabalhos orais eram apresentados a partir de suscintos argumentos escritos e só em 1995, se exigiria um texto completo no momento da inscrição para as comunicações, entre outros procedimentos nem sempre rigorosos. É sintomático que os saberes da Educação Física, constituídos no campo do fazer, tenham sido mais pronunciados numa cultura oral e nos encontros do CONBRECE do que na RBCE. Como atestam Almeida, Bassani e Vaz (2015), até os anos 1990, a escassez de artigos comprometia a própria periodicidade da revista, que ainda se debatia com normas acadêmicas de publicação dos autores. Com os debates e a elaboração retórica mais pronunciados que a sistematização teórica, levaram alguns anos para que abordagens de natureza histórica se evidenciassem no contexto do CBCE. Como destacou Soares (2003), é significativo que o CONBRACE tenha revistado seu primeiro tema na sua quinta edição (1987), atribuindo novas camadas de sentido para o tema da criança e também do esporte, com questionamentos como: “de que criança estamos falando?”, “de que esporte estamos nos referindo?”. E neste encontro em Recife, as esferas local, o âmbito do território, e a singularidade cultural conduziram as investigações dentro de um contexto brasileiro, já no CONBRACE de 1989. Com o tema “Esporte e mudança na América Latina”, as discussões sobre ciências do esporte produziram diálogos mais estruturados no campo científico-intitucional. Neste evento que ocorreu em Brasília, os debates acenam para quatro aspectos que se tornariam cruciais para o amadurecimento científico do Colégio nos anos seguintes - a institucionalização, a politização, a internacionalização e a desnaturalização de seu campo de estudos: aparece pela primeira vez uma comunicação sobre o posicionamento institucional da produção científica no cenário brasileiro, com mapeamento de tendências da pesquisa em Educação Física e Ciências do Esportes (EF/CE) no âmbito do CNPq; são debatidas as políticas públicas da EF/CE junto a relatos de experiências com governos de vários partidos,

bem como uma legislação pertinente com representantes da Câmara dos deputados; nove representantes de sete países diferentes (Alemanha, Argentina, Bolívia, Cuba, Portugal, Uruguai, Venezuela) trazem suas experiências para o Congresso, ampliando redes e referências, com destaque para América Latina, o que também mostrava um tipo de afinidade político-acadêmica que se construía sobretudo no eixo ibero-americano, na pesquisa qualitativa e no âmbito da educação física, mais do que nas ciências da atividade física e do esporte, que já eram protagonizadas pelos EUA, sem representantes no evento; e por fim, são apresentadas as primeiras reflexões autorreferenciadas, nas quais as próprias EF/CE tornavam-se objetos de estudos e passavam a ser desnaturalizadas, ora pelo debate epistemológico, ora pela análise histórica de modo crítico, ou seja, neste momento a entidade passa a disputar de modo mais ativo um duplo jogo: o de estabelecer e dar sentido a uma prática social - o esporte - e de o produzir a sua própria visão de ciência. Nas palavras de Bracht, “duas lutas ou disputas imbricadas: a luta pela definição legítima de ciência (inclusive do que é ou o que configura o próprio campo) e por outro lado, mas articulada com as diferentes visões do fazer científico, a luta por um determinado fazer educação física e/ou atividade física e esportiva” (BRACHT, 2009, p. 32-33). Discussões no âmbito do fazer científico e do fazer educação física começavam a ganhar contornos históricos neste CONBRACE de 1989, com destaque para a figura do prof. Mario Ribeiro Cantarino Filho, que apresentou cinco trabalhos sobre a história da Educação Física, situando-a no Brasil do Estado Novo e na Reforma Francisco de Campos, além de evidenciar seus usos políticos, na esteira do nacionalismo alemão. No âmbito historiográfico, o prof. Lino Castellani apresentou a vida e obra de Inezil Pena Marinho, enquanto que o prof. Bramante tomou como fonte a revista “Comunidade Esportiva” para fazer uma abordagem crítica do EPT, assim como a professora Fernanda Paiva fez do vôlei brasileiro. Aos poucos, a discussão histórico-filosófica envergou a curvatura da vara das ciências naturais para as humanas, num movimento que não seria mais revertido, gerando diversas transformações, crise e reordenações nos anos que se seguiram, quando o CBCE passou a ser protagonizado por pesquisadores alinhados à Educação Física, atenuando a presença das suas origens na medicina do esporte, passando a reorientar os rumos da política científica dentro da entidade, que não deixou de produzir feridas, “Exatamente por serem espaços de luta, os campos passam por reordenações, muitas vezes pelo sucesso de estratégias de subversão” (BRACHT, 2009, p. 34).

A partir de 1989, portanto, o CBCE consolidava um certo modo de ser que seria perpetuado ao assumir importante papel político na defesa da Educação Física. A sua afiliação à SBPC neste período, bem como a participação da entidade na Conferência Brasileira de Educação e do Fórum em Defesa da Escola Pública e outras representações de calibre vão legitimar a entidade para atuar com maior vigor nas constituintes estaduais e em defesa da ciência no Brasil.

Concorrendo com a APEF, cuja federação passou a ser presidida pelo prof. Inezil Penna Marinho, o CBCE estreitou seu vínculo com a educação formal e se diferenciou em relação às pautas políticas daquela Associação, que na década de 80 deu passos largos na discussão da regulamentação da profissão e levou ao Congresso Nacional a pauta do “Método de ginástica nacional” baseado na capoeira. Na virada dessa década, o CBCE passa a assumir um papel determinante na construção da legislação educacional brasileira, com protagonismo na representação do professorado da área, movido pela conjuntura do país, que produzia novos marcos para a formação de uma sociedade democrática na Nova República. É bastante significativa a contribuição do CBCE na constituição dos mais importantes marcos legais da área no âmbito escolar no Brasil e também na leitura crítica das leis. Ainda hoje a publicação “Educação Física Escolar frente à LDB e aos PCNs” (CBCE, 1997), editada pelo CBCE, é tida como principal obra de referência para a análise crítica dos impactos da publicação e regulamentação da legislação educacional mais importante do país. Este período de intenso debate político também foi um período no qual a educação e o “pedagógico” se tornaram temas hegemônicos dentro do Colégio, lida por alguns como um aparelhamento da Educação Física, e por outros como uma fase de afetação política, como analisa Bracht:

depois de uma certa euforia e ‘ingenuidade’ cientificista dos seus primeiros anos de existência, com conseqüente aversão à reflexão filosófica, a que se seguiu um predomínio ideológico com a sobreposição do político ao acadêmico, o CBCE chegou aos seus 15 anos como que possuído pelo desejo de complementar o conhecimento das coisas com o conhecimento de si mesmo (BRACHT, 2007, p. 57-58).

Se considerarmos que os anos 1990 foram a “década da Educação” (FREITAS, 2002), com movimentos político acadêmicos em todo o mundo questionando o paradigma tecnicista ainda hegemônico – que no Brasil teve notável impulso com o Acordo MEC/USAID de reforma do ensino brasileiro com padrões americanos, fica evidente que este espírito norteou a Educação Física após a “década da crise” (MEDINA, 1983), a qual descortinou múltiplas leituras políticas da área. No pós-crise, quando suas fronteiras

foram borradas a partir de diversos lugares de conhecimento por onde os pesquisadores circularam em suas pós-graduações, houve uma tentativa de identificar não apenas novos contornos, no sentido de subáreas, mas sim as concepções de ciência que orientavam a área, ou seja, suas “matrizes teóricas” (BRACHT, 2007). As temáticas do CONBRACE na década de 90 foram atravessadas pelos temas da ciência, da pesquisa e da produção do conhecimento, com forte debate epistemológico, o que também acontecia fora do CBCE, em outras entidades e sociedades científicas. Como analisa Bracht (2007), é um momento em que a comunidade acadêmica busca legitimidade nas esferas oficiais da ciência para buscar fomento e abertura de novos programas de pós, o que exigia uma tomada de posição e classificação. Os rumos deste olhar da EF para si mesma permitiu que se assumisse como Ciência Aplicada frente à SBPC e também com o nome de Motricidade Humana/Espportes, ainda que junto ao CNPq se mantivesse circunscrita como Educação Física, ramo de uma matriz ligada às Ciências da Vida, o que mostra que o jogo de forças e a permanência histórica impregnada em cada nível das organizações científicas era diferente.

### **O CBCE e a SBPC: uma aliança duradoura, uma ciência comprometida**

Na década de 1990, o CBCE passou a ocupar um papel significativo no movimento político de defesa da constituição de uma cultura científica e de marcos educacionais ao atuar junto à SBPC, o que lhe proporcionou uma maturidade institucional. Lembremos que a SBPC saiu fortalecida ao final da ditadura pois conseguiu estabelecer resistência com uma consistência institucional nas suas reivindicações<sup>5</sup>, mantendo uma postura pluralista, democrática e crítica ao tratar da ciência em sua diversidade, ao mesmo tempo deu bastante visibilidade para suas ações com atuante política de comunicação e presença na opinião pública, tornando-se uma importante referência para o CBCE, com a qual estreitou vínculos. Este tipo de ação institucional conjunta é um sintoma de sua legitimidade social e está presente nos mais importantes marcos da ciência e da educação nos últimos 30 anos: o CBCE agiu com a SBPC no encaminhamento de proposta de um capítulo para a Constituição de 1988 voltado à ciência e tecnologia, prevendo a criação de fundações estaduais de pesquisa, entre outros dispositivos de amparo à ciência, tendo sido votada e em boa parte incorporada à carta magna do país; também atuaram juntos nos vários fóruns em defe-

---

<sup>5</sup> Em fins dos anos 1970, entidades como a SBPC assumem-se politicamente militantes contra o governo autoritário, publicando na sua revista denúncias sobre o “Livro Negro” e a “triagem ideológica” que produzia afastamentos infundados de docentes da USP.

sa da reforma educacional, tais como o Fórum Nacional da Educação na Constituinte em Defesa do Ensino Público e Gratuito (1987); e no Fórum em Defesa da Escola Pública na LDB, nos anos 90, com pautas que viriam a constituir a LDB de 1996, como a gratuidade, o ensino laico, a garantia da escola pública em todos os níveis, bem como a luta pela incorporação de valores democráticos no *modus operandi* do sistema educacional, como a descentralização dos sistemas de ensino e autonomia pedagógico-administrativa. A partir daí, a entidade vem atuando como representante legítima da Educação Física/Ciências do Esporte nos principais debates nacionais, como são os casos da recente produção da Base Nacional Comum Curricular e do empenho na realização de fóruns de discussão sobre a avaliação da pós-graduação brasileira. Para além de uma participação por conveniência, o vínculo e as ações em paralelismo com a SBPC vem de um alinhamento ético e um comprometimento com o desenvolvimento de uma ciência encarnada no Brasil.

Ambas as entidades, mantendo seu foco em torno das pautas de defesa do investimento público no tripé Ciência, Tecnologia (C&T) e Educação, e ancoradas nos valores de liberdade e autonomia, tem sido chamadas a justificar a importância da ciência no Brasil o que exige uma constante reflexão sobre o papel social da ciência e dos cientistas. Neste sentido, é interessante verificar como as entidades nos últimos anos passaram a olhar para dentro do próprio microcosmo institucional e identificarem nele os lugares de violência, afinal os cientistas não são seres brilhantes que vivem apartados das formas de colonização e exclusão existentes, podendo reproduzi-las no seio da própria instituição científica. O recém-lançado “prêmio Carolina Bori Ciência & Mulher”, bem como o seminário “SBPC e as mulheres e meninas na ciência” anunciam tanto um louvável programa de difusão científica quando dão visibilidade aos entraves existentes para as mulheres chegarem a cargos de comando no âmbito da ciência, assim como promovem a desnaturalização da C&T como “coisa de menino”.

Frente ao desafio de consolidar uma política de Estado, as interlocuções com o governo não bastam. A missão de falar para fora da comunidade científica é premente. Neste sentido, a produção e consolidação dos eventos e meios de comunicação, tais como congressos, boletins, revistas, anais e cadernos de formação estruturam um amplo dispositivo que precisa sempre ser revisitado, arejado e animado a partir do espírito do seu tempo. A Coleção “Ciências do Esporte e Educação Física: memória, história e produção de conhecimento em 40 anos de CBCE” (1978-2018), neste sentido,



perfaz um caminho institucional de contar e recontrar, repetir e enredar a sua própria história. E ao se repetir, repetir e repetir, quiçá encontrará no diferente o seu próprio devir.

## Referências

- ALMEIDA, F. Q.; BASSANI, J. J.; VAZ, A. F. Vicissitudes de uma história da RBCE: 35 anos de editoração científica (1979-2013). *Motrivivência*, v. 27, n. 43, p. 135-153, dez. 2015.
- BRACHT, V. 30 anos de CBCE: os desafios para uma associação científica. *RBCE*, v. 30, n. 3, p. 31-44, mai. 2009.
- BRACHT, V. *Educação Física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2007.
- BRACHT, V. Educação física/ciências do esporte: que ciência é essa? *RBCE*, v. 14, n. 3, p. 111-118, mai. 1993.
- BRASIL. *Conselho de Ensino Superior*. Parecer nº 977/65, aprovado em 3 dez. 1965.
- CBCE (org.). *Educação física escolar frente à LDB e aos PCNs: profissionais analisam renovações, modismos e interesses*. Ijuí: Sedigraf, 1997.
- COELHO, E. E. *Edson Ernesto Coelho* (depoimento, 2004). Rio de Janeiro, CPDOC, ABP – Associação Brasileira de Propaganda, Souza Cruz, 2005.
- DACOSTA, L. P. *Diagnóstico da educação física/desportos no Brasil*. Fundação Nacional do Material Escolar, 1971. Disponível em: <http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/conclusoes-diagnostico-educacao-fisica-desportos-brasil.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2019.
- DACOSTA, L.P. (org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Confef, 2006.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998, p. 53-54.
- FREITAS, H. C. L. Formação de professores no Brasil: 10 anos de embate entre projetos de formação. *Educação e Sociedade*, v. 23, n. 80, p. 136-167, set. 2002.
- GALANTE, R. C. *Educação pelo lazer: a perspectiva do Programa Curumim do SESC Araraquara*. 2006. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.
- MEDINA, J. P. S. *A educação física cuida do corpo... e “mente”*. Campinas: Papirus, 1983.
- PAIVA, F. S.; GOELLNER, S. V., MELO, V. A. Revista Brasileira de Ciências do Esporte: bibliografia e perfil. *RBCE*, número especial - 20 anos do CBCE, p. 72-79, set. 1998.
- PAZIN, N. P. A. Esporte para todos (EPT): a reinvenção da alegria brasileira. (1971-1985). In: XXVIII SIMPOSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015. Florianópolis. *Anais eletrônicos* [...]. Florianópolis: UFSC, UDESC, 2015. Disponível em: [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434322747\\_ARQUIVO\\_textocompletoAnpuh2015.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434322747_ARQUIVO_textocompletoAnpuh2015.pdf). Acesso em: 01 fev. 2019.

PAZIN, N. P. A.; FREITAS, D. P. A.; SILVA, M. L. Esporte para todos e a constituição de um projeto de intervenção social. *Revista Metáfora Educacional*, v. 9, n. 1, p. 18–30, 2010.

PEREIRA, L. E. Tempos antigos do CBCE... In: CARVALHO, Y. M.; LINHALES, M. A. *Política científica e produção do conhecimento em educação física*. Goiânia: CBCE, 2007, p. 13-16.

PEREIRA, L. E. Edeson Ernesto Coelho (depoimento, 2016). Porto Alegre, CEME, ESEF, UFRS, 2016.

REIS, J. Editorial: para que a ciência viva. *Revista Ciência e Cultura*, n. 2, 1972.

SANT'ANNA, D. B. *O prazer justificado: história e lazer* (São Paulo: 1969-1979). São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1994.

SOARES, C. L. Do corpo, da educação física, das muitas históricas. *Movimento*, v. 9, n. 3, p.125-147, set./dez. 2003.

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA (ed.), *Pesquisa e produção do conhecimento em educação física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1992.

TUBINO, M. J. G. *Estudos brasileiros para o esporte: ênfase no esporte-educação*. Maringá: Eduem, 2010.



# O movimento de constituição dos centros de memória da Educação Física das Universidades Federais brasileiras e sua interlocução com o CBCE

*Christiane Garcia Macedo*

*Silvana Vilodre Goellner*

*André Luiz dos Santos Silva*

## Introdução

No campo acadêmico-profissional da Educação Física, no final da década de 1990, começaram a emergir lugares de memória (NORA, 1993) das práticas corporais e esportivas em Universidades Federais, cuja denominação, em grande medida, foi cunhada pela expressão “Centros de Memória” (CM). Passados pouco mais de 20 anos da criação do primeiro deles, em 1996, hoje existem dez desses lugares de memória, cuja trajetória demarca similitudes e especificidades.

Quadro 1 – Centros de Memória das Universidades Federais

<b>Centro</b>	<b>Sigla</b>	<b>Fundação</b>
Centro de Memória do Esporte	CEME/UFRGS <sup>1</sup>	1996
Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer	CEMEF/UFMG <sup>2</sup>	2001
Centro de Memória Inezil Penna Marinho	CMIPM/UFRJ <sup>3</sup>	2001

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Centro de Memória da Educação Física e do Esporte no Nordeste	CEMEFEN/ UFPB <sup>4</sup>	2002
Centro de Memória do Departamento de Educação Física	CEMEDEF/ UFPR <sup>5</sup>	2004
Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer	CEMEFEL/ UFS <sup>6</sup>	2005
Centro de Memória do Esporte e da Educação Física da Bahia	CEMEEFB/ UFBA <sup>7</sup>	2008
Centro de Memória do Esporte e da Educação Física de Juiz de Fora	CEMEEF/UFJF <sup>8</sup>	2009
Centro de Memória da Educação Física e do Esporte	CEMEFE/ UFMT <sup>9</sup>	2013
Memorial da Educação Física e do Esporte	Memorial do CEFD/UFMS <sup>10</sup>	2014

Fonte: Os autores, 2019.

Para a delimitação do momento da criação de cada Centro de Memória, consideramos não apenas a existência de uma solenidade ou algum marco inaugural oficial, mas o movimento que resultou na produção do projeto inicial, sua instauração e seu registro, sobretudo, na produção científica do campo acadêmico-profissional da Educação Física. Cada um desses centros possui suas particularidades em relação à trajetória, acervo, envolvimento de docentes, objetivos, condições de trabalho, formas de produção e divulgação suas pesquisas e atividades. Cabe registrar que os três primeiros resultam de iniciativas já existentes nos departamentos aos quais estão vinculados, no que respeita a preservação da memória da instituição, e mesmo antes de sua constituição contaram com a atuação de bibliotecárias – CEME/UFGRS e CEMEF/UFMG – e docentes – CMIPM/UF RJ.

Esses três, de certo modo, serviram de inspiração para o surgimento dos demais, o que pode ser observado nas fontes pesquisadas, onde encontramos registros de contatos entre seus/suas pesquisadores/as, de intercâmbios envolvendo visitas ou discussões em eventos que envolveram a apresentação de trabalhos, sobretudo no campo da historiografia da Educação Física e do Esporte. Essas trocas justificam a afirmação de que, apesar de serem

<sup>4</sup> Universidade Federal da Paraíba.

<sup>5</sup> Universidade Federal do Paraná.

<sup>6</sup> Universidade Federal de Sergipe.

<sup>7</sup> Universidade Federal da Bahia.

<sup>8</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>9</sup> Universidade Federal do Mato Grosso.

<sup>10</sup> Universidade Federal de Santa Maria.

criados por docentes, muitas vezes quase que de forma individual, os CMs resultam de um movimento cujo foco esteve centrado na preocupação com a produção e a preservação de registros de memórias. Perder a memória foi o mote para a organização de diversas atividades, muitas delas semelhantes entre os CMs como, por exemplo, a guarda de acervos da própria instituição, sua organização e divulgação.

O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, enquanto instituição científica do campo acadêmico, compõe o cenário no qual o movimento de constituição dos CMs da Educação Física nas Universidades Federais aconteceu. Neste texto apresentaremos uma síntese desse movimento, focando o CBCE como um espaço que possibilitou diálogos e ações que fortaleceram a criação dos CMs.

Para tanto, esta pesquisa foi fundamentada teórica e metodologicamente na História Cultural (PESAVENTO, 2005; BURKE, 2005) e na História Oral (ALBERTI, 2010) mediante a realização de 26 entrevistas com 21 docentes (Quadro 2) que criaram e/ou atuaram e atuam nos CMs, além de cinco docentes<sup>11</sup> que foram mencionados nessas entrevistas, dada a sua proximidade com o movimento de criação desses lugares de memória. Todas as entrevistas seguiram os procedimentos do Projeto Garimpando Memórias<sup>12</sup>, desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte (UFRGS), que contempla as etapas de transcrição, copidesque, pesquisa de termos, retorno a pessoa entrevistada, assinatura da carta de cessão de direitos e sua publicação na íntegra. Essas entrevistas foram cotejadas com outras fontes, sobretudo, documentos, tais como: os projetos de criação dos CMs, os currículos registrados na Plataforma Lattes dos/as entrevistados/as e as produções acadêmicas e não acadêmicas da equipe dos CMs.

## A pesquisa histórica e o CBCE

A criação dos CMs para além de requerer condições de estrutura e de espaço físico, demandou intercâmbios e parcerias com distintos campos disciplinares, em especial com a História e a Educação. Tal afirmação resulta da análise dos documentos norteadores de cada Centro e, mais especificamente, da formação acadêmica dos/as docentes que estiveram à frente dessas iniciativas. Apresentamos no Quadro 2 os/as 21 docentes entrevistados/as e suas respectivas formações. Em negrito estão aqueles/as responsáveis pela criação dos CMs.

---

<sup>11</sup> Carmen Lúcia Soares, Ademir Gebara, Amarílio Ferreira Neto, Eustáquia Salvadora de Souza e Leila Mirtes Pinto.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ceme/site/entrevistas>.

Quadro 2 – Formação dos/as docentes integrantes dos CMs no momento de sua criação

Nome	Universidade Doutorado / Ano	PPG do Doutorado	Universidade Mestrado / Ano	PPG Mestrado	Universidade/ Graduação	CM
Ana Carrilho Romero Grunennvaldt	UNICAMP <sup>13</sup> / 2001-2005	Educação	UGF <sup>14</sup> / 1997-1999	Educação Física	UEL <sup>15</sup> / 1985-1888	CEMEFE/ MT
André Mendes Capraro	UFPR / 2003-2007	História	UFPR / 2001-2002	História	UFPR / 1992-1997	CEMEDEF/ PR
Andrea Moreno	UNICAMP/ 1997-2001	Educação	PUCRJ <sup>16</sup> / 1994-1996	Educação	UERJ <sup>17</sup> / 1984-1987	CEMEF/ MG
<b>Augusto César Rios Leiro</b>	UFBA / 2001-2004	Educação	UFBA / 1998-2001	Educação	UCSAL <sup>18</sup> / 1981-1984	CEMEEFB/ BA
<b>Carlos Fernando Cunha Júnior</b>	UFMG / 1998-2002	Educação	UERJ / 1994-1997	Educação	UERJ / 1989-1993	CEMEF/JF/ MG
<b>Evando Carlos Moreira</b>	UNICAMP / 2003-2007	Educação Física	UNICAMP / 2000-2002	Educação Física	FEFISA <sup>19</sup> / 1995-1998	CEMEFE/ MT
<b>Hamilcar Silveira Dantas Junior</b>	UFBA / 2005-2008	Educação	UFS / 2000-2003	Educação	UFS / 1993-1997	CEMEFEL/ SE
<b>Janice ZaperllonMazo</b>	UP <sup>20</sup> / 1999-2003	Ciência do Desporto	UFSM / 1990-1993	Ciência do Movimento Humano	UFSM / 1984-1987	CEME/RS
<b>José Américo Santos Menezes</b>	UFBA / 2009-2013	Educação	UFS / 1995-1997	Educação	UFS / 1988-1991	CEMEFEL/ SE

<sup>13</sup> Universidade Estadual de Campinas.<sup>14</sup> Universidade Gama Filho.<sup>15</sup> Universidade Estadual de Londrina.<sup>16</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.<sup>17</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro.<sup>18</sup> Universidade Católica de Salvador.<sup>19</sup> Faculdades Integradas de Santo André.<sup>20</sup> Universidade do Porto, Portugal.

<b>Marco Aurélio de Figueiredo Acosta</b>	UFSM / 2000-2004	Ciência do Movimento Humano	UFSM / 1998-2000	Ciência do Movimento Humano	UFSM / 1985-1988	Memorial do CEFD – SM/RS
Marcus Aurélio Tabora de Oliveira	PUC SP <sup>21</sup> / 1997-2001	Educação	-	-	UFPR / 1982-1985	CEMEF/ MG
Maria Cristina Rosa	UNICAMP / 2001-2005	Educação	UNICAMP / 1996-1998	Educação Física	UFV <sup>22</sup> / 1987-1990	CEMEF/ MG
Meily Assbu Linhales	UFMG / 2002-2006	Educação e Inclusão Social	UFMG / 1992-1996	Ciências Políticas	UFMG / 1981-1984	CEMEF/ MG
Priscilla Kelly Figueiredo	UFMG / 2012-2016	Educação	UNICAMP / 2004-2007	Educação	UFV / 1999-2003	CEMEFEL/ SE
QuefrenWeld Cardozo Nogueira	UFS / 2010-2013	Educação	UFU <sup>23</sup> / 2002-2004	Educação	UFV / 1994-1997	CEMEFEL/ SE
<b>Ricardo de Figueiredo Lucena</b>	UNICAMP / 1996-2000	Educação Física	UNICAMP / 1988-1991	Educação Física	UFPB / 1981-1985	CEMEFEN/ PB
<b>Sérgio Dorenski Dantas Ribeiro</b>	UFBA / 2010-2013	Educação	UFSC <sup>24</sup> / 2003-2005	Educação Física	UFS / 1991-1997	CEMEFEL/ SE
Silvana Vilodre Goellner	UNICAMP / 1996-1999	Educação	UFRGS / 1989-1992	Ciência do Movimento Humano	UFSM / 1982-1986	CEME/RS
<b>Tarcísio Mauro Vago</b>	USP / 1996-1999	Educação	UFMG / 1989-1993	Educação	UFMG / 1980-1983	CEMEF/ MG
<b>Vera Luiza Moro</b>	-	-	UFPR / 1993-1998	Educação	UFPR / 1985-1989	CEMEDEF/ PR
<b>Victor Andrade de Melo</b>	UGF / 1996-1999	Educação Física	UNICAMP / 1994-1996	Educação Física	UERJ / 1989-1993	CMIPM/RJ

Fonte: Os autores, 2019.

<sup>21</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

<sup>22</sup> Universidade Federal de Viçosa.

<sup>23</sup> Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>24</sup> Universidade Federal de Santa Catarina.



Ao nos debruçarmos sobre as trajetórias desses sujeitos, percebemos que a formação inicial se deu na Educação Física, no entanto, a pós-graduação foi cursada em outras áreas. Cabe destacar que 15 fizeram sua formação inicial na década de 1980 e 6 na década de 1990. Ao relacionarmos essa formação com a trajetória dos estudos históricos na área da Educação Física, inferimos que a grande maioria dos/as docentes envolvidos/as com os CMs vivenciaram, na década de 1980, uma época, “[...] marcada pela crítica e pelo anúncio de redimensionamento dos estudos anteriores, a partir fundamentalmente de uma inspiração teórica marxista” (MELO; FORTES, 2010, p. 20).

Jocimar Daolio, ao analisar a trajetória de autores/as da Educação Física da década de 1980, em sua tese de doutorado, defendida em 1997 na Unicamp, descreve que houve diferentes grupos nesse período que se inquietaram com a situação do país. O grupo denominado de progressista, do qual o autor analisou as narrativas de João Paulo Subirá Medina, Lino Castellani Filho, Celi Neuza Zulke Taffarel<sup>25</sup> e Vitor Marinho de Oliveira, utilizava o referencial marxista. Para Daolio (1997):

Parece que ser progressista naquela época na Educação Física significava, além de se opor claramente ao regime militar, negar a ênfase biológica na consideração do ser humano, legado histórico da Educação Física brasileira. De fato, vários entrevistados explicitaram a necessidade de “desbiologizar” a Educação Física, ampliando seus referenciais teóricos e aproximando-a das ciências humanas (DAOLIO, 1997, p. 78).

O trabalho de Macedo e Brandão (2011) destaca que a segunda metade da década de 1980, especialmente em função da disputa eleitoral para a Diretoria do CBCE, ocorrida em 1987, foi marcada por um debate fundamentado de cunho marxista que apostava na “humanização” da Educação Física. Tal cenário figura na programação do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), realizado em setembro no ano de 1987 e no editorial da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) publicada no mês de maio de 1988. Vejamos:

Hoje, porém, este mesmo periódico aparece com outra roupagem. Numa linguagem [...] que pretende levar aos membros do CBCE, não um conhecimento sagrado e de difícil compreensão e aplicação, mas um conhecimento comprometido com a denúncia, com a crítica, na busca de soluções concretas para os problemas sociais (RBCE, 1988, p. 3).

---

<sup>25</sup> Destacamos aqui a centralidade de Medina, Castellani e Taffarel nas diretorias nacionais do CBCE entre os anos de 1985 a 1993.

Em sua entrevista, Ana Grunennvaldt (2016) destaca que estava cursando a graduação nesse período e já se sentia engajada com o pensamento crítico que emanava dessas obras. Esse mesmo engajamento é mencionado em várias entrevistas e se dá em um contexto propício para tal: a Ditadura Militar vivia seus últimos suspiros e aquilo que se convencionou chamar de Abertura Política mostrava-se diante de nossos olhos. Nesse período, houve o fortalecimento dos movimentos sociais, as greves, a legalização do Partido Comunista, a construção do Partido dos Trabalhadores, o Congresso de Reconstrução da União Nacional dos Estudantes – Salvador-BA, 1979 –, o Movimento Diretas Já, o Movimento de Mulheres, enfim, ideias e ações que integravam o cotidiano de jovens que se produziram professores de Educação Física nesse contexto.

José Américo Menezes (2016), em sua entrevista, descreve algumas de suas memórias desse período:

[...] eu estava vivendo aquele grande processo de transição, que é denominado como o período renovador da Educação Física brasileira, onde as produções da professora Celi Taffarel, professor Lino Castellani, influenciados pelo Demerval Saviani, e por outros grandes pensadores da Educação e da Sociologia brasileira, que estavam lá no movimento da PUC, principalmente lá no sudeste do Brasil (MENEZES, 2016, p. 4-5).

Essas características se refletem na historiografia da Educação Física, pois nesse período começam a se formar, especialmente em nível de graduação, alguns/algumas pesquisadores/as cujo trabalho pode ser identificado nas características apontadas por Melo e Fortes (2010) como da fase historiográfica mais recente, contemplando outros olhares para a historiografia. O professor Amarílio Ferreira Neto (2016), ao falar sobre sua experiência de formação acadêmica, descreve:

É diferente para nós, ou seja, essa *geração* que nasce na virada do final dos anos 1980 para o início dos anos 1990 é uma geração de profissionais com formação específica que voltaram o seu olhar para as humanidades, para pensar a Educação Física brasileira. Quer dizer, quando você lê um texto de História de um general do Exército é completamente diferente do que aconteceu nos anos 1990 (NETO, 2016, p. 13, grifo nosso).

Amarílio Ferreira Neto reforça, assim, a renovação citada por Bracht (1999) e menciona a formação de uma geração de pessoas que se voltaram para o estudo da História da Educação Física. Em relação aos referenciais dessa formação, Carmem Lúcia Soares (2016), em sua entrevista, comenta:

Em que nós vamos encontrar no fim dos anos 1980, quando elas começam a aparecer no Brasil, para a segunda metade dos anos oitenta, nós vamos encontrar traços marcantes de uma das teorias marxistas, de determinadas teorias marxistas, nós vamos encontrar uma mistura entre as teorias marxistas e as teorias da escola de Frankfurt, alguma coisa (SOARES, 2016, p. 10).

Esse grupo, ou geração, como denomina Amarílio Ferreira Neto, vivenciou um período de transição da historiografia da Educação Física brasileira, visto que realizaram sua formação em um período no qual as teorias marxistas estavam em vigor. No entanto, vários/as deles/as, ao iniciarem a pós-graduação, depararam-se com outras referências ampliando seus aportes teórico-metodológicos. Esse movimento foi identificado por Melo e Fortes (2010) como uma fase na qual a historiografia da Educação Física “[...] é marcada por uma maior sistematização e institucionalização dos estudos e pela configuração mais clara da História do Esporte como um campo de investigação” (MELO; FORTES, 2010, p. 20).

Com exceção de Vera Moro (CEMEDEF/UFPR), esses/as docentes concluíram seu doutoramento entre os anos de 1996 e 2016 e o mestrado entre 1988 e 2007. Destacamos que entre os/as 12 criadores/as de CMs, 11 estavam frequentando a pós-graduação no período de 1996 a 2001, ou seja, no período de criação dos três primeiros centros: o CEME/UFRGS, o CEMEF/UFMG e o CMIPM/UFRJ. O único que não frequentou a pós-graduação nesse período foi Sérgio Ribeiro (CEMEFEL/UFS), que iniciou seu curso de mestrado no ano de 2003. Além disso, destacamos, como apresentado no Quadro 2, que dos/as 21 docentes entrevistados/as neste trabalho, 10 participaram de programas de pós-graduação em São Paulo<sup>26</sup> e 15 deles/as fizeram na área da Educação.

No intuito de entender os investimentos teórico-metodológicos dos/as pesquisadores/as da História da Educação Física ligados aos CMs, focaremos nosso olhar na década de 1990 e no início dos anos 2000, período no qual muitos realizam sua formação na pós-graduação. Como já mencionado, nesse período despontam alterações na perspectiva historiográfica da área, como as percebidas por Melo e Fortes (2010), as quais também são mencionadas por Carmen Lúcia Soares, que em sua entrevista refere:

---

<sup>26</sup> Em nossa pesquisa também se destaca a concentração de pesquisadores vinculados com formação em ciências humanas e educação trabalhando em universidades de São Paulo, além de ter sido o estado com o primeiro programa de pós-graduação em Educação Física, em 1977, na USP.

[...] mas assim, eu falo para você, mas eu não tenho nenhum dado científico, Christiane, é mais uma percepção e, claro, eu leio, eu leio artigos que saem de teses. Eu diria que os anos 1990, efetivamente, eles consolidaram esse *lugar* do campo da pesquisa em história do esporte e da Educação Física. E aí várias teses foram surgindo com vários temas do campo mais amplo da história do esporte e da Educação Física. (SOARES, 2016, p. 9, grifo nosso).

No intuito de adensar essa análise, analisamos todas as edições da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), publicadas entre 1978 e 2018<sup>27</sup>, visto que frequentemente é citada nas entrevistas que realizamos. Como critério de seleção, analisamos os textos completos<sup>28</sup> que traziam no seu título ou nos seus objetivos alguma referência aos termos “história”, “histórico/a”, “historiografia”, “memória”, “tempo”, “trajetória”. Esse levantamento foi feito por meio da leitura dos sumários<sup>29</sup> das publicações, cujo procedimento foi, ao identificar no seu título algum indício que remetesse a uma reflexão sobre o passado, nos dedicamos a ler o resumo e/ou o texto na íntegra.

Finda a pesquisa, não identificamos trabalhos com foco historiográfico na década de 1980. No entanto, destacamos que abordavam questões afetas a história da Educação Física, ambos escritos por Carmen Lúcia Soares: o primeiro intitulado *A Educação Física no ensino de 1º. Grau: do acessório ao essencial*, foi publicado em 1986 (v. 7, n. 3) e em sua introdução afirma a necessidade de olhar para a Educação Física de um “ponto de vista histórico”. O segundo trabalho, intitulado *Fundamentos da Educação Física*, tem o subitem *A Educação Física e as determinações históricas: tendências identificadas* foi publicado em 1988 (v. 10, n. 1) e, do mesmo modo que o anterior, pressupunha a presença de discussões relacionadas à perspectiva histórica.

Na década de 1990, encontramos sete textos que se encaixaram na delimitação da pesquisa. A partir deles, é possível afirmar que não tinham como centralidade a fonte e discussão metodológica da pesquisa histórica, mas apontam para a importância e a viabilidade do trabalho com a História da Educação Física e do esporte.

---

<sup>27</sup> Ano final do recorte temporal da pesquisa realizada.

<sup>28</sup> A RBCE já possuiu a publicação de resumos de dissertações e teses, entrevistas, resenhas, resumos e textos enviados ao Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Esses textos foram desconsiderados nesse levantamento.

<sup>29</sup> A pesquisa por termos na página da revista ainda é restrita a textos a partir dos anos 2000.

Na década de 2000 o cenário já é outro: foram identificados 50 artigos, o que aponta para um expressivo crescimento nos estudos contemplando abordagens históricas. Vale destacar que duas edições da RBCE foram temáticas, ou seja, publicaram apenas textos que se encaixavam no escopo de estudos sobre a *História da Educação Física e Esporte* (2003 e 2004, v. 25, n. 1-2). Totalizando 24 publicações, essas duas edições indicam o incremento de pesquisas historiográficas, resultado da maior circulação de pesquisadores. Dois textos merecem ser destacados, visto que fazem referência aos CMs: CEME/UFRGS: *Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul* (MAZO, 2001) e *Informação e documentação em esporte, Educação Física e lazer: o papel pedagógico do Centro de Memória do Esporte* (GOELLNER, 2003). Entre os anos de 2010 e 2018, encontramos 56 textos, indicando que o número de publicações continua crescendo e contemplando diferentes problemas, abordagens e análises.

Feito esse exercício, percebemos que a década de 1990 representou a afirmação do lugar da pesquisa histórica na RBCE, ainda que o número de textos tenha se ampliado apenas na década seguinte, consolidando-se como uma área de pesquisa no campo acadêmico-profissional da Educação Física. Em nossa análise tornou-se perceptível, nas páginas da revista, o movimento de renovação historiográfica, seja pelo uso de diferentes fontes, pela discussão metodológica e/ou pelo uso de referenciais distintos.

Cabe mencionar que os números acima apresentados se referem às publicações em um periódico e não significam, necessariamente, que a pesquisa histórica e sua discussão não estavam presentes. Segundo a narrativa das pessoas que entrevistamos, na década de 1990 estavam presentes debates e estudos sobre a historiografia da Educação Física, os quais se faziam a partir de novos referenciais e metodologias, como a História Oral e a Micro-História, não sendo apenas iniciativas individuais.

A ampliação da formação de pessoas interessadas na pesquisa histórica demandou várias outras ações. Uma delas merece destaque, dado o forte vínculo com a criação e estruturação dos CMs: a criação, em 1999, do Grupo de Trabalho Temático Memória, Cultura e Corpo junto ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte<sup>30</sup>. Considerada pela maioria dos/as en-

---

<sup>30</sup> Os Grupos de Trabalhos Temáticos foram criados no ano de 1997. As pesquisas sobre história foram inicialmente agrupadas no GTT Memória, Cultura e Corpo implementado no XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte realizado em Florianópolis em 1999. Em função do aumento da produção de pesquisas com esse recorte e da articulação de alguns pesquisadores e pesquisadoras em 2004 é aprovada a criação do GTT Memórias da Educação Física e do Esporte. Sobre esse tema ler Moreno, Rosa e Segantini (2007).

trevistados/as como a entidade científica representativa, o investimento num grupo temático representava o adensamento analítico, a troca entre os pares e a possibilidade de ações conjuntas entre instituições e grupos de pesquisa. Em 2005, vários/as dos/as docentes vinculados/as aos CMs demandaram um movimento, buscando a criação de um Grupo de Trabalho disciplinar, no caso, que agrupasse os “Estudos das diferentes manifestações dos campos da Educação Física e do Esporte voltados para a preservação da memória e que tenham por base suportes teórico-metodológicos de diferentes campos disciplinares e suas relações com a história como processo”<sup>31</sup>. Silvana Goellner (CEME/UFRGS), Victor Melo (CMIPM/UFRJ), Marilita Rodrigues (CEMEF), Carmen Lúcia Soares e Amarílio Ferreira Neto foram alguns dos protagonistas dessa cisão que resultou na criação do GTT Memória da Educação Física e Esporte. Segundo Moreno, Rosa e Segantini (2007), esse processo que “se dá ‘de dentro para fora’, com o reconhecimento de um grupo de pesquisadores, com a qualificação dos trabalhos desenvolvidos e uma permanência/ampliação desses fatores” (p. 268).

Não foi apenas no momento de ruptura com a temática “Corpo e Cultura” que a presença de docentes vinculados aos CMs se fez sentir. Ao longo da existência do GTT ligado à memória e história, vários/as deles/as participaram da coordenação e da composição de seu comitê científico, conforme podemos identificar no Quadro 3 abaixo, produzido a partir de um levantamento feito por Meily Linhaes (2011) (CEMEF/MG), envolvendo o período de 1999 a 2011 e acrescentado por nós até 2019.

Quadro 3 – Coordenações e comitês científicos do GTT Memória da Educação Física e Esporte do CBCE (1999-2017)

Gestão	Coordenador/a	Comitê Científico
1999-2000	<b>Victor Andrade de Melo</b>	<b>Silvana Goellner, Andrea Moreno,</b> Carmen Lúcia Soares, Eustáquia Salvadora de Souza
2000-2001	<b>Ricardo Lucena</b>	---
2001-2003	<b>Ricardo Lucena</b>	<b>Andrea Moreno,</b> Carmen Lúcia Soares, Eustáquia Salvadora de Souza, Marilita Aparecida Arantes Rodrigues, <b>Silvana Vilodre Goellner, Victor Andrade de Melo,</b> Eliane Pardo Chagas, Carlos José Martins, Luís Otávio Teles Assunção

<sup>31</sup> Ementa do GTT Memória da Educação Física e Esporte do CBCE. Disponível em: <www.cbce.org.br>. Acesso em: 24 nov. 2018.

2003-2005	Kleber do Sacramento Adão	Carmen Lúcia Soares, <b>Andrea Moreno, Silvana Vilodre Goellner, Ricardo Lucena</b>
2005-2007	<b>Andrea Moreno</b>	<b>Marcus Taborda, Carlos Fernando Cunha Júnior, Ricardo Lucena, Maria Cristina Rosa</b>
2007-2009	<b>Maria Cristina Rosa</b>	<b>Andrea Moreno, Edivaldo Góis, Kátia Danailof, Marcus Aurélio Taborda</b>
2009-2011	<b>MeilyAssbú Linhales</b> Coord. Adjunta: <b>Maria Cristina Rosa</b>	<b>Ana Carolina Vimieiro Gomes (CEMEF/UFMG), Andrea Moreno, André Luiz Santos Silva (CEME/UFRGS), Priscilla Kelly Figueiredo</b>
2011-2013	Edivaldo Góis Junior Coord. Adjunta: <b>Ana Carolina Vimieiro Gomes</b>	<b>André Luiz Santos Silva, Elisângela Chaves (CEMEF/UFMG), Gustavo da Silva Freitas, Sérgio Roberto Chaves Junior (CEMEF/UFMG), Vinícius Demarchi Silva Terra</b>
2013-2015	<b>Elisângela Chaves</b> Coord. Adjunto: <b>André Luiz Santos Silva</b>	<b>Sérgio Roberto Chaves Junior, Gustavo da Silva Freitas, Priscilla Kelly Figueiredo, Vinícius Demarchi Silva Terra, Joelcio Fernandes Pinto.</b>
2015-2017	Evelise Amgarten Quitzau Coord. Adjunta: <b>Elisângela Chaves</b>	Bruno Duarte Rei, <b>Christiane Garcia Macedo (CEME/UFRGS)</b> , Gustavo da Silva Freitas, Joelcio Fernandes Pinto, Mateus Camargo Pereira <sup>32</sup> , <b>Anderson da Cunha Baía.</b>
2017-2019	<b>Anderson da Cunha Baía (CEMEF/UFMG)</b> Coord. Adjunta: Evelise Amgarten Quitzau	Paola Dogliotti Moro, Felipe Lameu dos Santos, Marcelo Moraes e Silva, <b>Sérgio Roberto Chaves Junior, Elisângela Chaves, Bruno Duarte Rei, Christiane Garcia Macedo</b> , Gustavo da Silva Freitas, Joelcio Fernandes Pinto, Mateus Camargo Pereira.

Fonte: Adaptação dos autores (2019), a partir do documento de Meily Linhales (2011).

Os nomes assinalados em negrito referem-se aos integrantes de algum Centro de Memória, no caso, o CEME/UFRGS, o CEMEF/UFMG, o CMIPM/UFRJ, o CEMEFEN/UFPB, o CEMEFEL/UFS e o CEMEF/UFJE. Cabe destacar ainda que após analisarmos o Currículo Lattes dos/as 21 entrevistados/as, percebemos que todos/as já tiveram participação no

<sup>32</sup> O professor Mateus é fundador do Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer do IFULMINAS em Muzambinho/MG.

Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) pelo menos uma vez, o que implica afirmar o reconhecimento desse espaço como um local de encontro, de discussões e de partilha de experiências, o que parece ter contribuído para a formação e consolidação dos CMs.

Outros espaços de encontros e intercâmbios na década de 1990 e 2000 foram: as publicações de livros focalizando a produção historiográfica da Educação Física e os eventos específicos. Destacamos a coleção Pesquisa Histórica em Educação Física, organizada por Amarílio Ferreira Neto, cujas sete edições foram publicadas entre 1996 e 2001. Em relação a esses encontros e trocas acadêmicas, também é importante destacar o Congresso Brasileiro de História do Esporte e Educação Física<sup>33</sup> e o Seminário do CEMEF<sup>34</sup>.

Ao analisarmos os textos e obras encontradas do período, entendemos como novidades, na historiografia da Educação Física, a partir da década de 1990, com base em Taborda de Oliveira *et al.* (2003): a preocupação com as diversas dimensões sociais e culturais da história, e não apenas as políticas e econômicas; o uso de uma diversidade maior de fontes e de novos referenciais teóricos; a crítica a essas fontes; o olhar para novas questões da Educação Física; o entendimento de que o/a pesquisador/a e as fontes elegidas não são neutros/as. Características semelhantes a essas foram identificadas por Saviani *et al.* (2012) quando analisaram o que denominam de renovação no campo da História da Educação, ocorrida especialmente a partir das décadas 1980 e 1990. Essa aproximação entre as duas áreas figurou na narrativa de Eustáquia de Souza (2017), que em sua entrevista refere:

Então a nossa literatura era de História de Educação, sabe, porque já existiam os pensadores que já pensavam história em novas perspectivas, porque deixou de ser aquela história que contava só a partir dos poderosos, né, e a história do cotidiano, que passou a influenciar muito as pesquisas, você vai ver que a gente parte mais pra entrevista, pra documentos produzidos no dia a dia, nos relatórios de escola, relatórios de inspetor, livros didáticos, mas também em cadernos produzidos na Educação Física (SOUZA, 2017, p. 13).

Em que pese o fato de haver efetivamente acontecido uma renovação, importa registrar que foi nesse movimento que os CMs foram instituídos. Taborda de Oliveira (2007) aponta que ainda não era possível visualizar “uma verdadeira renovação historiográfica na educação física brasileira,

---

<sup>33</sup> Evento que ocorreu pela primeira vez em 1993 em Campinas (SP) e já teve 15 edições até 2018. Ver Vlastuin e Pilatti (2004).

<sup>34</sup> Evento produzido pelo CEMEF/UFMG desde 2003.



embora eu esteja pronto para admitir que assistimos um movimento nessa direção” (TABORDA DE OLIVEIRA, 2007, p. 136). Um dos desdobramentos desse movimento foi a criação de lugares de memória, visto que a ampliação da noção de fonte “demandou outros olhares sobre os modos de produzi-las, inventariá-las, guardá-las e dar-lhes visibilidade e acessibilidade” (GOELLNER, 2013, p. 189).

Em texto publicado em 1995, Lucena e Paiva, discorrem sobre a necessidade de se criar um Arquivo Histórico no Centro de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo:

Nunca como hoje foi dada tanta importância por um número tão amplo de pesquisas à história da educação física e do esporte no Brasil. Nunca como hoje os documentos e a análise adequada dos documentos têm sido alvo de tanta atenção nos cursos de Educação Física. Nunca como hoje o resgate da história oral, o retorno às fontes primárias, a análise criteriosa da legislação referente à educação física e dos currículos dos cursos de graduação desse país mereceram tanta atenção (LUCENA; PAIVA, 1995, p. 406).

Ou seja, no processo de formação dos/as pesquisadores/as já era latente a preocupação com a necessidade de criar lugares de memória, o que parece ter sido influenciado pelos referenciais teóricos que estavam sendo apropriados em pesquisas produzidas na área da história da educação física.

### Considerações finais

A criação dos dez CMs da Educação Física vinculados às Universidades Federais aconteceu num período menor que 20 anos. Alguns dos aspectos analisados fornecem indícios de que houve um movimento no sentido de congregar diversas estratégias e ações voltadas para a produção e guarda de acervos de pessoas, grupos e instituições. Apesar de não ter sido algo previamente articulado e sistematizado, o surgimento de cada um deles resulta de um caminhar coletivo que, desde o final da década de 1990, traçou novos rumos para a historiografia da Educação Física brasileira. Caracterizado por novos referenciais e debates, com influência da História da Educação, a adesão após-graduação – com destaque para São Paulo – e o incremento de eventos e publicações, que promoveu diálogos que fomentaram desejos de preservar, guardar e dar visibilidade à acervos de pessoas, grupos e instituições. O CBCE compôs esse cenário, traduzindo-se em um local de debate e de afirmação da pesquisa histórica dentro da Educação Física; lugar de encontros e de divulgação científica, especialmente a partir da criação do Grupo de Trabalho Temático Memórias da Educação Física e do Esporte.

Destacamos ainda a vontade comum de construir um trabalho qualificado no qual a memória possa ser preservada de modo a facilitar a reconstrução de histórias. Cumprida essa etapa, as pessoas que se dedicam aos CMs enfrentam grandes desafios, sendo o principal deles a sua institucionalização. Cabe registrar que todos os Centros resultam de iniciativas individuais ou de grupos de docentes cuja existência está fortemente atrelada a sua presença nas universidades.

Uma vez iniciado o movimento de constituição dos CMs, outro parece adquirir maior relevância: o da incorporação oficial no regimento das instituições onde estão sediados. Tal ação demanda urgência, pois esses lugares de memória prescindem de políticas institucionais que garantam sua manutenção e longevidade. Do contrário, correm o risco de sucumbir e serem remetidos ao esquecimento.

## Referências

- ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: PINSKY, C. B. (org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155-202.
- BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos Cedes*, v. 19, n. 48, p. 69-88, 1999.
- BURKE, P. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- DAOLIO, J. *Educação física brasileira: autores e atores da década de 80*. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- FERREIRA NETO, A. *Depoimento de Amarílio Ferreira Neto: projeto Garimpendo Memórias*. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2016.
- GOELLNER, S. V. Informação e documentação em esporte, educação física e lazer: o papel pedagógico do centro de memória do esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 25, n. 1, p. 155-166, set. 2003.
- GOELLNER, S. V. O CEMEF/UFGM: partilhando experiências, produzindo saberes, inspirando sonhos. In: LINHALES, M. A.; NASCIMENTO, A. (ed.). *Organizando arquivos, produzindo nexos: a experiência de um Centro de Memória*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013, p. 187-194.
- GRUNENVALDT, A. C. R. *Depoimento de Ana Carrilho Romero Grunennvaldt: Projeto Garimpendo Memórias*. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2016.
- LINHALES, M. A. *Memória do GTT Memórias da Educação Física e Esporte*. Acervo do CEME. Coleção CBCE. Belo Horizonte, 29 ago. 2011.
- LUCENA, R. de F. L.; PAIVA, F. S. Acerca da criação de um Arquivo em Educação Física e Esporte. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 3., 1995, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: 1995. p. 403-406.

- MACEDO, C. G.; BRANDÃO, I. da S. As disputas no CBCE: a eleição de 1989 como consolidação de um novo olhar para a educação física. *In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*, 17, 2011, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: 2011. p.1-8.
- MAZO, J. Z. Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 22, n. 2, p. 155-166, jan. 2001.
- MELO, V. A.; FORTES, R. História do esporte: panoramas e perspectivas. *Fronteiras*, v. 12, n. 22, p. 11-35, jul./dez., 2010.
- MENEZES, J. A. S. *Depoimento de José Américo Santos Menezes: Projeto Garimpendo Memórias*. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2016.
- MORENO, A.; ROSA, M. C.; SEGANTINI, V. C. O GTT Memórias da Educação Física e Esporte do CBCE: uma análise a partir das práticas e da produção. *In: CARVALHO, Y. M.; LINHALES, M. A. (org.). Política científica e produção do conhecimento em educação física*. V. 1. Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007, p. 245-300.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História*, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- PESAVENTO, S. J. *História & história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- SAVIANI, D. *et al.* Sociedade Brasileira de História da Educação: constituição, organização e realizações. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 11, n. 3 [27], p. 13-45, 2012.
- SOARES, C. L. A educação física no ensino de 1º. grau: do acessório ao essencial. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 7, n. 3, p. 89-92, 1986.
- SOARES, C. L. Fundamentos da educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 10, n. 1, p. 19-27, 1988.
- SOARES, C. L. *Depoimento de Carmen Lúcia Soares: projeto Garimpendo Memórias*. Porto Alegre: Centro de Memória do esporte – ESEF/UFRGS, 2016.
- SOUZA, E. S. de. *Depoimento de Eustáquia Salvadora de Souza: projeto Garimpendo Memórias*. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2017.
- TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. Renovação historiográfica na educação física brasileira. *In: SOARES, C. L. (org.). Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação*. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 117-138.
- TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. *et al.* Fontes para o estudo histórico das práticas corporais escolares e a constituição da educação física escolar no estado do Paraná. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 25, n. 1, 2003.
- VLASTUIN, J.; PILATTI, L. A. Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança: análise de produção. *Revista Digital EF Deportes*, v. 10, n. 78, nov. 2004.

# El GTT “Memórias da Educação Física e do Esporte” como espacio para el establecimiento de diálogos internacionales y recepción de investigadores en el CBCE/ Brasil

*Evelise Amgarten Quitzau*

*Paola Dogliotti Moro*

*Pablo Ariel Scharagrodsky*

## Introducción

[...] a dimensão internacional passa a ter inigualável importância na produção do conhecimento, concretizando-se por uma variedade de práticas de aproximação do exterior. [...] São também mais frequentes os espaços para interlocução científica, tais como congressos, seminários, academias, associações, entre outros, assim como as oportunidades de visitas, de caráter científico, além das fronteiras nacionais, e consultorias a instituições, organizações sediadas em outros países, etc. (LOMBAS, 2013, p. 44).

Actualmente, la noción de internacionalización se ha convertido en un aspecto clave en el ámbito académico, especialmente respecto a la producción y circulación del conocimiento. En los últimos años, la demanda por inserción internacional de investigadores, docentes y estudiantes ha crecido en la universidad y en otras instituciones académicas, sea en Brasil o en otros países de América Latina. Si por un lado esta noción está directamente vinculada a la publicación de artículos en periódicos de otros países o al intercambio entre instituciones (MARRARA, 2007), también se vincula especialmente a la creación de redes de colaboración (LOMBAS,

2013). En nuestra área, las sociedades científicas y los congresos por ellas organizadas pueden constituir importantes espacios para el establecimiento de estas redes de comunicación.

Desde su creación, en 1979, el Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) y posteriormente el Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), organizado por esta entidad, se ha convertido en uno de estos importantes espacios de intercambios entre docentes, estudiantes e investigadores de distintas instituciones. Inicialmente caracterizado como un evento nacional, desde su 13<sup>a</sup> edición, realizada en la ciudad de Caxambu, Minas Gerais, en 2003, el congreso brasileño se convirtió también en congreso internacional, con la primera edición del Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE). En este sentido, el CBCE como principal órgano científico de los estudios de la Educación Física y del Deporte en Brasil parece compartir la preocupación más amplia en relación a la internacionalización de la producción de conocimiento, y expresa actualmente que el establecimiento y la consolidación de una política de cooperación internacional sea uno de sus objetivos institucionales<sup>1</sup>.

El CBCE, por lo tanto, como institución científica demuestra una preocupación con el establecimiento de cooperaciones internacionales, algo que se ha expresado en los últimos años especialmente a través de la invitación de docentes extranjeros, principalmente latinoamericanos, para participar de los paneles centrales del congreso. Por otro lado, si pensamos que la actividad más intensa del congreso ocurre en el ámbito de los grupos de trabajo temático (GTT), que son las unidades organizativas que componen el CBCE, pensar en internacionalización significa pensar también en la participación de docentes, estudiantes e investigadores extranjeros presentando los resultados de sus estudios en las sesiones, comunicaciones y pósteres organizadas por los grupos temáticos.

En acción desde el año de 2005, el GTT “Memórias da Educação Física e do Esporte” ha presentado una preocupación por la representatividad a nivel nacional de las investigaciones acerca de la historia de la educación física y del deporte, buscando alcanzar los grupos distribuidos en las distintas regiones del país<sup>2</sup>. En los últimos años, esta preocupación se ha ampliado, y el GTT pasó a preocuparse, también, por constituirse como un espacio de intercambio con investigadores de otros países. En

---

<sup>1</sup> Conforme se puede observar en su sitio institucional: <http://www.cbce.org.br/eventos.php>.

<sup>2</sup> El tema de la representatividad regional y del intercambio con investigadoras e investigadores extranjeros se hace presente en las discusiones colectivas al interior del GTT en las distintas ediciones del CONBRACE y se puede observar como una de las acciones propuestas en los planes de trabajo de las gestiones 2011-2013, 2013-2015, 2015-2017 y 2017-2019.

este sentido, este capítulo tiene como objetivo pensar el GTT “Memórias da Educação Física e do Esporte” como un espacio de diálogos internacionales y acogida de investigadores extranjeros. En este sentido, buscamos rastrear la participación de investigadores extranjeros en las actividades del GTT en las ediciones del CONBRACE/CONICE en el período entre 2005 (primera edición después de la creación del GTT) y 2017, última edición del congreso. Para eso, tomamos como material empírico los anales de estas ediciones del congreso<sup>3</sup>, buscando comprender quiénes son los grupos y personas que han participado, su inserción institucional, sus enfoques utilizados para abordar los problemas históricos, la forma de construir las periodizaciones, las fuentes utilizadas y sus diferentes escalas de análisis. Buscamos también rastrear la participación de extranjeros en un ámbito más interno del GTT, buscando identificarlos en la composición de sus comités científico y ampliado. Al final, cerramos con una reflexión sobre posibles formas de incentivar y facilitar la participación de investigadores extranjeros en el GTT.

### Extranjeros en el GTT: algunos indicadores

Como hemos mencionado anteriormente, se puede pensar el GTT como un espacio de diálogo e intercambio con investigadores extranjeros en dos niveles: 1) en el período del CONBRACE/CONICE, como espacio en que investigadores extranjeros presentan sus investigaciones; 2) en un vínculo más interno, a través de la participación de estos investigadores en el comité científico y/o en el comité ampliado del GTT. Obviamente, una no es excluyente de la otra. En general, se pasa a ser parte del comité científico del GTT después de comenzar a frecuentar este espacio en el congreso. Lo que es interesante observar en el caso del GTT “Memórias da Educação Física e do Esporte” es que desde su primera aparición, en la edición 2005 del CONBRACE/CONICE, ya podemos encontrar investigaciones extranjeras entre los trabajos presentados y, por lo menos desde la gestión 2007-2009<sup>4</sup> se encuentran nombres de investigadores extranjeros en los comités ampliados del GTT. Sin embargo, esta correspondencia no se mantiene a lo largo de los años: si por un lado se puede percibir la constante

---

<sup>3</sup> Hay que reconocer que este tipo de material nos impone una limitación, pues por lo menos desde 2017 los autores y autoras pueden elegir si quieren que sus trabajos sean publicados en los anales del congreso.

<sup>4</sup> No han sido encontrados planes de acción y/o informes de gestión con datos del bienio anterior.

participación de una ponencia extranjera en cada edición del congreso, por otro, no siempre encontramos extranjeros en el comité ampliado, como demuestran los cuadros que siguen.

El cuadro 1 indica la participación de extranjeros en el interior del GTT a partir de los datos compilados en los informes de gestión y planes de acción relevados. Como no han sido encontrados los planes e informes referentes a los dos primeros bienios de existencia del GTT, no es posible averiguar la participación de extranjeros en el nivel más interno de actividades en este período. Por otro lado, es necesario decir que una de las docentes que aparece en el cuadro, Evelise Amgarten Quitzau, no representa una investigadora extranjera en el sentido más estricto del término, una vez que se trata de una brasileña radicada en el exterior y, por lo tanto, vinculada desde el año de 2017 a una institución extranjera.

**Cuadro 1** – Extranjeros vinculados al comité científico y/o ampliado del GTT

<b>Gestión</b>	<b>Cantidad de Extranjeros</b>	<b>Nombres</b>	<b>Institución/ País</b>	<b>Vínculo</b>
2007-2009	1	Pablo Ariel Scharagrodsky	UNLP/UNQ Argentina	Comité ampliado
2009-2011	2	Raumar Rodríguez Giménez Pablo Ariel Scharagrodsky	Udelar/ Uruguay UNLP/UNQ Argentina	Comité ampliado
2011-2013	0	–	–	–
2013-2015	1	Raumar Rodríguez Giménez	Udelar/ Uruguay	Comité ampliado
2015-2017	2	Raumar Rodríguez Giménez Gianfranco Ruggiano	Udelar/ Uruguay	Comité ampliado
2017-2019	1	Paola Dogliotti Moro Evelise Amgarten Quitzau	Udelar/ Uruguay	Comité científico

**Cuadro 2** – Trabajos de extranjeros publicados en los anales del CONBRACE/ CONICE

<b>Edición del congreso</b>	<b>Autores</b>	<b>Institución/ País</b>	<b>Cantidad de trabajos del GTT<sup>5</sup></b>
2005	Raumar Rodríguez Giménez	Udelar/ Uruguay	31
2007	Pablo Ariel Scharagrodsky	UNLP/ UNQ Argentina	26
2009	Pablo Ariel Scharagrodsky	UNLP/ UNQ Argentina	30
2011	Pablo Ariel Scharagrodsky	UNLP/ UNQ Argentina	37
2013	–	–	38
2015	Gianfranco Ruggiano	Udelar/ Uruguay	59
2017	Eduardo Lautaro Galak Pablo Kopelovich <sup>6</sup>	UNLP/ Argentina UNLP/ Argentina	42

Si analizamos quienes son los que han participado del GTT en el período indagado (2005-2017) podemos apreciar que son justamente personas con vínculos directos con investigadores y grupos de investigación brasileños. Eso permitiría afirmar que, en este momento, el GTT no es tanto un espacio de construcción de diálogo con investigadores extranjeros, sino un espacio frecuentado por extranjeros con vínculos con académicos brasileños. Esto último ya fue señalado anteriormente por Moreno (2016: 54) cuando afirmaba que “temos a presença de pesquisadores estrangeiros entre nós, tanto de forma esporádica, como também de forma mais sistemática, a partir de intercâmbios de grupos de pesquisa”. Es a partir de vínculos entre grupos de investigación consolidados que comienza la participación de extranjeros en el GTT. Esto va de la mano, y puede ser entendido como

<sup>5</sup> Publicados en los respectivos anales.

<sup>6</sup> El trabajo está publicado en los anales, pero el autor no participó del congreso.



parte de un proceso de maduración del GTT en términos de mayor consolidación del área historiográfica. En este sentido, compartimos la apreciación de Moreno (2016) cuando señala que

pouco a pouco, no nosso GTT, foi se abandonando a ideia de que se escreve trabalho para o congresso, mas, ao contrário, o congresso é uma forma de dar visibilidade ao que se produz no interior de grupos. Ressalta-se, igualmente, a presença de pesquisadores estrangeiros no GTT, inclusive como parte de seu comitê científico – o que revela uma interlocução perene com esses pesquisadores (MORENO, 2016, p. 58).

Si bien la presencia de investigadoras e investigadores extranjeros es producto de una mayor consolidación de la investigación en el área historiográfica mediante el intercambio de grupos consolidados, los cuadros anteriormente mostrados dan cuenta de que esa presencia es escasa. Una de las razones que pudieron contribuir a esta escasez es “a ausência discreta, mas paulatina, de trabalhos de líderes de grupos de pesquisa, ou mesmo, a presença desses pesquisadores nos nossos congressos. A pergunta que fica é, porque, o CONBRACE tem seduzido pouco esses pesquisadores?” (MORENO, 2016, p. 59)<sup>7</sup>.

Por otra parte, del análisis de los cuadros se puede inferir que los únicos dos países con los que se mantiene intercambio internacional dentro del GTT son Argentina y Uruguay. Esto podría estar vinculado a la cercanía geográfica de Brasil con estos dos países, la consolidación de un campo de producción reconocido en cada uno de estos países y del mayor flujo de redes consolidadas de investigación con dichos países.

Por último, es posible inferir a partir de los datos expresados en los cuadros que la producción presentada por extranjeros está institucionalmente circunscripta a sólo tres instituciones de formación universitaria: Udelar para el caso uruguayo y la UNLP y la UNQ para el caso argentino. Esto último, nos permite inferir la ausencia no sólo física, sino también simbólica y en términos de poder, especialmente para el caso argentino, de una enorme cantidad de instituciones vinculadas con la Educación Física y el Deporte que producen importantes pesquisas en la historia del campo. A este sesgo institucional, le debemos agregar un claro sesgo de género ya que como muestra el Cuadro 2, del total de trabajos de extranjeros publicados en los anales del CONBRACE/CONICE la presencia de mujeres -u otras

---

<sup>7</sup> Sumado a este factor la autora constata en los últimos años el “desinteresse da perspectiva histórica nas mesas do CONBRACE. Se nos idos anos 80, a perspectiva histórica, o olhar histórico, esteve bastante presente nas mesas e conferências dos Congressos, esse “interesse” veio paulatinamente diminuindo” (MORENO, 2016, p. 57).

identidades- es nula. Una situación similar puede observarse con relación al total de extranjeros vinculados al comité científico y/o ampliado del GTT “Memórias da Educação Física e do Esporte” (Cuadro 1) ya que el mismo recién muestra participación femenina en la última gestión (2017-2019).

Con respecto al perfil formativo e institucional, cabe mencionar que los extranjeros que han participado del GTT “Memórias da Educação Física e do Esporte” tienen una sólida vinculación institucional en sus respectivos países (estabilidad en la docencia e investigación), recursos económicos para asistir a eventos académicos, han obtenido becas nacionales e internacionales y acreditan posgrados (maestrías, doctorados, etc.). No todos los colegas extranjeros gozan de estas posibilidades.

### **Sobre temas, problemas y abordajes historiográficos: la producción extranjera en el ámbito del GTT**

Del total de lo producido por extranjeros en el GTT “Memórias da Educação Física e do Esporte” podemos inferir algunas cuestiones epistemológicas y de orden conceptual, así como los temas y tópicos seleccionados, los tipos de tratamientos abordados, el tipo de periodización construido, las fuentes indagadas y el referencial teórico utilizado.

En primer lugar, los trabajos expuestos por argentinos y uruguayos en el GTT presentan una diversidad de temas y problemas de investigación: desde la militarización de los cuerpos, pasando por las complejas relaciones entre la educación del cuerpo y la urbanidad, la constitución de espacios recreativos, la emergencia de la disciplina educación física y sus efectos en términos sexuados y generizados, los procesos de medicalización y sus vinculaciones con la educación física y los deportes, y el análisis estético y político de films vinculados con la educación del cuerpo. Esta diversidad temática encuentra en los cuerpos y su compleja relación con las prácticas, los saberes, los discursos, las instituciones y los imaginarios, la base analítica sobre la cual pesquisar. El tono temporal predominante de los trabajos se ubica entre finales del siglo XIX y principios del XX, período en el que los países mencionados están atravesados -aunque no en forma simultánea- por complejos procesos vinculados con la constitución de los estados nacionales modernos, la emergencia de los estados educadores, la creación de instituciones estatales -y privadas- vinculadas con la administración de la cultura física, la recreación, los deportes y la educación física para la infancia, la juventud y el mundo de los adultos, la consolidación de la corporación médica como un actor experto y legítimo en el arte de curar y ejercitarse, la difusión de revistas o periódicos de divulgación o educativos dedicados

al universo deportivo, la modernización de las fuerzas armadas, la irrupción local e internacional de nuevas tecnologías deportivas relacionadas con la vestimenta, el calzado y el material deportivo y la delimitación y construcción de nuevos espacios ‘deportivos’, entre otros procesos.

En segundo lugar, estos procesos han sido abordados desde múltiples escalas -micro y macro- a partir de enfoques y perspectivas epistemológicas que se han nutrido de un heterogéneo y, en muchos casos, contradictorio y ambivalente conjunto de posiciones teóricas y discursivas que van de la historia social y cultural pasando por la teoría social del cuerpo, los estudios sociológicos del cuerpo, los estudios sociales del deporte, los estudios de género, la teoría queer, los estudios visuales, entre otras opciones analíticas.

En tercer lugar, en cuanto al referencial teórico, en los trabajos de los colegas extranjeros, entre los autores europeos más citados – vinculados al campo de la historia de la Educación Física, los Deportes y otras prácticas corporales- se encuentra el nombre de Georges Vigarello. Entre el variado y disperso uso de referentes teóricos (de Le Breton pasando por Sennett, Turner, Laqueur, Pateman, Bourdieu, Rancière, Benjamin o Deleuze) identificamos cierta recurrencia en algunos científicos sociales entre los que sobresale Michel Foucault y algunas de sus grillas interpretativas más utilizadas entre las que se destacan aquellas relacionadas con los procesos bio-políticos y las tecnologías disciplinarias. A ello hay que sumarle el uso de bibliografía histórica, especialmente educativa, específica de cada país. Entre los autores brasileños citados por los colegas extranjeros se destacan Carmen Soares y Víctor Melo. Por último, aunque en otros espacios académicos si existen, en el GTT “Memórias da Educação Física e do Esporte” no hubo presentaciones que retomen indagaciones transnacionales que pesquisen al mismo tiempo a varios países latinoamericanos. Lo que sí aparece en la mayoría de los trabajos expuestos por colegas extranjeros son auto-citas de sus propias publicaciones. Esto último daría cuenta, entre otras cuestiones, del tipo, nivel, alcance e impacto de las producciones del campo en los diferentes países y sus posibles tensiones y disputas.

Por último, con respecto a las fuentes, su diversidad y amplitud encuentra un tono común vinculado con el campo pedagógico y médico-educativo a partir de circulares escolares, disposiciones legales, tesis de médicos e inspectores escolares, textos y manuales de docentes e idóneos de la Educación Física, planes y programas escolares, revistas educativas especializadas y/o de divulgación, fotografías escolares, registros cinematográficos, informes de instituciones estatales de educación, entre otros.

En síntesis, los colegas extranjeros que participaron del GTT “Memórias da Educação Física e do Esporte” han desarrollado una variedad de temas, problemas, fuentes y abordajes historiográficos que aunque valiosos merecen, en futuros encuentros, ser amplificados, profundizados, cuestionados y revisados. En última instancia, re-pensar la historia de la Educación Física y de los Deportes implica también hacer historia de aquello que ha sido producido, pensado, sentido, vivido y omitido. Ese parece ser uno de los desafíos en los próximos encuentros del GTT “Memórias da Educação Física e do Esporte”.

### Consideraciones finales

A partir de una primera aproximación al tema propuesto, y sin tener el registro de todas las ponencias que reunió el GTT desde su conformación, nos atrevemos a decir que en términos generales, el CONBRACE en su conjunto, y en nuestro caso, el GTT, presenta una cierta endogamia en su configuración y desarrollo. Ya el título del Congreso da cuenta que la prioridad está puesta en la producción académica brasilera. Sin embargo, no han sido magros los esfuerzos en propiciar y movilizar la circulación internacional de ideas, propuestas e investigaciones, principalmente a nivel de los docentes, no así de estudiantes y egresados.

Es de destacar que una de las razones que ha contribuido a la escasa participación de extranjeros es la ausencia en los últimos años, de los principales referentes y que en su momento fueron los impulsores de la producción historiográfica brasileña en el GTT, y más aún, de su configuración. Si se analizaran estos motivos y se lograra revertir esta situación, ello redundaría en una mayor y mejor inserción internacional del GTT.

A continuación, desarrollamos un breve esbozo de propuestas que podría contribuir a revertir esta situación y fomentar la circulación internacional del GTT y en general del CONBRACE:

- establecer una posible agenda de investigación y producción internacional
- incluir la conformación de mesas redondas o temáticas dentro del GTT que deban tener la participación de por lo menos tres países diferentes (con coordinador de mesa, moderador y ponentes)

- dar mayores facilidades a los extranjeros para su participación mediante el pago de la anualidad a través de formas electrónicas que faciliten su inscripción<sup>8</sup>
- destinar algunos fondos al desarrollo de redes y proyectos internacionales con adscripción a los GTT
- realizar un relevamiento o cuestionario a los principales referentes del campo historiográfico nacional e internacional para involucrarlos en la dinamización del GTT que permita recibir propuestas para su mejoramiento

## Bibliografía

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. *Anais* [...]. [recurso eletrônico] / 14º Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 1º Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 4 a 9 de setembro em Porto Alegre. CBCE, 2005.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. *Anais* [...]. [recurso eletrônico] / 15º Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2º Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 16 a 21 de setembro em Pernambuco. CBCE, 2007.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. *Anais* [...]. [recurso eletrônico] / 16º Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 3º Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 20 a 25 de setembro em Salvador. CBCE, 2009.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. *Anais* [...]. [recurso eletrônico] / 17º Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 4º Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 11 a 16 de setembro em Porto Alegre. CBCE, 2011.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. *Anais* [...]. [recurso eletrônico] / 18º Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 5º Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2 a 7 de agosto em Brasília. CBCE, 2013.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. *Anais* [...]. [recurso eletrônico] / 19º Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 6º Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 08 a 13 de setembro em Vitória. CBCE, 2015.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. *Anais* [...]. [recurso eletrônico] / 20º Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 7º Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 17 a 21 de setembro em Goiânia, Go. CBCE, 2017.

GTT Memórias da Educação Física e do Esporte. *Documento de avaliações. Plano de ações (2009-2011)*. CBCE, 2010.

---

<sup>8</sup> Por ahora el único medio electrónico habilitado es mediante cuenta en el Banco de Brasil.

GTT Memórias da Educação Física e do Esporte. *Plano de ação e metas (2011-2013)*. CBCE, 2011.

GTT Memórias da Educação Física e do Esporte. *Plano de ação e metas (2013-2015)*. CBCE, 2013.

GTT Memórias da Educação Física e do Esporte. *Relatório de Gestão 2013-2015*. CBCE, 2015.

GTT Memórias da Educação Física e do Esporte. *Plano de trabalho 2017-2019*. CBCE, 2017.

GTT Memórias da Educação Física e do Esporte. *Relatório de Gestão 2015-2017*. CBCE, 2017.

LOMBAS, M. L. *A mobilidade internacional de pós-graduandos e pesquisadores e a internacionalização da produção de conhecimentos: efeitos de uma política pública no Brasil*. Brasília, 2013.

MARRARA, T. Internacionalização da pós-graduação: objetivos, formas e avaliação. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, v. 4, n. 8, 2007, p. 245-262.

MORENO, A. Memória, corpo e cultura: territorialidade e diversidade dos campos de pesquisa e as interfaces com o CBCE nos últimos 10 anos. In: SILVA, P.C. da C. et al. (org.) *Territorialidade e diversidade regional no Brasil e América Latina: suas conexões com a educação física e as ciências do esporte*, v. 2. Florianópolis: Tribo da Ilha. 2016, p. 49-62.



## Educação dos sentidos e das sensibilidades: mais uma moda acadêmica ou possibilidade de renovação no âmbito das pesquisas em história da educação física?

*Marcus Aurelio Taborda de Oliveira*

### História da educação dos sentidos e das sensibilidades: um novo campo de estudos?

Assim Anne-Emmanuelle Demartini inicia o verbete *Sensibilidades*, segundo o *Dictionnaire de l'historien* (GAUVARD; SIRINELLI, 2015):

A Sensibilidade e a História: sujeito novo. Não conheço o livro onde ele seja tratado. Não vejo, inclusive, que os múltiplos problemas que ele engaja se encontrem formulados em algum lugar”. Esta proposição de Lucien Febvre, co-fundador dos *Annales*, em 1941, diz bastante acerca do quanto a sensibilidade esteve longo tempo fora da história. Essa faculdade do sujeito de ser afetado por uma modificação exterior remete a um conjunto heterogêneo de fenômenos, mais ou menos complexos, colocando em jogo, ao mesmo tempo, o corpo e o espírito: percepções, sensações, sentimentos e emoções. Nesse domínio, a negligência dos historiadores se alimentava de evidências relativas ao caráter transcultural das emoções (todos os homens amariam, sofreriam, gozariam da felicidade da mesma maneira em todas as épocas), evidências que estão hoje ultrapassadas. De agora em diante, aliás, os historiadores preferem falar *nas* sensibilidades. O plural exprimindo melhor o caráter variável e coletivo dos fatos sociais, inteiramente culturais, que justifica o estudo histórico (p. 642).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Essa é uma versão adaptada do texto publicado na revista *História da Educação*, v. 22, n. 55, maio/ago.2018. Agradeço as suas editoras a autorização para republicá-lo como capítulo de livro.



O fato daquela noção, assim como a de *sentidos*, aparecerem como verbetes em um dicionário especializado recente, parece atestar que ambas, mais do que palavras neutras e vazias de sentido, se estabilizaram no léxico dos historiadores contemporâneos.

O tema *sentidos e sensibilidades* pode parecer, aos menos familiarizados, novo no debate historiográfico. Porém, só podemos pensar dessa forma se esquecermos muitas significativas contribuições, tais como as de Johan Huizinga, no seu fascinante *O outono da Idade Média*, de 1919. Ou mesmo aquelas de Paul Zumthor (1993 e 2005), Werner Jaeger (1986), Norbert Elias (1991), Mikhail Bakhtin (1999), Walter Benjamin (2008, 2009, 2012 e 2013), Edward Thompson (1989 e 1998), Carlo Ginzburg (1989 e 2010) e tantas outras referências para aquilo que fazemos nesse domínio, nas mais diferentes tradições historiográficas. Mas é de se supor que foi Lucien Febvre (1985) o primeiro a propor nesses termos a preocupação com as sensibilidades como necessidade premente de uma história social da cultura, ainda na década de 1950. Na sua esteira, Alain Corbin (2005) parece ser o autor que mais tem se ocupado desse domínio, na esfera de influência dos herdeiros dos *Annales*. No entanto, certamente quem se mobilizou pelo estudo da história das sensibilidades foi Peter Gay (1989), sobretudo com a sua monumental obra em cinco volumes sobre a cultura vitoriana. Assim, se podemos pensar em um novo e recente domínio de estudos no âmbito da História da Educação e da Educação Física, não devemos esquecer que esta matéria já é objeto dos historiadores de diferentes extrações teórico-metodológicas há décadas.

Em relação à América Latina, embora seja necessário e prudente percorrer a tradição historiográfica de cada país, algo que os limites do autor não permitem fazer aqui, não é demais lembrar pelo menos a obra de Gilberto Freyre, de 1936, em relação ao Brasil, além dos ensaios históricos do colombiano Willian Ospina (1999 e 2008). Mas quem, de fato, assumiu sem hesitação a rubrica *história da sensibilidade* foi o uruguaio José Pedro Barrán, em 1989.

Um dos traços definidores dessa perspectiva de estudos históricos é a sua face multi ou transdisciplinar. Se Febvre advogava a necessidade de diálogo dos historiadores com o campo da Psicologia, outros dos autores acima citados desenvolveram os seus estudos mirando a Antropologia, a Psicanálise, a Sociologia Histórica, a Filosofia, a Linguística, a Estética e, mais recentemente as chamadas Neurociências. Portanto, esse domínio de estudos nos impele a ampliar os canais de diálogo com os mais diversos campos disciplinares, daí emergir parte do seu fascínio e das dificuldades para a sua realização. Daí a sua fecundidade para um campo como o da

Educação Física, campo interdisciplinar por excelência. Especificamente em um GTT que se ocupa de “histórias e memórias”, história dos sentidos e das sensibilidades pode ajudar a atualizar séculos de preocupações com a educação dos corpos.

Todos aqueles trabalhos, muitos já clássicos, embora não tenham sido pensados para qualquer tipo de história da educação ou da educação física, nos mostram formas de definição, mobilização, estabilização e transformação das sensibilidades, normalmente muito mais afinadas com a educação dos sentidos corporais do que com os discursos ou as ideias pedagógicas. Logo, a emergência de uma preocupação com as relações entre cultura e natureza, com a dimensão material da vida e, conseqüentemente com a corporalidade ao longo da história, fosse na perspectiva escolar ou em outras instâncias educativas, parece ter demarcado este campo de estudos. Assim, pode-se reconhecer este domínio da história como um domínio no qual os sentidos corporais são constantemente mobilizados para a definição ou transformação das sensibilidades, justamente como mostra José Barrán ao sugerir a passagem da cultura “bárbara” ao disciplinamento, na sua obra acima citada, mas também como mostram os trabalhos de Sandra Pesavento (2005), ou os estudos reunidos por Brepohl *et al.* (2012).

Lembremos, com Pesavento (2005), a

[...] sensibilidade como uma outra forma de apreensão do mundo para além do conhecimento científico. As sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana que se encontra no âmago da construção de um imaginário social. O conhecimento sensível opera como uma forma de reconhecimento e tradução da realidade que brota não do racional ou das construções mentais mais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo. Às sensibilidades compete esta espécie de assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade, com os valores e os sentimentos, que obedecem a outras lógicas e princípios que não os racionais. As sensibilidades são uma forma do *ser* no mundo e de *estar* no mundo, indo da percepção individual à sensibilidade partilhada (s.p.).

Se há, então, uma tradição de estudos que se ocupa de compreender em chave histórica as sensibilidades, quando se deu a preocupação com a sua educação, objeto hoje caro ao campo da História da Educação ou da Educação Física, como mostram os estudos reunidos nos volumes dirigidos por Dussel e Gutierrez (2006), Taborda de Oliveira (2012), Pineau (2014) e

Braghini, Munakata e Taborda de Oliveira (2017)?<sup>2</sup> Ou aqueles relacionados especificamente à Educação Física ou dos corpos, como parte significativa do trabalho desenvolvido ou divulgado no âmbito do GTT Memórias do CBCE desde a sua criação, e representados, por exemplo, pelas obras de Soares (2003, 2011), Taborda de Oliveira (2009, 2012, 2014a, 2014b), Taborda de Oliveira e Oscar (2014), Moreno e Segantini (2012), Segantini e Moreno (2015), Silva e Moreno (2015), Dalben (2016), Dalben e Danailof (2009), Terra e Soares (2014), Danailof (2013)?<sup>3</sup>

Muitos aspectos podem ser aqui sugeridos, mas podemos nos ater a três dimensões daquilo que talvez possa ser caracterizado como uma inflexão em direção aos sentidos e às sensibilidades, o qual certamente foi oportunizado pela renovação dos estudos em História da Educação e da Educação Física nos últimos 20 anos, pelo menos.<sup>4</sup>

A primeira delas diz respeito a um tipo de saturação das histórias de caráter generalizante, se não, abstratas. História das ideias, história da pedagogia, história dos discursos, história de amplos movimentos podem servir para muitos domínios inerentes ao conhecimento histórico e como tal devem ser valorizadas. Mas elas sempre nos mantiveram distantes daquilo que faziam as pessoas, os grupos sociais, com as ideias ou com os discursos. Distante da materialidade da vida. Que repostas davam as pessoas, incluindo as pessoas comuns, em diferentes situações, àquilo que as estruturas – sociais, políticas, econômicas – pretendiam impor sobre as suas vidas. Como pensavam o mundo e como a ele reagem? Como se adaptavam ou resistiam? A emergência desse tipo de preocupação permitiu aos historiadores da educação e da educação física se voltarem para o domínio das práticas,

---

<sup>2</sup> Se a educação dos sentidos e das sensibilidades ganha impulso com a renovação historiográfica experimentada sobretudo a partir dos anos 1960 em todo o mundo, embora já estivesse na pauta dos primeiros historiadores dos *Annales* (Corbin, 2005), como vimos ela já estava presente em obras de referência no campo da História desde o começo do século XX, pelo menos. No campo pedagógico, devemos registrar a ocorrência dos verbetes *sensibilitésentiments*, e *sens (Éducationnés)* no *Dictionnaire* de Ferdinand Buisson (1911). Para uma crítica à moda acadêmica em torno da história dos sentidos e das sensibilidades, ver Taborda de Oliveira (2018).

<sup>3</sup> Deve-se reconhecer como a educação das sensibilidades está presente em boa parte da obra de Carmen Lúcia Soares. Seja nas suas preocupações com a educação do corpo, com a vida na natureza, com a ginástica, com a moda e as formas de vestir, com a ocupação do espaço urbano, a autora desenvolve um longo esforço de compreensão histórica do corpo e das suas manifestações, não raro atenta às mudanças de padrões de sensibilidades.

<sup>4</sup> Não é o caso de revisitarmos aqui a tradição constitutiva do campo da História da Educação nos diferentes países do continente. Há vasta produção sobre este aspecto, inclusive em perspectiva comparada. Embora com nuances, parece claro que o seu desenvolvimento se deu a partir de um foco nas ideias pedagógicas, nos suportes legislativos e na análise dos discursos *da e sobre* a educação, ficando a sua “dimensão material”, que dá suporte à dimensão sensível, esquecida ou em segundo plano. Já, no que tange à História da Educação Física, ainda são tímidas as articulações dos pesquisadores brasileiros com os colegas do continente.

dos usos, dos modos de fazer, pensar, agir, sentir. Numa palavra, com as experiências, definidas por Edward Thompson como “exploração aberta do mundo” que se dá no “diálogo entre ser e consciência social” (1978). E a experiência é eminentemente corporal, mobilizando todo o nosso aparato perceptivo na definição das nossas sensibilidades, como esplendidamente nos mostra a vasta obra de Walter Benjamin.

Então, e esse é um segundo aspecto importante, tornou-se necessário questionar as macro-explicações, todas as generalizações, a fim de captar como, a despeito de um sem número de prescrições de como deveria se organizar a vida, ela se organizava a partir do choque de experiências entre instâncias normativas e a vida ordinária dos indivíduos. Se o Estado e as elites dominantes sempre procuraram enquadrar a vida da gente comum, por exemplo, tornava-se imperioso, para além da compreensão dos discursos e das prescrições normativas, entender como se reagia aos mesmos. Ou seja, entre imperativo educativo que previa um tipo de sensibilidade normalmente padronizada, como bem mostram Pineau (2014) e Mercado (2014), e a dinâmica da vida que propunha ou supunha sensibilidades concorrentes (Meurer e Taborda de Oliveira, 2015), toda generalização passou a ser questionada a partir da necessidade da mudança na escala da análise, pois se tornou necessário compreender as respostas emocionais de diferentes indivíduos e grupos aos imperativos sociais, exatamente como propunha Febvre já na década de 1950. Daí o avanço notável, em anos recentes, no campo da História da Educação Física. Ela se deslocou de preocupações generalizantes com a história do movimento ginástico, por exemplo, ou com a história do esporte e do corpo, para estudos de caso que vasculham histórias de diferentes ginásticas, de diferentes esportes e das suas técnicas, de diferentes formas – não apenas escolares – de educar os múltiplos corpos que habitam uma determinada sociedade. E aí entram em cena as preocupações dos pesquisadores com os gestos, as técnicas, as práticas, as roupas, a cultura material, os espaços e tempos etc., enfim, com tudo aquilo que pode ter significado formas de educação física ou dos corpos.

O terceiro aspecto, profundamente relacionado com os demais, parece dizer respeito a uma nova “inflexão em direção ao indivíduo”, nas palavras do filósofo Theodor Adorno. O que podemos chamar de um *giro sensível* parece ter se desenvolvido também das preocupações com indivíduos, grupos ou populações singulares em detrimento das tradicionais formas generalizantes de conceber os seus processos de formação. Assim é que Beltrán e Buitrago (2012) nos mostram como o desejo de silêncio prescrito para as escolas colombianas do começo do século XX tinha que enfrentar-se com a “inquietação e a impaciência” das crianças, que não se

submetiam passivamente aos imperativos reguladores, fossem morais ou estéticos. Da mesma forma, como a definição de feminilidade ou masculinidade, de acordo com os estudos de Sharagrodsky (2008) em relação a Argentina, ou as tentativas de “controle emocional juvenil”, como sugere Toro (2015) no que se refere ao Chile.

Assim, neste âmbito de estudos foram definidas novas formas de olhar para o interior do que acontecia nas escolas (TABORDA DE OLIVEIRA, 2006, 2009; TABORDA DE OLIVEIRA; BELTRÁN, 2008; DI PIETRO; PINEAU, 2008; VIDAL; SILVA, 2010; BELTRÁN, 2012; MARTINS, 2014; TORO, 2015; MUNAKATA, 2012, 2017; BRAGHINI, 2017), mas também surgiram preocupações com a educação em espaços e tempos não escolares, como propõem Taborda de Oliveira (2014), Taborda de Oliveira e Oscar (2014), Arata (2014) e Costa (2014), Dalben (2016), Soares (2011), Danailof (2013), Segantini e Moreno (2012) e tantos jovens pesquisadores que vêm se dedicando a este filão de estudos históricos. É fundamental, pois, reconhecer o débito dos estudos sobre a história da educação dos sentidos e das sensibilidades com aqueles relacionados à história da educação dos corpos, à história da cultura material, à história das práticas escolares, aos estudos da memória etc. Portanto, se estamos diante de um estimulante veio de estudos na História a Educação e da Educação Física, não é demais reconhecer que, menos que um novo âmbito de estudos e pesquisas, a história dos sentidos e das sensibilidades parecia estar dispersano subterrâneo de domínios considerados mais “nobres”, escondidos entre outras preocupações ou interesses dos historiadores de algumas gerações atrás. O fato da rubrica “história dos sentidos e das sensibilidades” ter sido assumida apenas recentemente por muitos pesquisadores, não invalida o reconhecimento de que muito daquilo que foi pesquisado a partir da renovação historiográfica das últimas décadas considerava, direta ou indiretamente, a inflexão em direção a indivíduos singulares, a redução da escala de análise dos processos de constituição das sociedades, bem como o estudo da experiência histórica para além das ideias e dos discursos, sem que isso signifique o seu abandono absoluto.

As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos. Nesta medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a ser capturado no passado, ou seja, a própria energia da vida, a *enargheia*, de que nos fala Carlo Ginzburg. Historiadores se puseram este problema, que passava pelo resgate dos sentimentos, das

formas de agir e pensar de *outros* homens em um *outro* tempo, sentimentos estes que deviam se colocar como uma alteridade ao historiador (PESAVENTO, 2005, s.p.).

## A história dos sentidos e das sensibilidades em diferentes espaços educativos: para além de uma história da escola

Se a história da escola ocupou lugar privilegiado na agenda de pesquisa dos historiadores da educação, assim como a história das ideias e concepções marcou a história da Educação Física até tempos muito recentes, hoje é imperioso reconhecer a multiplicidade de enfoques, problemas e perguntas que a história da educação dos sentidos e das sensibilidades pode suscitar para além da esfera da escolarização ou das ideias gerais sobre os corpos e as suas práticas. Muitos são os esforços feitos em diferentes países, com menor ou maior grau de organicidade, para a compreensão histórica da definição e da transformação das sensibilidades no plano da educação escolar, mas também em relação a outros tempos e espaços de educação social.<sup>5</sup> No âmbito das pesquisas desenvolvidas pelo *Núcleo de Pesquisas sobre a Educação dos Sentidos e das Sensibilidades* – NUPES, o qual integra o *Centro de Pesquisas em História da Educação* – GEPHE, da Universidade de Minas Gerais, Brasil, está estabelecida uma pauta que vem permitindo explorar uma parte dessa rica possibilidade de estudos históricos, a qual têm permitido a produção de monografias de mestrado e doutorado, de estimulantes pesquisa de pós-doutorado, além da formação de jovem pesquisadores através das práticas da iniciação científica.

Esse grupo é devedor de um conjunto muito amplo de relações interinstitucionais. A sua formalização no ano de 2010, na UFMG, em Belo Horizonte, se deu como desdobramento dos resultados de outro projeto desenvolvido desde 2003 na Universidade Federal do Paraná, o qual tinha o seu foco nas relações entre o currículo e a educação do corpo.<sup>6</sup> A partir dos resultados daquele projeto, em 2008, durante o compartilhamento de um estágio de pesquisa realizado no *Centro Internacional de la Cultura Escolar* – CEINCE, em Berlanga de Duero, Espanha, a convite do professor

---

<sup>5</sup> Sobre a noção de educação social e sua multivocalidade conferir: Tiana e Ferrer (2012) e Taborda de Oliveira e Oscar (2014).

<sup>6</sup> Trata-se do projeto *Transformações nos padrões de manifestação e controle corporais na escola elementar paranaense na passagem do modelo doméstico para o modelo graduado (1982-1920)*, financiado pelo CNPq e pela Fundação Araucária. Cabe destacar a longa parceria de Diogo Rodrigues Puchta, Sidmar dos Santos Meurer e Sérgio Roberto Chaves Jr. Pesquisadores de relevada atuação no NUPES/UFMG, são todos interlocutores com os quais tenho o privilégio de dialogar e aprender há mais ou menos 15 anos.

Agustin Escolano Benito, foi delineado um programa de investigação que continua a render frutos (BRAGHINI; MUNAKATA; TABORDA DE OLIVEIRA, 2017), no qual a história da educação dos sentidos se tornou o eixo central. Essa parceria pressupõe uma articulação que envolve pesquisadores do Brasil e de outros países, os quais se mobilizam pelas diferentes possibilidades de abordar historicamente a educação dos sentidos e das sensibilidades. Assim, este grupo é devedor de um pressuposto básico: seja na dimensão científica, estética, ética ou política, toda forma de trabalho intelectual é necessariamente uma aposta na sensibilidade, uma vez que se trata de “intercambiar experiências”, de compartilhar, de *andar junto e andar com, fazer junto e fazer com*.

No que se refere à educação social, a título de exemplo, nos esforços de pesquisa que vimos desenvolvendo podem ser destacados estudos sobre a educação rural e as tentativas de modernizar o campo também pela educação higiênica da sua juventude (GOMES, 2014); sobre a eugenia e as suas prescrições para a educação dos corpos (GALAK, 2014); o uso da fotografia e da rede mundial de computadores na definição da subjetividade contemporânea (BARROS, 2013); a fabricação e circulação de materiais de caráter pedagógico destinados tanto a escolas quanto a museus (BRAGHINI, 2017; BRAGHINI; MUNAKATA, 2017); ou sobre a exploração da cidade como vetor da educação dos sentidos corporais (TABORDA DE OLIVEIRA; OSCAR, 2014).

Em chave escolar ganham relevo estudos que enfocam, por exemplo, a relação entre educação física, natureza e educação dos sentidos (TABORDA DE OLIVEIRA, 2009 e 2012), a constituição histórica dos recreios escolares (MEURER; TABORDA DE OLIVEIRA, 2016), o uso dos livros didáticos para a prática de ginástica na escola primária (PUCHTA; TABORDA DE OLIVEIRA, 2015).

As preocupações com este amplo programa de pesquisas estão enfeixadas na articulação de um conjunto de palavras-chave que mobiliza os pesquisadores ali reunidos e os seus parceiros em outras instituições nacionais ou estrangeiras: trabalho/labor, tempo livre, educação social, formação e sentidos/sensibilidades, acrescidas do multifacetado conceito de modernidade. Essas palavras-chave são, elas mesmas, objeto de escrutínio constante do grupo, na medida em que a sua ocorrência nas diferentes séries documentais que são mobilizadas deve ser o grande balizador da possibilidade dos seus usos. Daí a sua história também estar no horizonte das nossas preocupações, seja naquela perspectiva proposta por Koselleck (2006) ou nos termos sugeridos por Williams (2000). Entre esses descritores

[...] a noção de *sentidos e sensibilidades* vem direcionando nossos estudos. *Sentidos* temos entendido como parte do aparato biológico, responsável pela percepção primária do que nos circunda. Sua educação foi um dos grandes desideratos do movimento de renovação pedagógica disseminado no mundo a partir da década de 1880 [...] e pode ser inscrita no que consideramos possibilidades de educação do corpo. No séc. XIX denotavam [segundo os dicionários da língua portuguesa], entre outros possíveis entendimentos, “a faculdade que têm os homens e os animais de receberem as impressões externas por meio de certos órgãos” (TABORDA DE OLIVEIRA; OSCAR, 2014).

Sendo a estimulação dos sentidos, na sua acepção de janelas para o mundo, fundamental na constituição da multivocalidade da experiência histórica, as considerações sobre essa noção em nossos estudos encaminham para o entendimento das suas relações e interações com as sensibilidades. Estas, caracterizadas pelos dicionários de língua portuguesa do século XIX como

[...] faculdades de sentir ou experimentar impressões físicas inerentes ao sistema nervoso, pela qual o homem e os animais percebem as sensações causadas pelos objetos exteriores ou nascidas no interior”, podem ser consideradas domínio educativo na medida em que se pode ensinar e aprender os usos do corpo. Mas se considerarmos uma das suas outras acepções, aquela que define uma “faculdade para experimentar impressões morais; disposição para experimentar impressões dessa espécie”, então é preciso reconhecer que as sensibilidades são um resultado das respostas que os indivíduos produzem a partir do momento que interagem com o mundo físico ou social (TABORDA DE OLIVEIRA; OSCAR, 2014, p. 176).

Essas respostas, na esteira deste âmbito de estudos, nos permitem indagar todas aquelas perspectivas de grande apelo na tradição ocidental, para as quais apenas a racionalidade pautaria as ações de homens e mulheres na história, conforme sugere Coccia (2010). Estudar a história da educação dos sentidos e das sensibilidades implica considerar que nem todas as respostas dadas pelos indivíduos aos estímulos advindos do meio físico ou social são presididas pelo império da razão. Como bem enuncia Pineau (2014) ao referir-se à dimensão estética, trata-se da conversão “[...] do mundo sensorial dos sujeitos em determinadas sensibilidades [...]” (p. 25). Interessa-nos, ainda em diálogo com o mesmo autor, entender como os sujeitos se apropriam do mundo, de modo que aquilo que subjaz ao epíteto de sensível ou estético se desloca para a ética e a política.



Essa observação é importante na medida em que negamos qualquer tipo de subjetivismo no estudo dos sentidos e das sensibilidades, como por vezes observamos em alguns trabalhos no campo. Se os sentidos são a janela da alma de indivíduos singulares, permitindo a decodificação do mundo físico e cultural, tanto aqueles quanto estes são eminentemente históricos. Logo, são sociais, são compartilhados. Não parece fazer sentido separar cultura e natureza ou indivíduo e sociedade vez que as suas relações são inextricáveis. Apenas uma pretensão esquemática e “positivista” de ciência pode conceber indivíduos desencarnados de relações sociais e de herança cultural, assim como a cultura como um outro da natureza ou a sua superação incontestada. Por isso definimos que

É justamente na educação dos sentidos como uma produtora de novas sensibilidades que localizamos o processo que buscamos interpretar. É em como se dá esse processo, naquilo que os vestígios do passado nos permitem, que concentramos nossos esforços. Nessa busca entendemos, ainda, que sentidos e sensibilidades não são domínios exclusivos da esfera da cultura ou da “natureza”, ainda que a própria história dessa noção deva ser objeto de cautela [...]. Mas pensamos a constituição dos sentidos e das sensibilidades como um problema histórico em uma perspectiva multifacetada, tal como propôs Lucien Febvre quem, certamente não por acaso, aludia ao nosso “complexo afetivo-motor”. São concebidos imbricados com a política, a economia, a cultura, naquilo que as nossas culturas e sociedades mantêm de resquício do que é da natureza ou do mundo físico. Uma história dos odores, a ideia de regressão da audição ou as formas que aprendermos do andar, não são marcas tangíveis da interação entre mundo natural e mundo social que sobrevive e muda em nós? Quando os regimes autoritários ou totalitários desenvolvem uma tecnologia do terror baseada na dor e na crueldade, não é porque capturaram justamente aquele ponto onde cultura e natureza se confundem? (TABORDA DE OLIVEIRA; OSCAR, 2014, p. 176-177).

Partindo, então, do entendimento que a sensibilidade marca profundamente a nossa experiência, e aquilo que ouvimos, vemos, tocamos, cheiramos ou saboreamos é tanto aprendido historicamente, quanto define pela via do nosso aparato sensitivo o que seremos, seguimos por registros – escritos, imagéticos, sonoros – que nos permitam compreender os limites e os alcances possíveis do que vimos chamando de história da educação dos sentidos e das sensibilidades, na particularidade que cada ambiência histórica permite captar. Segundo compreendemos, a sensibilidade não é uma reação passiva dos sujeitos – individuais ou coletivos – aos influxos do meio externo. Antes, é resultado da ação ou da reação dos sujeitos a todo

tipo de afetação dos sentidos, sendo, pois, uma faculdade ativa. Não por outro motivo buscamos na pluralidade de experiências históricas aspectos que possam elucidar os seus fluxos de permanência, mas também os seus momentos de transformação, quando um tipo particular de experiência dá lugar a outras formas de ver, conhecer e sentir o mundo, e sobre ele atuar. Quanto indivíduos e grupos são afetados de maneira que sua experiência seja modificada a ponto de transformar não apenas a eles mesmos, mas, quiçá, as formas como a sociedade e a cultura se organizam.

### **Qual o futuro das pesquisas sobre a história da educação dos sentidos e das sensibilidades?**

Levando em conta os três aspectos antes mencionados, incrementar os estudos na perspectiva da história da educação dos sentidos e das sensibilidades pode significar o refinamento do olhar para a lenta constituição de formas de agir e sentir – e, também, pensar – gestadas no cruzamento das determinações estruturais e da volição individual. Posicionando-se contra as formas arbitrárias de conceber a experiência de diferentes indivíduos ou grupos sociais – “alienados”, “passivos”, “reféns da falsa consciência”, “indiferentes” ou “vítimas” – o estudo histórico das sensibilidades nos mostra que as ações e reações humanas guardam tal complexidade que não podem ser reduzidas a qualquer esquema racionalista simplista. Isso é verdadeiro para as formas de resistências de alunos e professores diante dos imperativos da forma escolar, assim como para as negociações e transgressões operadas pelos trabalhadores no enfrentamento de todo tipo de arbitrariedade e violência do mundo do trabalho, por exemplo. Talvez as suas repostas não sejam aquelas desejadas pelo racionalismo imperante no mundo acadêmico, ou nas formulações dos grandes idealizadores das ideias sobre educação, civilização e cultura. Mas elas são repostas situadas em contextos que nós não vivemos ou mesmo conhecemos, de acordo com os instrumentos disponíveis por homens e mulheres que agem no mundo de formas às vezes radicalmente diferente daquela como nós agiríamos ou gostaríamos de agir. Assim, podemos aprender um pouco com a voz da canção popular:

Parece que reconhecer a pluralidade e a multivocalidade que nos chegam do passado já é, *per sí*, um desiderato político em um ambiente que se acostumou a dar voz prioritariamente àqueles que orbitam em torno ou dentro dos centros de poder. Daí que é preciso cautela com um risco que a história das sensibilidades nos oferece quando se converte em mais uma moda, em uma rica mercadoria no mercado acadêmico. Trata-se justamente do risco do esvaziamento da política. Movidos por algum tipo de curiosidade ou por um irrefreável apreço pelo ameno e o irrelevante, logo,

pelo efêmero, muitos pesquisadores propalam uma hiper subjetivação que inviabiliza qualquer tipo de análise ou projeto onde a política e a cultura comum ainda façam sentido, como se os indivíduos agissem no mundo em completa autonomia ou independência em relação à sociedade ou à cultura. Ora, a resposta sensível de indivíduos e grupos aos influxos que recebem do mundo exterior pelos sentidos são, como vimos, respostas justamente àquilo que tanto o mundo físico quanto o social propõem, impõem, cobram, exigem desses indivíduos ou grupos. Logo, são sempre sensibilidades forjadas em uma ambiência, sem com isso deixarem de ser respostas singulares. Mas são produzidas sempre em relação a alguém ou alguma coisa, sempre para alguém ou alguma coisa. Logo, trata-se não de aniquilar a dimensão ética ou política fazendo loas de indivíduos autocentrados, mas, bem ao contrário, de mostrar que a ética e a política se constroem em plena vida ativa, em plena interação de indivíduos entre si, em um esforço de compreensão recíproca, tensa e muitas vezes conflituosa, sobre o que é ou poderia ser o mundo, a vida, a sociedade.

Pelos seus próprios traços fugidios e não tangíveis, compreender as sensibilidades de outrora nos exige compreender um mundo em constante transformação, onde a experiência é observada não em fluxos lineares de tempo, mas em estilhaços que embaralham os olhares; onde indivíduos afirmam suas maneiras de viver contra todo o tipo de constrangimento, ainda que aquelas maneiras não sejam do agrado dos pesquisadores incapazes de um mínimo de alteridade em relação às experiências de homens e mulheres de outros tempos e lugares; onde a complexidade da vida e do mundo social se mostravam na sua inteireza para além dos jogos prescritos por governos ou grupos sociais dominantes.

Enfim, a história da educação dos sentidos e das sensibilidades não é apenas uma forma nova de lançar luz para problemas velhos, mesmo porque, a despeito do seu caráter de “moda acadêmica”, ela não é tão nova assim. Mas ela permite formular não apenas perguntas diferentes para antigos problemas, mas também novos problemas em relação aquilo que chamamos educação dos corpos ou educação física, seja nas suas formas institucionalizadas ou não. Novos problemas que saltam das lacunas de uma historiografia que concebeu a educação e a educação física apenas como transmissão de ideias cuja nascedouro, normalmente, se localiza em alguns poucos países tidos como “civilizados”, olvidando quase por completo o imenso patrimônio material e imaterial dos grupos, sociedades ou países considerados “subalternos”. Considerando a educação dos corpos em um sentido sempre positivado, como se processos de “civilização” dos costumes, ou de disciplinarização não fossem marcas tangíveis de violência contra as

quais indivíduos ou grupos constantemente reagiram, até para afirmar a sua forma de estar, viver e sentir o mundo contra as formas consideradas mais civilizadas, adequadas ou necessárias por aqueles grupos acostumados a conceber o outro como resto, o que sobra, o que fica fora, o que não conta, como é patente na América Latina.

Ora, sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não-real, do sabido e do desconhecido, do intuído, do pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação. Sonhos e medos, por exemplo, são realidades enquanto sentimento, mesmo que suas razões ou motivações, no caso, não tenham consistência real (PESAVENTO, 2005, s.p.).

O descortinamento deste constante embate entre sensibilidades distintas e, frequentemente concorrentes, já seria estímulo suficiente para tentarmos superar o “mais do mesmo” em relação à história da educação física e da educação, valorizando a polifonia das experiências do passado em uma chave que vá além dos modismos acadêmicos, além da perspectiva eurocêntrica, e que permita avançar em relação ao sentido da história da educação em um continente constantemente açoitado por todo tipo de violência endêmica, historicamente produzida, não raramente atenuada pelas narrativas que tratam a educação como um farol para um mundo melhor. A quem serve este farol e qual o preço a pagar por ele? Talvez o entendimento em chave histórica das sensibilidades em disputa no nosso continente possam ajudar a entender o múltiplos significados da educação e da educação física aqui mobilizados, inclusive aqueles que foram silenciados.

## Referências

- ARATA, N. Formar lectores: sensibilizar espíritus. La organización de la Biblioteca Nacional de Maestros (1870-1906). In: PINEAU, P. (dir.). *Escolarizar losensible*. Buenos Aires: Teseo, 2014.
- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Hucitec-Brasília: Edunb, 1999.
- BARRÁN, J. P. *Historia de la sensibilidad en el Uruguay*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2011.

- BARROS, G. *Retratos imaginários: fotografia, tempo livre e indústria cultural*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- BELTRÁN, C. X. H. El pecado de la gula, los vicios, los excesos del sentido del gusto: hacia la historia de las relaciones entre la alimentación de la infancia y la escuela colombiana a finales del siglo XIX y comienzos del siglo XX. In: TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. (org.). *Sentidos e sensibilidades: sua educação na história*. Curitiba: Editora UFPR, 2012.
- BELTRÁN, C. X.; BUITRAGO, B. N. *Escritos sobre el cuerpo en la escuela*. Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2012.
- BENJAMIN, W. *Obras - libro 1, v. 2*. Madrid: Abada, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Estética y política*. Buenos Aires: Las Quarenta, 2009.
- \_\_\_\_\_. *El París de Baudelaire*. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Rua de mão única/Infância berlinense: 1900*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BERGER, J. *Modos de ver*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2000.
- BRAGHINI, K. As aulas de demonstração científica e o ensino da observação. *Rev. bras. hist. educ.*, v. 17, n. 2 (45), p. 208-234, abr./jun.2017.
- BRAGHINI, K.; MUNAKATA, K.; TABORDA DE OLIVEIRA, M. A (org.). *Diálogos sobre a educação dos sentidos e das sensibilidades*. Curitiba: Editora da UFPR, 2017.
- BUISSON, F. *Dictionnaire de pédagogie et d'instruction publique primaire*. 1911. Disponível em: <http://www.inrp.fr/edition-electronique/lodel/dictionnaire-ferdinand-buisson/document.php?id=3807>. Acesso em: 28 mai. 2017.
- COCCIA, E. *A vida sensível*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2010.
- CORBIN, A. O prazer do historiador. *Revista Brasileira de História*, v. 25, n. 49, p. 11-31, 2005.
- DALBEN, A. Notas sobre a cidade de São Paulo e a natureza de seus parques urbanos. *Urbana - Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade*, v. 8, p. 3-27, 2016.
- DALBEN, A; DANAILOF, K. Natureza urbana: parques infantis e escola ao ar livre em São Paulo (1930-1940). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 31, p. 163-177, 2009.
- DANAILOF, K. A 'educação física' nos parques infantis de São Paulo (1935-1938). *Movimento*, v. 19, p. 167-184, 2013.
- DEMARTINI, Anne-Emmanuelle. Sensibilité(s). In: GAUVARD, C.; SIRINELLI, Jean-François (dir). *Dictionnaire de l'historien*. Paris: Presses Universitaires de France, 2015.
- DUSSEL, I. ; GUTIERREZ, D. *Educar la mirada*. Buenos Aires : Manantial : FLACSO, 2006.
- ELIAS, N. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

- FEBVRE, L. A. sensibilidade e a história. In: FEBVRE, L. *Combates pela história*. Lisboa: Presença, 1985.
- FREYRE, G. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985 [1936].
- GALAK, E. “Cuerpo”, “sujeto” y “política” en la educación de los cuerpos argentina y brasilera: eugenesia y Educación Física entre las décadas de 1920 y 1930. Relatório de estágio pós-doutoral. Programa de Pós-Graduação em Educação e Inclusão Social. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014.
- GAY, P. *A educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GINZBURG, C. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989b.
- GINZBURG, C. *Investigando Piero*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- GOMES, L. R. “Progredir sempre”: os jovens rurais mineiros nos Clubes 4-S: Saber, Sentir, Saúde, Servir (1952-1974). Dissertação – Mestrado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014.
- HUIZINGA, J. *O outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- JAEGER, W. *Paideia*. A formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- KOSELLECK, R. *Futuro passado*. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC/Rio, 2006.
- MERCADO, B. Escolarizar la mirada: arte, estética y escuela (1880-1910). In: PINEAU, P. (dir.). *Escolarizar lo sensible*. Buenos Aires: Teseo, 2014.
- MEURER, S.; TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. A invenção dos recreios nas escolas primárias paranaenses: o lugar da educação do corpo, dos sentidos e das sensibilidades na escola. *Rev. Bras. Educ.*, mar. 2016, v. 21, n. 64, p. 225-247.
- MORENO, A.; SEGANTINI, V. Campos. Conhecer a história pelos cinco sentidos: na cidade com Alfredo Camarate e Machado de Assis. In: TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. (org.). *Sentidos e sensibilidades: sua educação na história*. Curitiba: Editora da UFPR, 2012, v. 1, p. 29-58.
- MUNAKATA, K. Que coisa é coisa das lições de coisas? In: TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. (org.). *Sentidos e sensibilidades: sua educação na história*. Curitiba: Editora UFPR, 2012.
- OSPINA, W. *Las auroras de sangre*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 1998.
- OSPINA, W. *La escuela de lanoche*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2008.
- PESAVENTO, S. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [Enligne], Colloques, mis enligne le 04 février 2005. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/229>. Acesso em: 29 mai. 2017.
- PINEAU, P. (Dir.) *Escolarizar lo sensible*. Buenos Aires: Teseo, 2014.
- PINEAU, P.; DI PIETRO, S. *Aseo y presentación: um ensayo sobre la estética escolar*. Buenos Aires: El Autor, 2008.

- PUCHTA, D.; TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. O livro como ferramenta pedagógica para a inserção da educação física e da ginástica no ensino público primário paranaense (fim do século XIX e início do século XX). *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, v. 37, n. 3, p. 272-279, 2015.
- SEGANTINI, V. C.; MORENO, A. Tateando o corpo: transformações na sensibilidade num pequeno arraial (Belo Horizonte, por volta de 1900). In: MARQUETTI, F. R.; FUNARI, P. P. A. (org.). *Sobre a pele, imagens e metamorfoses do corpo*. São Paulo: Intermeios, 2015, v. 1, p. 389-413.
- SHARAGRODSKY, P. (comp.). *Governar es ejercitar*. Buenos Aires: Prometeo, 2008.
- SILVA, L. P. da; MORENO, A. Em nome da modernidade: uma educação multifacetada, uma cidade transmutada, um sujeito inventado (Montes Claros, 1889-1926). In: JINZENJI, M. Y; MORENO, A. (org.). *Histórias da educação: instâncias educativas - políticas, instituições e cultura material*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015, v. 2, p. 71-100.
- SOARES, C. L. Georges Hébert e o Método Natural: nova sensibilidade, nova educação do corpo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 25, n.1, p. 21-39, 2003.
- SOARES, C. L. As roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte: nova sensibilidade, nova educação do corpo (Brasil, 1920-1940). *Pró-Posições* (UNICAMP. Impresso), v. 22, p. 67-80, 2011.
- TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. (org.). *Educação do corpo na escola brasileira*. Campinas: Autores Associados, 2006.
- TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. Atividade e natureza: a educação física para o ensino primário. In: BASTOS, M. H. C.; CAVALCANTE, M. J. (org.). *O curso de Lourenço Filho na Escola Normal do Ceará*. Campinas: Alínea, 2009.
- TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. *Sentidos e sensibilidades: sua educação na história*. Curitiba: Editora UFPR, 2012.
- TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. “Eu desisto?” Paredes vivas na cidade: conflitos sociais em cartazes produzidos ao longo da década de 1980, no Brasil. *Educ. rev.*, n. 51, p. 175-190, mar. 2014.
- TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. Educação dos sentidos. In: GONZÁLEZ, F.; FENSTERSEIFER, P. (org.). *Dicionário crítico de educação física*. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2014.
- TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. Educação dos sentidos e das sensibilidades: entre a moda acadêmica e a possibilidade de renovação no âmbito das pesquisas em História da Educação. *História da Educação*, v. 22, n. 55, maio/ago.2018, p. 116-133.
- TABORDA DE OLIVEIRA, M. A.; BELTRÁN, C. X. H. Uma educação para a sensibilidade: circulação de novos saberes sobre a educação do corpo no começo do século XX na Ibero-América. *Rev. bras. hist. educ.*, v. 13, n. 2 (32), p. 15-43, maio/ago. 2013.
- TABORDA DE OLIVEIRA, M. A.; OSCAR, L. B. Referenciais teórico-metodológicos nas pesquisas em história da educação: para uma história das relações entre sensibilidades, tempo livre e formação. *Esboços*, v. 21, n. 31, p. 171-193, ago. 2014.

TABORDA DE OLIVEIRA, M. A.; BIANCHINI, P. Educação política no Brasil e na Itália: duas histórias, muitos problemas comuns. *Hist. Educ.*, n. 21, v. 52, maio-ago. 2017, p. 274-294.

TERRA, V.; SOARES, C. L. Anatomia e educação visual. *In: MARQUETTI, F. R.; FUNARI, P. P. A. (org.). Corpo a corpo: representações antigas e modernas da figura humana.* São Paulo: Fap-Unifesp, 2014, v. 1, p. 149-167.

THOMPSON, E. *William Morris: de romântico a revolucionário.* Valencia: Alfonsel Magnanim, 1976.

THOMPSON, E. *A miséria da teoria.* Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

THOMPSON, E. *Costumes em comum.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TORO, P. B. Algunas ideas exploratorias para una historia del control emocional juvenil en la educación secundaria chilena, c.1880-c.1950. *In: FIGUEIREDO DE SÁ, E; SIMOES, R. H. S.; GONÇALVES NETO, W. (orgs.). Circuitos e fronteiras da história da educação.* Vitória: EDUFES, 2015.

WILLIAMS, R. *Palabras-clave: um vocabulário de la cultura y la sociedade.* Buenos Aires: Nueva Visión, 2000.

WILLIAMS, R. *La larga revolución.* Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

ZUNTHOR, P. *A letra e a voz.* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUNTHOR, P. *Escritura e nomadismo.* Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.





## Sobre os Autores

### **Amarílio Ferreira Neto**

Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Mestre em Educação Física pela Universidade Gama Filho (UGF). Professor titular da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), com atuação na Graduação (Licenciatura e Bacharelado) e na Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado), ambas na área da Educação Física. Líder do Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física (Proteoria/Ufes). Suas pesquisas estão relacionadas com as áreas da Educação e Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: teorias da Educação Física, historiografia da educação e da educação física, imprensa periódica, comunicação científica, currículo e cotidiano.

### **André Luiz dos Santos Silva**

Doutor em Ciência do Movimento Humano e pós doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integra o corpo docente do Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale, bem como é docente dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física e Pedagogia na mesma instituição. Coordena o Grupo de Estudos Sobre Relações de Gênero Educação e Violência (GERGEV), onde pesquisa temas afeitos à Violência de Gênero na escola.

### **Andrea Moreno**

Professora titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG). Doutora em Educação pela UNICAMP. Mestre em Educação pela PUC-RJ. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Membro do Grupo de Pesquisas e Estudos em História da Educação (GEPHE/UFMG), da Faculdade de Educação, e do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do

Lazer (CEMEF/UFMG). Atua com História da Educação, História da Educação do Corpo, História da Educação Física e História da ginástica, seus métodos e impressos.

### **Carmen Lucia Soares**

É professora associada (livre-docente) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Possui doutorado em Educação pela UNICAMP (1996). Realizou Pós-Doutorado na Université de Montpellier III, França e na PUC de São Paulo – área de História (2007). Foi professora convidada da Université: Montpellier 2-França (2012); do InstitutUniversitaire de Formations de Maîtres- Montpellier-França (2005 e 2006) e da Universidad de la Republica – Uruguay (2015). É bolsista produtividade – CNPq. Coordenou a Linha de Pesquisa Educação e História Cultural do Programa de Pós-Graduação em Educação – UNICAMP, onde atua desde 1998. É coordenadora de Área Ciências Humanas e Sociais-CHS III (Educação) da FAPESP e editora-adjunta da Revista Pro-Posições.

### **Christiane Garcia Macedo**

Doutora em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pesquisadora egressa do Centro de Memória do Esporte da mesma instituição. Atualmente é professora do Colegiado de Educação Física e do Programa de Pós-graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), integrando o Laboratório de Estudos da Cultura Corporal (LECCORPO) e o Laboratório de Cultura e Escolarização do Corpo no Sertão Nordestino (LABCECS).

### **Edivaldo Góis Júnior**

É Professor Doutor da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha “Educação e história cultural” e no Programa de Pós-graduação em Educação Física, na área de concentração “Educação Física e Sociedade”. É membro do Conselho Científico do Centro de Memória da Unicamp (CMU). É Editor da Revista Conexões. Foi Vice-presidente do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Foi Professor Adjunto da Faculdade de Educação da UFRJ. Tem experiência na área de pesquisa educacional, atuando nos seguintes temas: história da educação, história do corpo e saúde.

## **Elisângela Chaves**

Doutora e Mestre em Educação, Programa de Pós-graduação em Conhecimento e Inclusão Social em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialista em Dança Moderna Educacional e graduada em Educação Física, pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Professora adjunta da área de Dança do Departamento de Educação Física, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG. Docente do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer/UFMG. Coordenadora/Líder do Grupo de Pesquisa. Coordenadora Geral e Acadêmica dos cursos de Educação à Distância – EaD dos Programas Pelc e Vida Saudável da SNELIS/Ministério da Cidadania. Pesquisadora da Rede CEDES.

## **Evelise Amgarten Quitzau**

É formada em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (2008), mestre em Educação Física – área de concentração Educação Física e Sociedade (2011) e doutora em Educação pela mesma instituição (2016). Docente do Instituto Superior de Educación Física, da Universidad de la Republica, Uruguai. Dedica-se a pesquisas relacionadas à história da educação e da educação física, tomando a particularidade da história da ginástica alemã e da imigração nas primeiras décadas do século XX no Brasil. Atualmente dedica-se a pesquisas relacionadas à história do esporte no Uruguai, especialmente desde um ponto de vista regional. Recebeu bolsa FAPESP no mestrado e no doutorado, tendo sido contemplada com bolsa BEPE/FAPESP para realização de estágio de pesquisa junto à Westfälische Wilhelms – Universität Münster, Alemanha (2013).

## **Felipe Ferreira Barros Carneiro**

Doutor e mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), com estágio sanduíche na Universidad Carlos III de Madrid. Professor do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Estado do Espírito Santo. Membro do Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física (Proteoria/Ufes). Suas pesquisas estão relacionadas com as áreas da educação e educação física, com ênfase em bibliometria, cientometria e análise de produção científica.

## **Gustavo da Silva Freitas**

Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Especialização em Educação Física Escolar pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Doutor em Educação em Ciências (FURG). É professor adjunto no Instituto de Educação/FURG atuando no Curso de Licenciatura em Educação Física. Atualmente é secretário adjunto da Secretaria Estadual do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) no Rio Grande do Sul. Tem experiência e interesse de pesquisa em memórias da educação física e do esporte; ginásticas e práticas de aventura na natureza.

## **Joelcio Fernandes Pinto**

Graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutorado sanduíche na Universidad de Valladolid/Espanha e na Faculdade de Educação na Universidade Federal de Minas Gerais. Possui experiência na área de Educação, com ênfase em Fundamentos da Educação, Metodologia de pesquisa, Prática de ensino e Historiografia da Educação Física. Atualmente é coordenador do curso de formação em Educação Física da PUC Minas, membro do GTT Memórias da EF e do Esporte do CBCE, membro do Instituto da Criança e do Adolescente (ICA) e professor externo do Mestrado Profissional da Faculdade de Educação da UFMG.

## **Juliana Martins Cassani**

Doutora e mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Professora do Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC/São Mateus – Mestrado Profissional) e dos Cursos de Licenciatura em Educação Física e Fisioterapia/FVC. Membro do Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física (Proteoria/Ufes). Suas pesquisas estão relacionadas com as áreas da Educação e Educação Física, com ênfase em livros didáticos, imprensa periódica, manuais, compêndios escolares, práticas pedagógicas, currículo e avaliação.

## **Lucas Oliveira Rodrigues de Carvalho**

Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Membro do Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física (Proteoria/Ufes). Suas pesquisas estão relacionadas com as áreas da educação e educação física, com ênfase em livros didáticos, imprensa periódica, manuais, compêndios escolares e práticas pedagógicas.

## **Marcus Aurelio Tabora de Oliveira**

Professor titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG). Doutor em História e Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), realizou estágios de pós-doutoramento na Universidad de Murcia (Espanha) e na Università degli Studi di Torino (Itália). É membro do Centro de Estudos e Pesquisas em História da Educação – GEPHE, e coordena o Núcleo de Pesquisas sobre a Educação dos Sentidos e das Sensibilidades – NUPES, ambos na FAE/UFMG. É bolsista (1C) Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq/Brasil.

## **Maria Cristina Rosa**

Doutora em Educação. Professora da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Membro do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF) da UFMG.

## **Mateus Camargo Pereira**

Docente do Instituto Federal do Sul de Minas – campus de Muzambinho. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente é doutorando em Desenvolvimento Humano e Tecnologias na Universidade Estadual Paulista (UNESP) e compõe o Comitê Científico do Grupo de Trabalho Temático (GTT) Memórias da Educação Física e do Esporte do CBCE. Coordenador do CEMEFEL – IFUSULDEMINAS e ex-coordenador do PIBID subprojeto Educação Física, tem se dedicado à formação de professores e pesquisado o ensino de história da educação física e as práticas pedagógicas da educação física escolar na educação básica.

## Pablo Ariel Scharagrodsky

Doctor en Ciencias Sociales y Humanas por la Universidad Nacional de Quilmes, Magíster en Ciencias Sociales con orientación en Educación por FLACSO Argentina, Licenciado y Profesor en Ciencias de la Educación y Profesor en Educación Física por la Universidad Nacional de La Plata. Es docente investigador en la Universidad de Quilmes en la Licenciatura en Educación y en la Universidad de La Plata en el Profesorado en Educación Física. Sus temas de investigación son la historia de la educación, los procesos de escolarización, la pedagogía, el cuerpo, los géneros, las sexualidades y los deportes. Entre sus últimos libros se destaca *Mujeres en movimiento. Deporte, cultura física y feminidades. Argentina, 1870-1980* (Prometeo Libros, 2016) (editor).

## Paola Dogliotti Moro

Doctora en Educación (UNLP), Licenciada en Educación Física (ISEF) y en Ciencias de la Educación (FHCE-Udelar) y Magister en Enseñanza Universitaria (Udelar). Posgraduada en *Curriculum* y Prácticas Escolares en Contexto (Flacso). Profesora Adjunta bajo el Régimen de Dedicación Total (ISEF-FHCE/Udelar). Autora de diversos artículos en libros y revistas arbitradas nacionales e internacionales sobre enseñanza, *curriculum*, historia de la educación del cuerpo y la educación física. Autora del libro *Educación del cuerpo y discursividades en la formación en educación física (1874-1948)* (2015) y compiladora del libro *Cuerpo, curriculum y discurso. Un análisis de políticas de educación física en el Uruguay* (2018).

## Priscilla Kelly Figueiredo

Professora Adjunta do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (2009). Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG (2016), com período sanduíche na *Université Paris XI* com bolsa PDSE/CAPES (2014-2015). Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2007). Graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa (2003). Integrante do CEMEFEL – Centro de Memória da Educação Física, do esporte e do lazer do DEF/UFS, do GEPHE – Centro de Pesquisa em História da Educação da FaE/UFMG. Professora e pesquisadora de temáticas ligadas à História da Educação, História da Educação Física e das práticas corporais. Tem experiência na área de educação física com ênfase em história da educação

física e história da formação de professores, atuando principalmente nos seguintes temas: história da educação física, metodologia do ensino escolar em ginástica e dança.

### **Sergio Roberto Chaves Junior**

Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Mestrado em Educação pela UFPR e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor adjunto da UFPR, lotado no Departamento de Teoria e Prática de Ensino, Setor de Educação (DTPEN/ED). Pesquisador vinculado aos seguintes grupos: Grupo de Pesquisa História Intelectual e Educação (GPHIE) da UFPR, Núcleo de Estudos sobre a Educação dos Sentidos e das Sensibilidades (NUPES) e Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF), ambos da UFMG. Tem experiência e interesses de pesquisa na história da educação e da educação física.

### **Silvana Vilodre Goellner**

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pós-doutora pela Faculdade do Desporto da Universidade do Porto (Portugal). Professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordena o Centro de Memória do Esporte (CEME) e o Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO). Tem experiência na área de educação física, com ênfase em história e gênero, atuando principalmente nos seguintes temas: corpo, gênero, história do corpo e da educação física e esportes, futebol e mulheres, documentação e informação e memória.

### **Vinícius Demarchi Silva Terra**

Possui graduação em Educação Física, com mestrado e doutorado em Educação. É Professor Adjunto do Instituto Saúde e Sociedade da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), onde coordena o Laboratório de Recursos Audiovisuais e integra o grupo de pesquisa do Laboratório Corpo e Arte (Unifesp). Foi professor da FEF/Unicamp e atuou com gestão cultural e pesquisa no SESC-SP. Atualmente é *visiting researcher* do Dipartimento delle Arti da UNIBO (Itália). Na perspectiva das humanidades, concentra seus temas de pesquisa em educação, corpo e arte. Desenvolve trabalhos artísticos em dança e audiovisual. Tem experiência profissional em equipes multidisciplinares nas áreas de educação, cultura e saúde.



## **Wagner dos Santos**

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor dos Programas de Pós-Graduação em Educação e Educação Física da Ufes (Mestrado e Doutorado). Líder do Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física (Proteoria/Ufes). Suas pesquisas estão relacionadas com as áreas da educação e educação física, com ênfase em avaliação educacional, currículo, formação de professores, história e historiografia. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2.

# Sobre os Organizadores

## **Anderson da Cunha Baía**

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor da graduação (Educação Física) e pós-graduação (Educação) na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Coordenador do Grupo de Trabalho Temático Memórias da Educação Física e Esporte do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Membro dos grupos de pesquisa GEPHE/UFMG e CEMEF/UFMG. Atua nas áreas de formação de professores, história da educação e história da educação física.

## **Pedro Fernando Avalone Athayde**

Doutor em Política Social e mestre em Educação Física pela Universidade de Brasília (UnB). É atualmente vice-presidente do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), professor e coordenador do programa de pós-graduação da Faculdade de Educação Física da UnB. Coordena o Grupo de Pesquisa e Formação em Educação Física, Esporte e Lazer (AVANTE/UnB). Tem experiência na área de políticas de esporte e lazer, sobretudo nos seguintes temas: políticas públicas, orçamento e financiamento, direito e legislação esportiva, análise e avaliação de projetos e programas esportivos e estudos comparados sobre políticas nacionais de esporte.

## **Larissa Michelle Lara**

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2004) e mestre em Educação Física pela mesma instituição (1999). Realizou o Estágio Sênior Pós-doutoral (2017) na Universidade de Bath, Reino Unido (Bolsista CAPES/Programas Estratégicos-DRI). É professora Associada no Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Integra o corpo docente do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM-UEL e do Mestrado Profissional em Rede Nacional (PROEF). É líder do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e

Ludicidade (DEF/UEM/CNPq), editora-chefe da Editora da Universidade Estadual de Maringá (Eduem) e Diretora Científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE).





Este livro foi produzido com a supervisão  
técnica da EDUFRRN, em maio de 2020.



Ciências do Esporte, Educação Física  
e Produção do Conhecimento  
em 40 Anos de CBCE

Volume 2

Memórias da educação física e esporte

O volume 2 – *Memórias da educação física e esporte* – que compõe a coleção *Ciências do Esporte, Educação Física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE*, apresenta narrativas de pesquisadores nacionais e estrangeiros, de diferentes gerações, que foram/são marcantes na criação, na consolidação e na constituição atual do GTT *Memórias...* Encontramos, nesse volume, um “olhar de dentro”, daqueles que, no contato com esse lugar de produção e circulação de conhecimento, anunciam e problematizam o próprio percurso. No seu conjunto, os textos que compõem essa obra contribuem com a preservação da história do GTT (apresentando sujeitos e movimentos que marcaram sua criação e trajetória), com o mapeamento e análise de suas produções, com a evidência das relações internacionais estabelecidas nessa instância, além de problematizarem temas ainda pouco explorados no campo da Educação Física. Ao considerar essa coletânea de textos como uma relevante contribuição para o GTT *Memórias...* e para a História da Educação Física e do Esporte, convidamos o(a) leitor(a) a explorá-la, com as inúmeras possibilidades que ela nos oferece.



SECRETARIA ESPECIAL DO  
ESPORTE

MINISTÉRIO DA  
CIDADANIA



PÁTRIA AMADA  
**BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL